

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO
MESTRADO EM RISCOS, CIDADES E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

O ALTO DOURO NA OBRA DE ORLANDO RIBEIRO

MARIA TERESA VALENTE DE SOUSA GUEDES



PORTO

2010

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Mestrado em Riscos, Cidades e Ordenamento do Território

O ALTO DOURO NA OBRA DE ORLANDO RIBEIRO

MARIA TERESA VALENTE DE SOUSA GUEDES

**Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto
com vista à obtenção do grau de Mestre em
Riscos, Cidades e Ordenamento do Território**

Orientador

Professor Doutor João Carlos Garcia

PORTO

2010

AGRADECIMENTOS

Ao Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, na pessoa do seu Director o Professor Doutor Diogo de Abreu, que autorizou a utilização dos cadernos de campo e fotografias e diapositivos seleccionados do espólio da sua Fototeca.

O desenvolvimento deste trabalho só foi possível graças à colaboração e apoio de um conjunto de pessoas a quem quero expressar a minha amizade e gratidão.

Ao Professor Doutor João Carlos Garcia, amigo e orientador, o meu profundo e sincero reconhecimento pelo incansável acompanhamento, apoio, críticas e sugestões que ao longo do trabalho me proporcionou. As viagens e as saídas de campo constituíram sempre momentos de enorme aprendizagem, para além do indiscutível companheirismo e amizade transmitidas.

À Professora Doutora Suzanne Daveau que prontamente se disponibilizou para nos receber em sua casa, permitindo o contacto directo com o ambiente de trabalho de Orlando Ribeiro, sugerindo caminhos possíveis de investigação e seleccionando e disponibilizando os cadernos de campo.

À Laura pela sua amizade, continua motivação, reflectidas sugestões e preciosa ajuda na elaboração da cartografia e revisão do texto.

À Ângela, amiga e companheira desta longa jornada, o ânimo e a ajuda com que pude sempre contar.

Ao Rui pela preocupação e amizade demonstrada e pela colaboração prestada na formatação do texto e das imagens.

À minha Família, Irmãos, Cunhada e Cunhados, Sobrinhos cuja dimensão se tornaria extensa e, principalmente aos Meus Pais, pelo incentivo, paciência e esforços que desenvolveram para compensar todo o tempo que este mestrado envolveu.

À Linda que sendo geógrafa ficou durante todo este tempo privada da sua *Geografia de Portugal*, que prontamente me cedeu para a elaboração deste trabalho.

Ao Meu Pai pela sua sublime capacidade intelectual, assim como pelas leituras e correcções que efectuou em matéria de escrita e pelo seu testemunho do modo de vida duriense.

À Mãe, também ela mulher do Douro, contadora de muitas das sagas narradas nestes textos, como as desgraças e acidentes de navegação nas barcas de travessia das margens, ou das rogas de vindimadores que via todos os anos deslocarem-se para o vale, pelas compras e refeições que antecipava para me fazer perder o menos tempo possível nas lides caseiras e pelo seu inequívoco apoio.

Ao Miguel, que apesar de nunca ter deixado de acompanhar, “penou” algumas vezes com a minha ansiedade e nervosismo, próprios de um trabalho como este, especialmente para quem nunca deixou de honrar os seus compromissos profissionais e familiares, que este exemplo de persistência possa constituir uma marca ao longo da sua vida.

RESUMO

A figura de Orlando Ribeiro e a sua influência na Geografia de Portugal, na segunda metade do século XX, são incontestáveis. Neste sentido, dirigindo o nosso estudo para uma área geográfica de singular valor paisagístico – o Alto Douro – tentamos compreender de que forma Orlando Ribeiro a construiu na sua obra como unidade regional.

Na primeira parte deste trabalho dirigimos a nossa atenção para a figura do autor, o seu percurso académico e científico, de forma a analisar as influências teóricas e metodológicas dominantes.

A segunda parte consistiu no estudo da evolução da divisão geográfica de Portugal, estudando-se as diferentes propostas e a posição de Orlando Ribeiro relativamente às mesmas. Destacamos por um lado os outros autores, particularmente, os geógrafos, e as suas obras, e por outro, os discípulos e teses orientadas por Orlando Ribeiro sobre a região do Alto Douro.

Na terceira parte recolhemos através do estudo analítico das fontes disponíveis: obra científica editada, cadernos de campo e fotografias, os elementos físicos e humanos que no seu todo formam a unidade de paisagem do Alto Douro. A diversidade de elementos temáticos existentes levou a que neste ponto, seguíssemos a subdivisão proposta pelo próprio Orlando Ribeiro no seu mais conhecido livro *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*.

A quarta parte pretendeu destacar os autores e obras de referência, no Alto Douro de Orlando Ribeiro, assim como a herança entre os discípulos que, nos seus estudos académicos, escolheram esta região como objecto de estudo.

Este estudo pretende constituir uma abordagem à Geografia praticada por Orlando Ribeiro, tendo por base a procura dos elementos fundamentais da leitura de paisagem que o mesmo traçou em relação ao Alto Douro. A sua concepção desta região geográfica tem por base o quadro natural mas principalmente a marca humana visível na paisagem, o que leva Orlando Ribeiro a considerá-la uma paisagem singular e sem paralelo.

O Alto Douro constitui a “ilha mediterrânea” no Portugal Atlântico, uma das mais extraordinárias paisagens rurais construídas do Mundo e que damos aqui a conhecer através do discurso ímpar de Orlando Ribeiro.

Palavras-chave: **Alto Douro; Orlando Ribeiro; Paisagem; Pensamento Geográfico**

ABSTRACT

Orlando Ribeiro and his influence on the Geography of Portugal in the second half of the twentieth century are undeniable. In this sense, by addressing our study to a landscape of high patrimonial value – the Alto Douro – we try to understand how Orlando Ribeiro has seen it as a regional unit.

In the first part of this work, our study is focused on the author, his academic and scientific career, in order to understand the dominant theoretical and methodological principles that influenced him.

The second part is centered on the evolution of the geographical division of Portugal, analyzing the different proposals and Orlando Ribeiro's position on the subject. We also highlight the most important authors and works, as well the disciples and theses supervised by Orlando Ribeiro concerning the natural region of Alto Douro.

In the third part of our study, and through an analytic study of the available sources, we present: the scientific work produced, the field notebooks and photographs and the physical and human elements that, as a whole, make of the Alto Douro landscape a unity. The diversity of the existing thematic elements, led us to follow the subdivision proposed by Orlando Ribeiro in his emblematic book *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*.

In the fourth part we try to highlight the authors and their major works of reference concerning the Alto Douro as seen by Orlando Ribeiro, as well as their influence on the students who chose this region as the object of their academic studies.

This dissertation aims to be an approach to the Geography practiced by Orlando Ribeiro. It is based on the search of the landscape key elements that he set for the Alto Douro. His conception of this natural region is based on the natural features, but mostly on the human visible marks in the landscape, which leads Orlando Ribeiro to consider Alto Douro a unique and unparalleled landscape.

Alto Douro is a “Mediterranean island” in the Atlantic Portugal, one of the most extraordinary rural landscapes known worldwide and that we try to bring out here through the unique geography of Orlando Ribeiro.

Keywords: Alto Douro; Orlando Ribeiro; Landscape; Geographical Thought

ÍNDICE GERAL

| | |
|---|-----|
| Agradecimentos | iii |
| Resumo | v |
| Abstract | vii |
| Índice Geral..... | vii |
| Introdução | ix |
| I Parte – A Construção do Pensamento Geográfico de Orlando Ribeiro..... | 6 |
| II Parte – O Alto Douro na Evolução da Divisão Geográfica de Portugal | 16 |
| 1. A Região e a Divisão Regional | 16 |
| 2. Enquadramento Administrativo e Geográfico | 21 |
| 3. Espaços Tradicionais e Naturais de Terra Fria e Terra Quente | 29 |
| III Parte – A Construção do Alto Douro de Orlando Ribeiro | 34 |
| 1. Elementos Naturais | 48 |
| 1.1 Relevo | 48 |
| 1.2 Clima..... | 58 |
| 1.3 Hidrologia | 61 |
| 1.4 Solos..... | 64 |
| 1.5 Cobertura Vegetal | 66 |
| 2. Elementos Humanos | 68 |
| 2.1 Povoamento | 68 |
| 2.2 Movimentos Populacionais..... | 71 |
| 2.3 Economia e Vida Agrária | 72 |
| 2.3.1 Culturas Arbustivas e Arbóreas | 75 |
| a) Vinha..... | 77 |
| b) Oliveira | 81 |
| 2.3.2 Instrumentos e Práticas Agrárias: os Arcaísmos..... | 84 |
| 2.3.3 Quintas..... | 89 |
| 2.4 Núcleos Urbanos..... | 95 |
| 2.4.1 Cidades..... | 95 |
| 2.4.2 Aldeias | 102 |
| 2.5 Transportes..... | 103 |
| IV Parte – Referências e Influências no Estudo do Alto Douro | 107 |
| 1. Autores e Obras no Alto Douro de Orlando Ribeiro | 108 |
| 2. A Herança Entre os Discípulos | 114 |
| Considerações Finais | 117 |
| Bibliografia | 126 |
| Anexos | 138 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Carta Orographica e Regional de Portugal..... | 22 |
| Figura 2 – Divisões Regionais de Portugal..... | 34 |
| Figura 3 – Divisões Regionais de Portugal..... | 25 |
| Figura 4 – Divisões Regionais de Portugal..... | 28 |
| Figura 5 – Os itinerários de Orlando Ribeiro nos distritos de Bragança, Guarda e Castelo Branco segundo os seus cadernos de campo (1943, 1963 e 1968) .. | 36 |
| Figura 6 – Itinerário do Caderno de Campo 27, 1943 | 38 |
| Figura 7 – Itinerário do Caderno de Campo 55, 1963 | 40 |
| Figura 8 – Itinerário do Caderno de Campo 58, 1968 | 41 |
| Figura 9 – Extracto do Caderno 58, 1966, p. 71a | 42 |
| Figura 10 – Sinclinal de Moncorvo e Vale da Vilariça | 43 |
| Figura 11 – Campo de vales de fractura na bacia do Douro..... | 49 |
| Figura 12 – Encaixe do Douro em Miranda do Douro, na entrada no território português..... | 50 |
| Figura 13 – Esboço do Sinclinal de Moncorvo e Bacia da Vilariça..... | 51 |
| Figura 14 – Sinclinal de Poiares e Anticlinal do Freixo..... | 52 |
| Figura 15 – Encaixe do Douro, do Penedo Durão para sul..... | 53 |
| Figura 16 – Encaixe do Douro no território português..... | 54 |
| Figura 17 – O encaixe do Douro em São Salvador do Mundo..... | 55 |
| Figura 18 – Sobreposição do Alto Douro e depressões anexas, de Orlando Ribeiro, com a litologia | 56 |
| Figura 19 – O Douro..... | 63 |
| Figura 20 – Barragem de Picote | 64 |
| Figura 21 – Tipos de Povoamento | 70 |
| Figura 22 – Sistemas agrícolas dominantes..... | 74 |
| Figura 23 – Douro – Domínio da vinha e oliveira..... | 75 |
| Figura 24 – Amendoeiras..... | 76 |
| Figura 25 – Vale do Balsemão..... | 81 |
| Figura 26 – Vindima | 87 |
| Figura 27 – Carregamento dos cestos para o lagar | 87 |
| Figura 28 – Transporte de uva para o lagar | 88 |
| Figura 29 – Rogadores transportam as uvas para o lagar | 88 |
| Figura 30 – Nota sobre os tipos de armazenamento do vinho..... | 89 |
| Figura 31 – Uma quinta do Douro | 90 |
| Figura 32 – Localização das quintas mais notáveis do Alto Douro em 1876..... | 91 |
| Figura 33 – Estrutura de uma quinta no Douro | 92 |
| Figura 34 – Aspecto parcial da quinta da Roeda no vale do Douro | 94 |
| Figura 35 – Os centros urbanos de Trás-os-Montes | 97 |
| Figura 36 – Freixo de Espada à Cinta..... | 99 |

| | |
|---|-----|
| Figura 37 – Esboço de Freixo de Espada à Cinta | 99 |
| Figura 38 – Vista sobre a Régua..... | 100 |
| Figura 39 – Vista da Régua, tirada da pousada da margem esquerda do Douro a jusante de Lamego..... | 101 |
| Figura 40 – Lamego – Um dos extremos da cidade: casas abrindo para os campos | 102 |
| Figura 41 – Vila do Douro | 103 |
| Figura 42 – Estações e apeadeiros da linha do Douro integrados no espaço durien- se no final do séc XIX..... | 105 |

INTRODUÇÃO

A presente dissertação de Mestrado em Geografia – Riscos, Cidades e Ordenamento do Território, intitulada *O Alto Douro na obra de Orlando Ribeiro*, pretende constituir-se como uma abordagem reflexiva e metodológica sobre a forma como se foi construindo a paisagem do Alto Douro na vasta obra geográfica de Orlando Ribeiro.

A nossa motivação foi, por um lado, poder fazer uma leitura retrospectiva da obra do Mestre, que desde os estudos da licenciatura e, mais tarde, nas aulas de Geografia que ministramos constituem uma referência obrigatória, e, por outro, apesar de correremos o risco de não sermos originais, dada a vasta bibliografia que sobre o Douro se publicou em diversos domínios científicos, dirigirmos o nosso olhar para uma região que continua a suscitar tanto interesse sob o ponto de vista económico e de projecção da imagem de Portugal no exterior. Atribuímos ao trabalho um carácter de ensaio metodológico, privilegiando alguns aspectos que nos parecem não ter sido ainda explorados e que poderão constituir um ponto de partida para outras investigações.

Não podemos deixar de salientar, também, uma motivação de carácter pessoal, uma vez que tendo nascido em Resende e vivido em vários pontos do vale do Douro (Alijó, Régua, Porto) e tendo raízes familiares em Lamego e Resende, toda a infância e adolescência, principalmente as férias passadas no mês de Setembro que acompanhavam a vindima, assim como todas as histórias de vida transmitidas, não nos deixaram escolher outra região senão esta.

O primeiro objectivo deste estudo é o de tentar compreender a construção da região do Alto Douro como unidade geográfica na obra de Orlando Ribeiro, no contexto do pensamento geográfico ibérico do século XX. Assim, para além do trabalho de recolha bibliográfica desenvolvido em Portugal, procuramos também em Espanha, nomeadamente nas instituições universitárias e de investigação científica de Madrid, autores e obras sobre o pensamento geográfico que abrangessem a área em estudo bem como referências à obra de Orlando Ribeiro.

A dualidade em que assenta o título da dissertação – O Alto Douro – por um lado, e o autor – Orlando Ribeiro –, por outro, ainda que ligados pela obra, levou-nos a consagrar uma primeira parte ao estudo do geógrafo e uma segunda dirigida à região.

Relativamente ao estudo sobre o autor, através da leitura de textos autobiográficos e das diferentes análises sobre a figura e obra de Orlando Ribeiro, foi possível traçar o seu percurso científico, e compreender as principais influências teóricas e metodológicas do seu discurso, bem como características inerentes à sua personalidade.

Quanto à região do Alto Douro, procedemos ao estudo da percepção orlandiana face à evolução da divisão geográfica do país. Partimos da leitura de obras de referência de natureza geográfica ligadas à temática das divisões geográfica e administrativa, o que nos permitiu compreender as diferentes tomadas de posição dos geógrafos mais importantes em cada momento, numa tentativa de reter as opções e alterações introduzidas ao longo do tempo, bem como os elementos estruturais em que assentavam cada uma delas. Destacamos ainda os discípulos e os autores cujos estudos mais influenciaram a visão do Alto Douro de Orlando Ribeiro. Em relação a este último ponto tivemos como opção inicial escolher apenas os geógrafos de maior destaque mas o aprofundamento do estudo levou a que incluíssemos Leite de Vasconcellos, que embora médico, etnólogo e etnógrafo, foi o primeiro grande Mestre de Orlando Ribeiro.

O segundo objectivo deste trabalho, e não menos importante, foi o de contribuir para a análise das fontes, metodologias e técnicas de estudo do autor em relação ao Alto Douro.

Assim, a etapa inicial consistiu em seleccionar entre a *Bibliografia Científica de Orlando Ribeiro* as obras produzidas desde 1934 a 1995, cujo conteúdo nos remetia para o contexto espacial em estudo ¹. O critério teve por base a consulta de todas as obras geográficas de conjunto do território português e a selecção dos artigos cujo conteúdo pudesse de alguma forma focalizar a região do Douro. Pensamos terem sido exaustivas as leituras efectuadas. Assim, a partir desses textos e da cartografia temática produzida, retiramos todos os elementos referentes ao Alto Douro, constituindo conjuntos temáticos que nos permitiriam esboçar, em parte, o quadro de paisagem traçado, identificar a

¹ Ana Amaral e Ilídio Amaral (1984); Suzanne Daveau (1996).

metodologia seguida, os autores de referência, e o (s) espaço (s) de identidade e unidade geográfica que se ia (m) delineando.

Procedemos ainda a uma leitura comparativa de três edições de *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*, (1ª ed., 1945; 2ª ed., 1963 e 7ª ed., 1998), a partir da qual se elaborou a correspondente tabela de conteúdo, na tentativa de analisarmos se a visão acerca do Alto Douro, ao longo do tempo, decorrente não só das transformações sócio económicas da região, mas também pela natural evolução intelectual e científica do autor, se teria modificado.

Neste nosso processo de (des)construção constituiu um ponto-chave do trabalho a análise dos elementos geográficos insertos nos cadernos de campo, fotografias e diapositivos relativos à área em estudo, testemunhos preciosos na metodologia de trabalho de Orlando Ribeiro, que a Fototeca do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa colocou ao nosso dispor. A selecção dos Cadernos de Campo foi efectuada pela Professora Suzanne Daveau, de entre o espólio existente, uma vez que os mesmos ainda não se encontravam depositados na Biblioteca Nacional de Portugal, com livre acesso de consulta, ao contrário do material fotográfico. A recolha e utilização destas fontes obrigaram à formalização de um pedido especial ao Centro de Estudos Geográficos, cuja resposta tardia condicionou o início do tratamento e análise das mesmas.

Digitalizamos todas as cópias das páginas seleccionadas dos cadernos de campo, e efectuamos a transcrição em suporte informático com base numa primeira transcrição mecanográfica que já tinha sido preparada por Maria de Lourdes Ribeiro e que a Professora Suzanne Daveau gentilmente nos cedeu. Cotejada a transcrição optámos por manter nas transcrições digitais a estrutura de página dos originais de Orlando Ribeiro o que permitiu um confronto permanente.

Quanto à selecção das fotografias, de entre as mais de 10.000 disponíveis, com um sistema de consulta de ficheiros manuais, constituiu tarefa árdua e com poucos resultados. Não conseguimos seleccionar fotografias de acordo com as datas dos cadernos de campo pois esse registo na catalogação não foi ainda efectuado. Pesquisámos depois por “região”, para Trás-os-Montes e Alto Douro de acordo com os ficheiros disponíveis, mas obtivemos um número reduzido de imagens do autor. Foi em parte por esta razão que decidimos

seleccionar fotografias dos colaboradores mais próximos de Orlando Ribeiro para ilustrar determinados aspectos geográficos da região. A justificação metodológica desta opção encontra-se na nota introdutória da terceira parte da dissertação.

Destacamos também as pesquisas recorrentes efectuadas no sítio *internet* – Orlando Ribeiro que contempla o seu espólio científico e disponibiliza no catálogo cerca de 8500 títulos da biblioteca pessoal, contendo ainda informação biobibliográfica diversa sobre o geógrafo².

Quanto à forma como estruturamos este estudo, para além da introdução, onde se abordam os objectivos e metodologia seguidos, comporta ainda quatro partes distintas que formam o corpo principal do trabalho.

Na primeira parte dirigimos a nossa atenção à figura do autor, ao seu percurso académico e científico, conferindo especial destaque à construção da arquitectura intelectual de Orlando Ribeiro decorrente da confluência de diferentes ideologias e metodologias dos meios universitários nacionais e estrangeiros.

A segunda parte que se inicia com alguns apontamentos de contextualização do papel da Geografia na regionalização dos países europeus, no final do séc. XIX e primeira metade do séc. XX, incide na visão de Orlando Ribeiro sobre a situação do quadro político-administrativo nacional, nomeadamente a posição que defendeu face à criação das províncias, e, concretamente, sobre o Alto Douro. Referenciamos também a *Terra Quente* e a *Terra Fria* como espaços tradicionais pela frequente utilização destas expressões em textos relativos à área em estudo e apresentamos os autores e discípulos que mais influenciaram a construção da unidade de paisagem do Alto Douro na obra de Orlando Ribeiro.

Na terceira parte procedemos ao levantamento e cruzamento dos elementos geográficos recolhidos na análise das fontes que contribuíram para a obra produzida: os textos, os mapas, os cadernos de campo e as fotografias. Estes elementos apresentam-se organizados em pontos temáticos para permitir uma mais consistente leitura de paisagem.

² Disponível em <http://www.orlando-ribeiro.info/home.htm>

A quarta parte é uma reflexão, por um lado, em torno dos autores e obras que mais directamente influenciaram a leitura de Orlando Ribeiro sobre a região e, por outro, a propósito da herança teórica e, particularmente, metodológica, que o autor deixou aos discípulos que trabalhavam sobre o mesmo espaço.

O trabalho termina com as considerações finais, onde se destaca a visão do Alto Douro por Orlando Ribeiro sob o ponto de vista regional e como unidade de paisagem, comentando-se a importância da paisagem como herança a preservar na estratégia do desenvolvimento futuro da região.

I PARTE – A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO DE ORLANDO RIBEIRO

Os estudos regionais dominaram o quadro geral de investigação científica das principais universidades europeias, na primeira metade do séc. XX. Como meios preponderantes de análise do espaço destacavam-se: a abordagem directa da paisagem, a leitura da cartografia de base disponível, e também, uma recolha rigorosa e exaustiva da bibliografia existente. Os materiais produzidos pelo geógrafo, constituem documentos que reflectem a realidade e, nesse sentido, podem e devem ser interpretados.

Nos últimos anos, no quadro dos estudos sobre a evolução do pensamento geográfico, têm-se multiplicado as análises de autores e suas obras, contextualizando-os no âmbito mais vasto da História da Ciência³. As abordagens são bastante diversificadas, das mais estritamente biográficas e memorialísticas, às políticas e sociológicas; sobre autores mais “clássicos” ou sobre os mais contemporâneos. Daremos alguns breves exemplos, próximos em tempo, em espaço e em escola geográfica, do autor que pretendemos estudar – Orlando Ribeiro -, cuja leitura nos serviu de guia para reflectirmos sobre o nosso trabalho⁴.

A abordagem ao discurso científico de Paul Vidal de la Blache, na sua obra emblemática, *Tableau de la Géographie de la France*, efectuada sob a direcção de Marie-Claire Robic, constitui um exemplo de aproximação metodológica⁵. Através de textos de diferentes autores, percorremos: o modo de exposição adoptado pelo geógrafo na sua “viagem” pela França; a análise da cartografia e a divisão do espaço francês; a natureza dos diferentes tempos; o estudo da iconografia vidaliana, a originalidade de Vidal de la Blache e o seu papel decisivo na consolidação da Escola Francesa de Geografia; as características gerais da causalidade vidaliana através da aproximação de “objectos”, como a legenda dos mapas e das fotografias; a recepção da obra no mundo das ciências sociais francesas, sob o ponto de vista epistemológico, e a receptividade da obra durante o séc. XX, particularmente em França.

³ Ver v.g. Peter Gould e Antoine Bailly (2000), sobre as “memórias de geógrafos”, R. Nunes Balbim (2001), sobre o geógrafo brasileiro Milton Santos e E. Martínez de Pisón e N. Ortega Cantero (2007).

⁴ Ver a recente obra de C. Bataillon (2009) sobre a geração dos geógrafos franceses da década de 1930.

⁵ Marie-Claire Robic (2000).

Para além do interesse geral dos textos apresentados, importa reter, concretamente para o nosso estudo, as formas possíveis de aproximação metodológica ao discurso científico. Destacamos a análise da prosa descritiva vidaliana, através dos cadernos de campo que “(...) combine des traits de la tradition realiste qui privilegie les notations visuelles mais aussi sonores ou olfactives qui contribuent à constituer un «effect de réel», en jouant aussi des expressions locales vernaculaires, (...)”⁶, e a análise iconográfica efectuada ao significado das imagens presentes no *Tableau*. Didier Mendibil, destaca acerca das mesma, que “La signification vient aux images dans l’acte iconographique: par la sollicitation d’un texte (un commentaire) ou d’un contexte (une mise en page), qui réduisent et orientent leur polysémie intrinsèque.” E, acrescenta, que na obra, o texto mobiliza a imagem pela introdução de tempo e movimento. O papel das imagens (fotografias e ilustrações) corresponde, a “une véritable «cinématique» du paysage” e por isso, considera que “Vidal de la Blache donne vie à tout ce qu’il évoque.”⁷

Também na obra, *Géographes en pratiques (1870-1945) Le terrain, le livre, la cité*, podemos compreender o método de análise espacial desenvolvido pelos geógrafos franceses, discípulos de Vidal de la Blache⁸. Através de uma análise exaustiva dos mapas, cortes e perfis topográficos, itinerários de excursões, descobrimos as múltiplas formas de estudo e de percepção da Geografia regional francesa, nomeadamente a história da criação dos primeiros institutos e laboratórios, onde se desenvolvem os estudos regionais.

Seguindo a mesma linha metodológica, destacamos o estudo de Heliana Angotti-Salgueiro à obra de Pierre Monbeig⁹. Monbeig viveu num tempo em que os geógrafos pensavam a Geografia historicamente. A Geografia dos herdeiros de Vidal de la Blache (como ele) afirmava-se como «uma ciência das coisas vistas no trabalho de campo», fundada na dimensão visual, temporal e humana”¹⁰. Pierre Monbeig desenvolveu intenso trabalho de campo que registou nos seus cadernos, complementado com numerosas fotografias. H. Angotti-Salgueiro a esse propósito refere: “As cadernetas de campo, apresentam, por vezes, a articulação clássica, *imagem, linguagem, viagem (...)*”¹¹. Esta

⁶ Jean-Louis Tissier in Marie-Claire Robic (2000), p. 23.

⁷ Didier Mendibil in Marie-Claire Robic (2000), p. 88.

⁸ Guy Baudelle *et al.*, (2001).

⁹ Amália Lemos e Emerson Galvani (2009), Monbeig foi um geógrafo francês (1908-1987), fundador da Geografia na Universidade de São Paulo, onde leccionou entre 1935 e 1946, e à qual permaneceu sempre vinculado.

¹⁰ Heliana Angotti-Salgueiro in Amália Lemos e Emerson Galvani (2009), p. 71.

¹¹ *Ibid.*, p. 76.

investigadora, organizou e desenvolveu intensa pesquisa no arquivo pessoal de Monbeig, classificando os documentos e identificando imagens associadas: “Biografia intelectual, arquivística, epistemologia e história da Geografia, análise de sistemas iconográficos da escola francesa e do modo de fotografar específico de Monbeig, articulam-se em relações de equivalência a todos os níveis.”¹²

Seguindo uma perspectiva próxima da que se pretende desenvolver neste estudo, destacamos, na bibliografia espanhola, dois exemplos de abordagem aos discursos de Jean Sermet¹³ e de Manuel de Terán¹⁴, efectuados por Joaquín Bosque Maurel.

Jean Sermet colaborou na *Geografía de España y Portugal* (1955), coordenada por Terán, na parte relativa à Andaluzia, que sempre privilegiou ao longo do seu percurso científico. Sermet defende que: “La Geografía regional es la base de la geografía; lo esencial de la Geografía son las relaciones del Hombre y del Medio, la instalación y las actividades de los hombres en un cuadro trazado por la Naturaleza.”¹⁵ Bosque Maurel estabelece a ligação com os mestres da Geografia francesa que mais influenciaram Semet, destacando: D. Faucher, R. Blanchard, J. Sion, H. Gausson y Ph. Arbos. E conclui, que para o autor, o conhecimento do meio físico é imprescindível em todos os seus elementos, mas, o papel que atribui ao homem na conformação do espaço revela-nos a sua preocupação histórica, tão ao jeito da escola vidaliana. O geógrafo francês, segue uma perspectiva ecológica da região, percebendo o espaço geográfico nos seus múltiplos detalhes, através de intensa investigação baseada na observação directa, em que o ver e o andar, constituíram a essência do seu esforço de investigador, mas não esquecendo todas as outras fontes de conhecimento. Bosque Maurel analisa também o percurso científico e profissional de Sermet, as circunstâncias históricas em que viveu, a sua escolha dos espaços de análise e o método, aspectos que na sua opinião, vão determinar a sua Geografia. Para isso, procede ao levantamento na bibliografia do geógrafo, dos artigos científicos, livros, notas, por tema e lugar, para compreender o peso que determinadas áreas tiveram nos seus estudos.

¹² *Ibid.*, p. 70.

¹³ Jean Sermet (1907-2003), geógrafo francês que defendeu uma tese de doutoramento sob o título “L’Andalousie de la Méditerranée, région géographique espagnole” (Toulouse, 1969).

¹⁴ Manuel de Terán (1904-1984), geógrafo espanhol de reconhecido mérito, elaborou com Solé Sabarís a *Geografía de España y Portugal* publicada desde 1952 por Montaner y Simón e as *Geografías Regional e General de España* da Editorial Ariel. Ver E. Martínez de Pisón e N. Ortega Cantero (2007).

¹⁵ J. Sermet *apud*. Joaquín Bosque Maurel (1992), p. 227.

Da mesma metodologia de análise se socorre, Bosque Maurel, na aproximação que efectua à obra do geógrafo espanhol, Manuel de Terán (1904-1984). Contabiliza a sua obra nas diferentes categorias: livros, folhetos, artigos de revistas científicas, notas informativas, traduções, colaborações e recensões. Alude ainda à diversidade temática e à influência da sua obra nos meios científicos e culturais espanhóis e cita os mestres mais importantes na sua formação universitária. Na tentativa de “decifrar” o método, Bosque Maurel compreende que Manuel de Terán privilegiou o estudo de espaços vividos, através da observação da paisagem e de fontes documentais. Tal como Orlando Ribeiro, Manuel de Terán defendeu no estudo geográfico a importância de “(...) «pisar» concienzudamente el objeto estudiado, visualizar sus rasgos paisajísticos, convivir con sus habitantes, conocer sus reacciones, sus obras e sus problemas.”¹⁶ No final, conclui-se que Manuel de Terán estabeleceu sempre uma análise privilegiada entre o particular e o geral, enraizada nos princípios da história humana, com amplo fundamento na sua formação familiar e universitária.

Destas e outras formas de “olhar” os geógrafos e as suas obras nos socorremos para iniciarmos a abordagem ao *Alto Douro na obra de Orlando Ribeiro*, captando nestas leituras, metodologias e caminhos possíveis de aproximação ao discurso científico do geógrafo.

Ao procurarmos as influências que determinaram o pensamento geográfico de Orlando Ribeiro é necessário ter presente, em primeiro lugar, o que ele próprio nos narra, nos textos coligidos e apresentados pela Professora Suzanne Daveau¹⁷. Afirma o autor num texto, redigido em 1946 e retocado em 1969, até há pouco inédito que: “(...) na impossibilidade de obter uma boa preparação no campo da Geografia procurei-a ao menos em duas ciências afins: com o professor Ernest Fleury, do Instituto Superior Técnico, desembarcei-me na geologia de campo; no admirável seminário que era a casa de Leite de Vasconcellos, durante seis anos de intenso convívio, familiarizei-me com os problemas e a técnica da Etnografia – e estas foram as bases de toda a minha preparação ulterior em

¹⁶ Joaquín Bosque Maurel (1992), p. 183.

¹⁷ Suzanne Daveau (2008-b), p. 85-93.

Geografia Física e em Geografia Humana.”¹⁸ Ao longo de toda a sua vida académica, Orlando Ribeiro não vai deixar de lembrar o que aprendeu no convívio com aqueles que sempre considerou como seus mestres, Ernest Fleury, geólogo suíço, de quem diz dever tudo o que lhe foi permitido aprender em Portugal no domínio da observação de campo, e, principalmente com José Leite de Vasconcellos, cuja casa era uma “*oficina de erudição*”¹⁹.

Também Ilídio do Amaral referiu, numa conferência que teve lugar na Biblioteca Orlando Ribeiro, em Lisboa, em 2005, e seria publicada na revista *Finisterra*, que “Orlando Ribeiro licenciou-se em Ciências Históricas e Geográficas quando os dois ramos de conhecimento estavam intimamente ligados, com a Geografia transformada numa espécie de parente pobre, mero acólito da História”. Foi mesmo considerada por muitos como uma “ciência auxiliar da História”²⁰.

Não admira, portanto, que um jovem doutor tão interessado numa carreira científica ligada à Geografia, como nos diz no seu texto já citado²¹, procurasse contactar outras universidades e outros cientistas. Assim, logo em 1937 (um ano após o seu doutoramento), e já a frequentar em Paris, o Instituto de Geografia da Faculdade de Letras da Sorbonne e o Laboratório de Geografia Física da Faculdade de Ciências da mesma universidade, sentiu as deficiências da preparação obtida na Universidade de Lisboa. Nos anos que passou em Paris (1937-1940), Orlando Ribeiro manteve convivência estreita com dois grandes geógrafos, Emmanuel de Martonne e Albert Demangeon, que compartilhavam a direcção científica do Instituto de Geografia, então o maior pólo mundial da investigação geográfica. Aí estabeleceu relações duradouras com estudiosos de outras nacionalidades, só interrompidas pela II Guerra Mundial.

Dos contactos entre o Professor de Martonne e Orlando Ribeiro surgiu a iniciativa de realizar em Lisboa, o 1º Congresso Internacional de Geografia do pós-guerra, o que foi um sinal do grande apreço que de Martonne tinha por Orlando Ribeiro²². Quanto a Albert Demangeon, que faleceu em 1940, foram assíduos os contactos dele com Orlando Ribeiro, referindo Susanne Daveau a propósito dessa relação: “ (...) ouvi-lhe bastantes vezes evocar

¹⁸ Orlando Ribeiro (2008), p. 101.

¹⁹ Suzanne Daveau (2008-a), p. 24.

²⁰ Ilídio Amaral (2008), p. 45.

²¹ Orlando Ribeiro (2008), p. 101.

²² Ver Mariano Feio (1984).

com gosto as longas conversas que tinha com Demangeon, ao descer a rue Saint Jacques depois das aulas, à hora de almoço”²³.

Importante foi também a convivência com o geógrafo alemão Hermann Lautensach, que Orlando Ribeiro conheceu em 1938, em Amesterdão. Em Portugal, percorreram juntos em 1943, as terras de Trás-os-Montes, de Bragança até ao Douro, e toda a Cordilheira Central, afirmando Orlando Ribeiro que assim recebeu um “precioso complemento de uma informação germânica filtrada pelo grande poder de síntese e de crítica”²⁴. Foi então que nasceu o projecto de uma *Geografia de Portugal*, escrita em comum e que, protelada várias vezes, acabou por nunca ser elaborada.

Deve ainda recordar-se que, após a Guerra Civil de Espanha (1936-39), Orlando Ribeiro manteve importantes ligações com geógrafos espanhóis, tendo viajado com eles através de várias regiões da Península e de Marrocos. “Aquando do seu Doutoramento *Honoris Causa* pela Universidade Complutense de Madrid, em 1985, Orlando Ribeiro recordará as suas relações científicas e de amizade com muitos dos nomes célebres das Ciências da Terra e da Cultura espanhola contemporânea: Eduardo e Francisco Hernández Pacheco, Ramón Menéndez-Pidal, Amando Mélon, Eloy Bullón, Manuel de Terán, L. Solé Sabarís, Salvador Llobet, Llopis Leadó, J.M. Casas Torres, J. García Fernández, J. Bosque Maurel, J. Vilá Valentí e Floristán Samanes.”²⁵

Da confluência de tão variadas fontes se foi construindo a arquitectura mental do professor e cientista, sempre atento à evolução ideológica dos meios universitários europeus no campo da Geografia e das ciências afins. Assim, não podemos deixar de abordar aqui algumas das influências teóricas e metodológicas que integram definitivamente a obra de Orlando Ribeiro, nomeadamente as que decorrem da designada escola francesa e dos seus seguidores.

Num estudo sobre *Teoria y Método de la Geografía*, António M. Higuera Arnal, aborda os princípios de Vidal de La Blache, segundo os quais o meio, ao contrário do que afirma o determinismo geográfico, não “determina” o Homem, antes lhe oferece possibilidades. Daqui, decorre a doutrina do possibilismo, cujo fundamento é o de que

²³ Suzanne Daveau (2008-a), p. 26.

²⁴ *Ibid.*

²⁵ João Carlos Garcia (1998), p. 111. Ver A. Cabo Alonso (1998).

“(…) el Hombre aprovecha las posibilidades que la naturaleza le ofrece de acuerdo com su cultura, tradición y formas de organización.”²⁶ Dentro deste quadro epistemológico, o conjunto de técnicas e formas de organização que o Homem põe em jogo para usufruir daquelas possibilidades e subsistir levam-no a desenvolver determinadas condições de vida que constituem o que Vidal denomina “Género de Vida”.

Tal como haviam feito Humboldt e Ritter, mentores do pensamento geográfico da primeira metade do século XIX, Vidal de la Blache sustenta a unidade da Natureza, na qual se inclui o Homem. Segundo o autor “ (…) existe un médio complejo dotado de un potencial capaz de agrupar y de mantener juntos seres heterogéneos en cohabitación y correlación recíproca.”²⁷ No desenvolvimento da análise geográfica, aborda Higuera Arnal (depois do problema da situação do objecto), o interessante tema da observação, que segundo ele consiste em “(…) dirigir la atención hacia un objecto com alguna finalidad,”²⁸ e pode-se revestir de várias modalidades (directa ou sensorial, indirecta ou instrumental e documental ou diferida), conforme a natureza e características do objecto a observar. A propósito da observação directa, defende o autor, na obra acima citada, ser esta imprescindível uma vez que se exerce sempre sobre a “realidade”.

Esta concepção metodológica relativa à observação, era já no início do século XX preconizada por Vidal de La Blache, no seu ensino universitário: ele, não defendia que os seus discípulos fossem sábios de gabinete, exclusivamente voltados para a solução de problemas de Geografia histórica, mas que abordassem a Geografia pelo conhecimento do terreno e dos trabalhos de campo. E fala de Antropogeografia e não de Geografia humana, rejeitando as discussões “Sorbonicolas”²⁹ sobre esta última. Parecia-lhe estéril a erudição em que durante muito tempo a Geografia se acantonou, em detrimento do trabalho de campo. Defendeu a Geografia regional, que mais tarde incrementou, a Geografia rural, a Geografia urbana e também a Geografia económica, a Geografia política e a Geografia física, sobre a qual Vidal nunca deixou de insistir, sendo relevantes os seus estudos sobre Biogeografia, Climatologia e Meteorologia.

²⁶ António M. Higuera Arnal (2003), p. 30.

²⁷ Vidal de la Blache *apud*. António M. Higuera Arnal (2003), p. 30.

²⁸ António M. Higuera Arnal (2003), p. 267.

²⁹ Paul Claval (1998), p. 121. Sobre esses conceitos reflecte Orlando Ribeiro nos seus textos, de 1934.

A propósito da concepção metodológica, dirá mais tarde Orlando Ribeiro, no II Colóquio Ibérico de Geografia (Lisboa, 1980) que: “(...) todo o pensamento científico se alimenta tanto da recollecção objectiva da realidade – a observação em Geografia – como da conceptualização teórica que permite os processos lógicos de descrever e interpretar.”³⁰ Assim, ocorre acentuar as influências que, para além das já referidas, os vidalianos tiveram sobre a formação de Orlando Ribeiro.

A meteórica evolução científica posterior à sua estada em Paris, culmina no XVI Congresso Geográfico Internacional de Lisboa, em 1949, o qual “(...) ha sido un hito fundamental en la Geografía lusitana. Y no fue menos en la vida de Orlando Ribeiro. (...) Pero, además, hizo de Orlando Ribeiro una figura dentro del escenario mundial de la Geografía, convirtiéndose en un representante destacado de los planteamientos conceptuales y epistemológicos de la escuela geográfica que tiene su origen en Paul Vidal de La Blache, com cuyos discípulos más o menos inmediatos estudió y colaboró”.³¹ Segundo Bosque Maurel, desse Congresso saíram confirmados os estudos de Lautensach, aos quais se seguiram, mais tarde, os de Pierre Gourou e Gaetano Ferro, o que teve enorme importância para a afirmação da Geografia nos meios académicos nacionais e para um maior reconhecimento internacional do Centro de Estudos Geográficos, criado por Orlando Ribeiro em 1943. Deste modo iniciou numerosos laços de carácter profissional e institucional, para além das suas velhas e sempre estreitas relações de amizade que o Congresso afirmou e fez crescer.

Posteriormente, Orlando Ribeiro publicou importantes estudos, entre os quais destacamos “Portugal”, editado em Barcelona, em castelhano, em 1955, como volume V da *Geografía de España y Portugal*, dirigida por Manuel de Terán e, principalmente, o livro *Mediterrâneo, Ambiente e Tradição*, editado pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 1969, e traduzido em italiano em 1972. Gaetano Ferro termina assim o prólogo da obra: “Es esta la mejor demostración de que la cultura geográfica no esta hecha de elucubraciones y abstracciones, sino de la atenta y perspicaz observación de los hechos... y de su interpretación, inteligente e iluminada aunque simple.”³²

³⁰ Orlando Ribeiro *apud*. João Carlos Garcia (1998), p. 112. Sobre o trabalho de campo de Orlando Ribeiro, ver Fernando Rebelo (2008), p. 40-44.

³¹ Joaquim Bosque Maurel (1992), p. 198.

³² *Ibid.*, p. 201.

Para Orlando Ribeiro a síntese estava feita e os caminhos para a atingir claros no seu espírito: “A Geografia é, ao mesmo tempo, uma ciência de base e de convergência, um ponto de partida e um lugar de encontro: como uma encruzilhada, portanto, onde se chega e donde se sai por vários caminhos. O geógrafo sabe, como o naturalista, que o mundo físico e biológico está em perpétua transformação. Mas, comparado com a fugacidade de uma vida, ele é qualquer coisa que permanece.”³³

Tudo ponderado, não é difícil concluir que como afirma Ilídio do Amaral, “Orlando Ribeiro estava aberto a todos os modernismos epistemológicos e atento às várias escolas de pensamento, mas a sua aceitação dependia de reflexão ponderada.”³⁴ Era crítico, mas demonstrou sempre um espírito atento face a novos modelos e caminhos de investigação. “Nunca procurei formar ninguém à minha imagem e semelhança e, se influenciei todos os que trabalharam comigo, deixei-lhes a maior liberdade de orientação dentro das exigências indispensáveis de rigor e reflexão.”³⁵ Com estas palavras termina Ilídio do Amaral o seu artigo de tributo a Orlando Ribeiro, agradecendo-lhe o seu lado humanista e o seu legado científico.

Orlando Ribeiro na parte final do último texto da sua obra *Originalidade da Expansão Portuguesa*, sublinha o carácter do seu “(...) humanismo científico, através de métodos objectivos de uma ciência ao mesmo tempo de base e de convergência, que considera o homem no mundo e no tempo e, a partir das suas necessidades materiais, se eleva às supremas criações do espírito; exemplo do amor e da emoção com que, tratando de coisas vivas, procuro que elas não morram ao transferi-las para as aulas e para o papel.”³⁶

Pode concluir-se, tal como Veiga Simão, no seu texto sobre Orlando Ribeiro, que este “(...) sabe que a natureza se imita, que um grão lançado à boa terra produz, que um princípio lançado num bom espírito floresce.”³⁷ E acrescenta, citando Infeld e Einstein: “Na tentativa de perceber a realidade, nós somos de certa forma como uma pessoa que tenta perceber o mecanismo de um relógio fechado. Essa pessoa vê o mostrador, os ponteiros e até houve o tique-taque, mas não tem meios para abrir a caixa. Se o homem for

³³ Orlando Ribeiro *apud*. José Veiga Simão (2008), p. 64.

³⁴ Ilídio do Amaral (2008), p. 46.

³⁵ Orlando Ribeiro *apud*. Ilídio do Amaral (2008), p. 56.

³⁶ *Ibid.*, p. 47. Sobre o estudo da expansão portuguesa nas regiões tropicais por Orlando Ribeiro, ver José Ramiro Pimenta (2010).

³⁷ José Veiga simão (2008), p. 59.

engenhoso, pode imaginar um mecanismo que poderá ser responsável por tudo aquilo que observa, mas nunca poderá ter a certeza de que o mecanismo por si imaginado é o único que pode explicar as suas observações.”³⁸

³⁸ *Ibid.*, p. 65.

II PARTE – O ALTO DOURO NA EVOLUÇÃO DA DIVISÃO GEOGRÁFICA DE PORTUGAL

1. A Região e a Divisão Regional

A Geografia recebe por duas vezes, no fim do séc. XVIII e no final do séc. XIX forte influência das Ciências Naturais, o que vai originar quadros epistemológicos distintos na sua definição enquanto Ciência. O espírito naturalista que domina o Século das Luzes traduz-se numa leitura romântica da paisagem. A análise estética aproxima o geógrafo do artista, sensível à beleza das formas naturais, como o reconhecemos na prosa de Alexandre de Humboldt. No final desta centúria o geógrafo esforça-se por descrever sistematicamente os diferentes elementos da paisagem, adquirindo a observação uma estrutura científica, sem contudo procurar estabelecer a génese das formas observadas. O objectivo é enumerar e estabelecer classificações racionais, e interrogar-se sobre o seu significado e impacto sobre o Homem. O papel das sociedades humanas surgia referenciado de forma isolada, reduzido à enumeração de lugares habitados, países e divisões administrativas.

No final do séc. XIX a introdução da ideia de “ambiente” por parte da Ecologia leva à redefinição dos conceitos geográficos de espaço, paisagem e região geográfica³⁹. De facto, esta deixa de ser uma região de características físicas homogéneas, passando a ser entendida como um conjunto homogéneo de elementos naturais locais, interpretado e modificado pelo Homem, assumindo assim a Geografia, a sua dimensão humana e social, que passará a estar em evidência na Escola Francesa.

As primeiras grandes teses regionais são desenvolvidas entre 1905 e 1908 e colocaram em destaque os discípulos de Vidal de La Blache como Albert Demangeon, Raol Blanchard, Jules Sion ou Camille Vallaux, que passam a dominar nas décadas seguintes a Escola Geográfica Francesa⁴⁰. A escolha de espaços regionais como objecto de estudo e o método preconizado constituiu, na época, uma ruptura com a Geografia

³⁹ “(...) l’espace (une juxtaposition de milieu), du paysage (traduction sensible du milieu), ou de la région géographique (la mise en oeuvre par l’homme du cadre de milieu homogènes que constitue la région naturelle).” Paul Claval (1997), p. 113.

⁴⁰ Paul Claval (1998), p.119. Considera o autor que o percurso de Jean Brunhes e de Emmanuel de Martonne são um pouco diferentes.

praticada até então pelos «sábios de gabinete» que procuravam soluções para os problemas eruditos colocados essencialmente pela Geografia histórica.

Vidal de La Blache defendia como método privilegiado a experiência no terreno através de um consistente trabalho de campo, como nos diz Paul Claval: “C’est en parcourant, si possible à pied, les routes et les chemins d’un pays, en observant ses paysages, en parlant avec ses paysans, ses artisans et ses notables, que l’on découvre de quoi est faite la réalité géographique, celle où se débattent les gens dans leur vie de tous les jours.”⁴¹

A abordagem regional e a sua ênfase nas relações ecológicas explicam o gosto manifestado pelos vidalianos sobre as regiões rurais, sobretudo as que não tinham ainda sido objecto de transformações modernas profundas. Uma vez escolhida, a região passava a ser estudada em duas vertentes: o meio físico (Geologia Clima, Hidrografia, ...) e a ocupação humana (o modo de vida, o comércio e a circulação, ...), estando o peso dado a cada uma dependente da natureza empírica da região e das preferências pessoais do investigador⁴². Obra de referência como protótipo de estudo regional é a *Picardie* de A. Demangeon cuja estrutura foi seguida por muitos outros vidalianos, pelo equilíbrio na abordagem entre a Geografia física e a Geografia humana.

Esta Geografia regional vai servir de suporte científico a diferentes opções políticas, em matéria de organização do espaço e estabelecimento de novas divisões administrativas e também na definição e anexação de territórios fora da Europa. Leia-se a propósito da Geografia praticada por Vidal de La Blache: “C’est un Homme de devoir et un savant modeste, qui se défie de tout emportement passionnel. Mais la géographie qu’il propose sert parfaitement les intérêts idéologiques de la III République et de la société de la fin du siècle.”⁴³

No início do século XX, a França, ao contrário de muitos outros países europeus, possuía já as cartas administrativa e geológica, na escala de 1/80 000, o que possibilitou decalcar os limites das regiões geográficas sobre as regiões naturais, de base geológica. Este procedimento, se por um lado permitiu estabelecer uma análise comparativa e

⁴¹ *Ibid.*, p. 122. Ver também a este propósito, Jean François Deneux (2006), p.72.

⁴² Anne Buttimer (1980), p. 90.

⁴³ Paul Claval (1998), p.118.

estabelecer conclusões sobre a forma como o Homem tirou partido das condições naturais e adaptou o seu modo de vida, por outro, condicionou a análise regional à sua dimensão ecológica, levando ao esquecimento, por parte de muitos geógrafos, da necessária dialéctica das escalas nas teses desenvolvidas, segundo Paul Claval. No contexto da I Guerra Mundial, seria Henri Hauser,⁴⁴ inspirado por Vidal de la Blache, a apelar ao Ministro francês da Indústria a elaboração de uma nova divisão regional da França, em grandes regiões económicas, com o propósito de facilitar o planeamento do esforço industrial do país⁴⁵.

Durante o conflito os trabalhos científicos praticamente pararam mas numerosos geógrafos foram chamados para integrar diferentes comissões de trabalho, tendo por missão estudar o problema da fronteira com a Alemanha, as futuras fronteiras da Europa central e oriental, e a anexação e reivindicação de novos territórios⁴⁶. A influência da Escola Geográfica Francesa estende-se aos meios académicos europeus.

Os geógrafos britânicos seguiam atentamente a evolução científica em França onde as monografias regionais escritas como provas para os graus académicos mais elevados incluíam alguns trabalhos de grande qualidade e onde o *Tableau de Géographie de la France*, de Vidal de la Blache (1903), mostrou exemplarmente a relação entre a vida agrícola e a paisagem natural. O desafio para produzir uma geografia regional da Grã-Bretanha surgiu em 1926, quando o National Committee decidiu publicar um volume de ensaios para o Congresso Internacional da UGI, realizado em Cambridge, em 1928, surgindo *Great Britain: essay in regional geography*, que contou com a colaboração de vinte e seis autores⁴⁷.

Também em Espanha, no último terço do séc. XIX e o primeiro do séc. XX o problema regional é amplamente discutido especialmente no plano político. “Por razones várias, el modelo territorial centralista sustentado por la división provincial de 1833 (...) fue progressivamente cuestionado desde diversos sectores ideológicos, tanto progressistas como tradicionalistas, que defendieron, en su lugar, un modelo de Estado descentralizado,

⁴⁴ Henri Hauser (1866-1946) foi um eminente economista, historiador e geógrafo francês.

⁴⁵ Paul Claval (1998), p. 150.

⁴⁶ “Quarante-cinq membres de la Société de Géographie de Paris sont mobilisés par ces recherches, De Martonne, De Margerie, Louis Raveneau, Gallois, Augustin Bernard et Franz Schrader en particulier.” *Ibid.*, p. 151.

⁴⁷ T.W. Freeman (1980), p. 132.

y en el que las regiones históricas asumieran poderes políticos o administrativos amplios.”⁴⁸

Durante os anos de 1930 surge um forte regionalismo cultural e político, levado a cabo pela Catalunha, País Basco e Galiza com fortes níveis de apoio social e eleitoral que culminou com a aprovação da autonomia política das regiões que voluntariamente o solicitaram. Este processo seria abolido pela ditadura de Francisco Franco (1939-1975) que praticou um exacerbado nacionalismo, reagindo violentamente a qualquer manifestação de regionalismo autonomista.⁴⁹ Os 40 anos de oposição e negação de identidades regionais não só não acabaram com as aspirações de autonomia como as radicalizaram e estenderam a outras regiões, desenvolvendo-se fortes movimentos separatistas que manifestam hoje a sua luta contra o poder central. Já no caso da Itália e da Alemanha o regionalismo não se declarou da mesma forma “(...) Itália y Alemania parecen tener más amortiguado el problema, acaso por lo reciente de su configuración estatal, que se refuerza en este segundo país por uma estructura federal dotada de autogobierno importante.”⁵⁰

Nas primeiras décadas do séc. XX também a Portugal chegaram as influências regionalistas europeias, podendo encontrar-se artigos na imprensa que aludem a esta questão⁵¹. Chegaram a realizar-se vários Congressos Regionais num movimento que Amorim Girão justifica, acima de tudo, decorrente da conjuntura económica do momento, que impunha a necessidade do país proceder a uma especialização da produção⁵².

Na proposta regional que esboça em 1930, decorrente dum trabalho iniciado em 1927 e publicado na revista *Biblos* da Universidade de Coimbra, Amorim Girão enquadra claramente as suas opções conceptuais: “(...) expondo o conceito científico do termo região, de harmonia com ideias gerais que são afinal, as da escola geográfica francesa de Vidal de La Blache, Lucien Gallois e Jean Brunhes, apresentamos um esboço de carta

⁴⁸ Francese Nadal (1995) *apud*. António Gil Olcina e Josefina Gómez Mendoza (2007), p. 581.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 582.

⁵⁰ F. Espiago e R. Hernández *apud*. Aurelina Moreira de Vasconcelos (2007), p. 10.

⁵¹ “Em 1913, o jornal *O Século* estimulou a realização de reuniões de carácter regional considerando que essas eram fundamentais para diagnosticar os problemas de cada região e encontrar estratégias para os resolver ou, pelo menos, para os minimizar, conduzindo à realização de alguns Congressos de carácter regional.” Aurelina Moreira de Vasconcelos (2007), p. 19.

⁵² Os Congressos “(...) de Trás-os-Montes, o do Algarve e dois Congressos regionais das Beiras – ao mesmo tempo que por todo o país se organizam associações regionalistas de diversa natureza.” Aristides de Amorim Girão (1930), p. 2.

regional em que todos os elementos e factores que se inscrevem sôbre a superfície do solo foram tomados em consideração (...)”⁵³.

Em 1930 foi nomeada uma Comissão encarregue de estabelecer uma nova organização territorial que contemplasse o restabelecimento da divisão provincial, “Assente em critérios geográficos que privilegiassem condições estruturalmente homogêneas, agrupando os elementos nacionais com afinidades marcantes quer sob o aspecto do clima, do território e das condições de produtividade, quer sob o aspecto das comunicações e meios de acesso para com tais elementos criar definitivamente em Portugal, agregados administrativos com base natural e social.”⁵⁴ Constituiu-se assim uma comissão multidisciplinar, composta por: Amorim Girão, geógrafo; Mendes Corrêa, médico mas acima de tudo antropólogo; Pereira de Sousa, geólogo e Lopes Dias jurista, todos reconhecidos publicamente pelo seu contributo científico nacional e internacional. Esta Comissão apresentou a divisão do país em 13 regiões seguindo a proposta já esboçada nos estudos anteriormente realizados por Amorim Girão. A proposta territorial defendia a continuidade de preservação dos distritos que durante um século deixaram marcas profundas e enraizaram-se nos hábitos e cultura da população portuguesa, surgindo assim um problema de coincidência entre a carta regional e a administrativa. Especialmente no Alto Douro, não se encontra qualquer semelhança entre o limite regional proposto e os dos distritos abrangidos.

As alterações no sistema administrativo que tiveram lugar em 1936 com o novo Código Administrativo, da autoria de Marcello Caetano, aprova o estabelecimento de onze províncias das treze inicialmente propostas pela Comissão, ficando a província do Alto Douro anexa à de Trás-os-Montes e a Beira Transmontana à Beira Alta. Orlando Ribeiro vai em diferentes momentos, através de uma Geografia de base científica, demarcar-se da tentativa de aproveitamento dos elementos geográficos, por parte de alguns grupos políticos, para estabelecimento de novas divisões administrativas, diferenciando-se a este nível da posição defendida por Amorim Girão paladino do regionalismo institucional. O debate não ficou encerrado. Politicamente a questão da regionalização continuava em

⁵³ Aristides de Amorim Girão (1930), prefácio, p. vi.

⁵⁴ José António dos Santos, *apud*. Aurelina Moreira de Vasconcelos (2007), p. 20.

debate, associada na maior parte dos casos a um discurso que pretendia acima de tudo a descentralização do poder do Estado.

2. Enquadramento Administrativo e Geográfico

O tema da divisão regional de Portugal, foi sempre motivo de enorme interesse e discussão, quer no meio académico, quer no meio político. No seu estudo sobre “A Geografia e a Divisão Regional do País,”⁵⁵ (1957), Orlando Ribeiro oferece-nos uma visão diversificada desta problemática, defendendo que apesar das Províncias deixarem de ter significado com as reformas administrativas do Liberalismo, continuam a existir como “unidades sentimentais”, prevalecendo um certo sentimento de pertença e de afirmação dos seus habitantes⁵⁶. Quanto aos distritos afirma que (à excepção de Setúbal, desmembrado de Lisboa em 1926), criados em 1835, apesar de constituírem divisões heterogéneas, “(...) continuam a ser a divisão fundamental do país.”⁵⁷ Todavia, ocorre esclarecer que a divisão do país em regiões naturais ou regiões geográficas (expressões aliás de carácter não coincidente) não se identifica com as motivações político-administrativas, antes assentando em razões de natureza científica e na definição de uma certa homogeneidade de caracteres comuns a cada uma, que as distinga das regiões vizinhas.

Importa ressaltar aqui os estudos, comentados por Orlando Ribeiro, de Virgílio Taborde, sobre o *Alto Trás-os-Montes* (Coimbra, 1932), que considera ser “(...) até hoje, entre nós, espécie única.”; de B. Barros Gomes, que formulou a sua divisão num Atlas acompanhado de texto, as *Cartas Elementares de Portugal* (Lisboa, 1878), “obrinha” (sic) que Orlando Ribeiro considera basilar para o conhecimento da terra portuguesa e em que se esboça pela primeira vez a divisão do País em três grandes conjuntos naturais, a que se ajustam os factos essenciais da geografia humana: *Norte Atlântico, Norte Transmontano e Sul* (ver fig. 1).

⁵⁵ Orlando Ribeiro (1957-a). Texto da comunicação apresentada no Centro de Estudos Político-Sociais, a 9 de Janeiro de 1957, e publicado pelo mesmo Centro, na colectânea intitulada “Problemas de Administração Local”.

⁵⁶ “(...) os seus filhos têm consciência (quando não orgulho!) de pertencer, como designações de referência tanto a formas de paisagem, a tipos de economia, ao carácter dos habitantes; a austeridade de Trás-os-Montes, a tenacidade do Beirão, a arboricultura algarvia, etc.” Orlando Ribeiro (1957-a), p. 240.

⁵⁷ Diz Orlando Ribeiro, que a despeito da sua heterogeneidade aparente, os distritos não são divisões puramente arbitrarias e que procuraram um certo equilíbrio na área, na população e na relação com os centros principais, sendo “(...) justo reconhecer que mais de um século de vigência dos distritos, durante a qual se organizou a rede moderna de comunicações do País, as relações que criaram, a atracção das suas capitais, deu a esta divisão administrativa já uma certa tradição, que atenuou, por força, o que de arbitrário possa ter havido no seu estabelecimento.” *Ibid.*, p. 241.

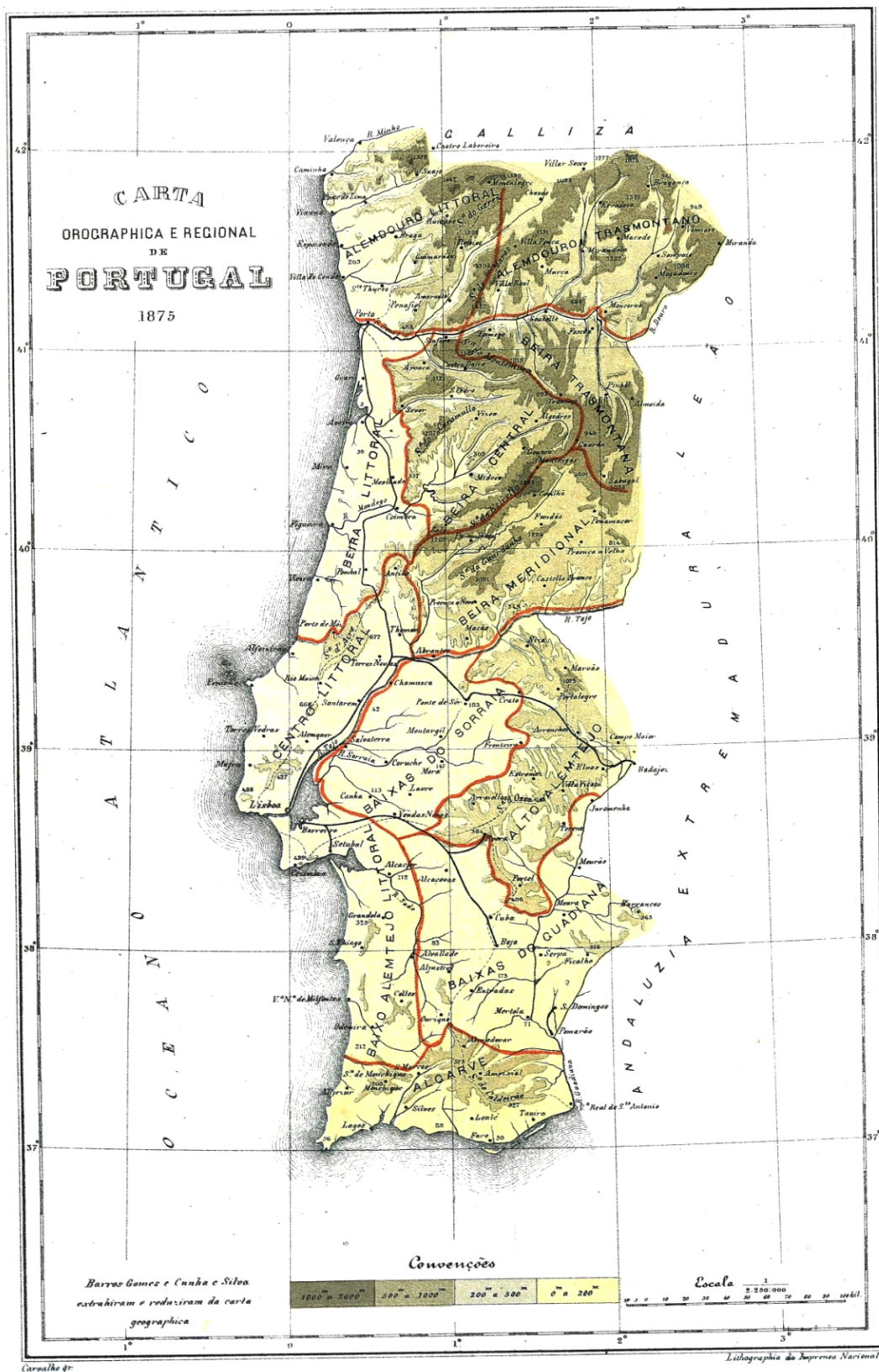


Fig. 1 – Carta Orográfica e Regional de Portugal.
(Ext. Bernardino Barros Gomes, 1878, s. p.)

Baseia-se a mesma divisão no clima, na oposição do relevo e na ausência ou raridade de massas montanhosas no Sul, sendo a novidade desta divisão, na opinião de Orlando Ribeiro, o facto de assentar nas condições naturais e ter rompido com a tradicional divisão em províncias, ainda que não de forma integral uma vez que “continua a conceder aos dois rios principais o papel de limites geográficos de primeira importância.”⁵⁸

Analisa depois Orlando Ribeiro a proposta de Amorim Girão (ver fig. 2), *Esboço de uma carta regional de Portugal* (Coimbra, 1ª ed., 1930), cuja novidade consiste em consagrar as divisões do Alto Douro, Baixo Douro e Ribatejo, que constroem a sua individualidade com base nos rios que lhes servem de elemento estruturador. Isto sem esquecer os factos humanos, separando, por exemplo, o Baixo Douro, (em parte por esta região ter como centro a cidade do Porto) do Minho; e valorizando, «as zonas de relevo» como factor divisório e de demarcação do “convívio entre os povos e definindo o seu natural centro de acção.”⁵⁹ Deste estudo resultou, no essencial, a subsequente divisão regional (13 regiões e 11 províncias), numa arrumação que Orlando Ribeiro considera pouco feliz (eventualmente também por motivos políticos), pois deu origem a “áreas híbridas” como Trás-os-Montes e Alto Douro, uma província reunindo espaços muito distintos⁶⁰.

Não deixa Orlando Ribeiro de citar Hermann Lautensach, autor da primeira *Geografia de Portugal* no quadro da moderna ciência geográfica (Leipzig, 1932 e 1937), que delineou uma divisão em quinze regiões (ver fig. 3), tendo sido esta, ainda que simplificada e com ligeiras alterações que o autor seguiu em vários trabalhos⁶¹.

⁵⁸ E acrescenta o autor: “Nas linhas gerais, esta divisão que o autor fundamentou nas espécies florestais dominantes é válida ainda hoje e vários trabalhos meus a adoptam e confirmam com muitos exemplos.” *Ibid.*, p. 243.

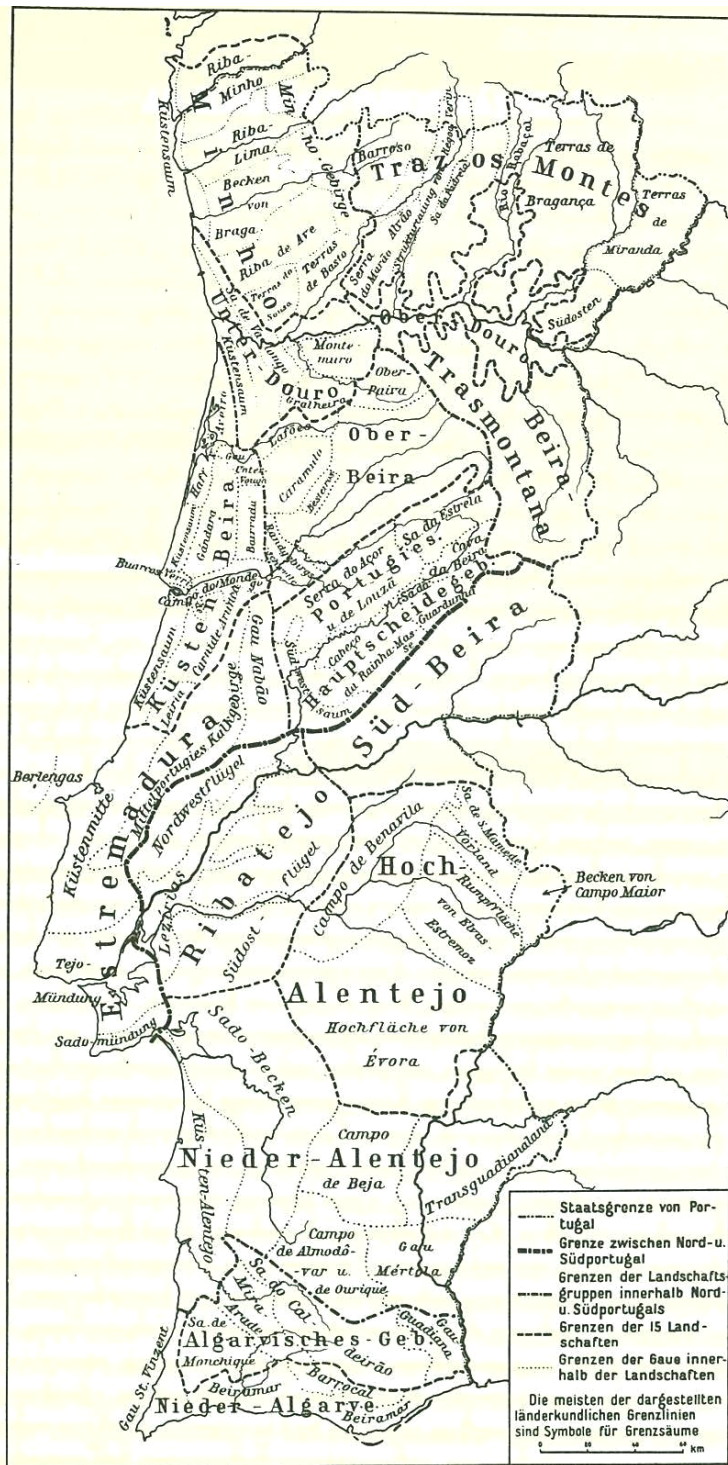
⁵⁹ A. de Amorim Girão *apud*. Orlando Ribeiro (1957-a), p. 244.

⁶⁰ O próprio Amorim Girão chamou “várias vezes a atenção para a dificuldade, se não impossibilidade, de fazer coincidir a região natural ou geográfica com a circunscrição política ou administrativa” *Ibid.* p. 244.

⁶¹ Orlando Ribeiro (1957-a), p. 245. Em nota de pé de página Orlando Ribeiro adverte que não é da sua responsabilidade o mapa das divisões regionais inserido no vol. V de *Geografia de España y Portugal*, (Barcelona, 1955), assim o não são também os frequentes contra-censos e obscuridades da tradução...remetendo o leitor para o volume *Portugal* (S. N. I., 1946).



Fig. 2 – Divisões Regionais de Portugal.
(Ext. A. de Amorim Girão, 1949, p. 382)



As divisões regionais de Portugal.
Figura 33 da obra original de Lautensach, 1937.

Legenda: (de cima para baixo): Fronteira de Portugal; Limite entre Portugal Setentrional e Meridional; Limite dos conjuntos regionais no quadro do Portugal Setentrional e Meridional; Limite das 15 regiões; Limite das comarcas dentro das regiões. A maior parte dos limites lineares simbolizam faixas de transição. [Indica-se a seguir, em itálico, a terminologia alemã, quando difera da portuguesa].

I. Portugal Setentrional

- | | | |
|--|---|--|
| <p>1. Fachada do Alto Portugal (Vorderes Hochportugal)</p> <p>a) Minho Ora litoral (Küstensaum) Riba Minho Riba Lima Bacia de Braga (Becken von Braga) Riba de Ave Terras do Sousa Terras de Basto Serras do Minho (Minho-Gebirge)</p> <p>b) Baixo Douro (Unter-Douro) Serra de Valongo Ora litoral (Küstensaum) Montemuro Gralheira</p> <p>c) Beira Alta (Ober-Beira) Alto Paiva (Ober-Paiva) Lafões Caramulo Besteiros Maciço Marginal (Randgebirgs-schwelle)</p> <p>d) Cordilheira Central (Portugies.-Hauptscheidegeb.) Serra da Estrela Serra do Açor e (u.) de Lousã Ora sudoeste (Süd-westsaum) Maciço de Cabeço da Rainha (Cabeço da Rainha Masse) Serra da Gardunha Cova da Beira</p> | <p>2. Interior do Alto Portugal (Hinteres Hochportugal)</p> <p>a) Trás-os-Montes Barroso Serra do Marão Alvão Vale estrutural de Régua-Verim (Strukturultung von R.-V.) Serra da Padrela Terras de Bragança Terras de Miranda Sueste (Südostem)</p> <p>b) Beira trasmontana</p> <p>c) Alto Douro (Ober-Douro)</p> | <p>3. Centro Litoral (Mittel-Küstenportugal)</p> <p>a) Beira Litoral (Küsten-Beira) Ria de Aveiro (Haff Aveiro) Ora litoral (Küstensaum) Comarca do Baixo Vouga (Gau Unter-Vouga) Bairrada Gândara Bairrada Buarcos-Verride Campo do Mondego Carnide-Arunca Leiria</p> <p>b) Estremadura Comarca do Nabão (Gau Nabão) Serras calcárias do Portugal Central (Mittelportugies.-Kalkgebirge) Centro Litoral (Küstenmitte) Berlengas Foz do Tejo (Tejo-Mündung) Foz do Sado (Sado-Mündung)</p> |
|--|---|--|

II. Portugal Meridional

- | | |
|---|--|
| <p>1. Baixo Portugal (Niederportugal)</p> <p>a) Ribatejo Margem noroeste (Nordwestflügel) Lizírias Margem sueste (Südostflügel)</p> <p>b) Beira Baixa (Süd-Beira)</p> <p>c) Alto Alentejo (Hoch-Alentejo) Campo de Benavila Serra de São Mamede Sopé (Vorland) Superfície de erosão de Elvas-Estremoz (Rumpffläche von Elvas-Estremoz) Planalto de Évora (Hochfläche von Évora)</p> <p>d) Baixo Alentejo (Nieder-Alentejo) Bacia do Sado (Sado-Becken) Litoral alentejano (Küsten-Alentejo) Campo de Beja</p> | <p>2. Algarve</p> <p>a) Serra Algarvia (Algarvisches-Geb.) Serra de Monchique Mira-Arade Serra do Caldeirão Comarca do Guadiana (Gau Guadiana)</p> <p>b) Baixo Algarve (Nieder-Algarve) Comarca de São Vicente (Gau St. Vincent) Beiramar Barrocal</p> |
|---|--|

- - - - - Staatsgrenze von Portugal
 - - - - - Grenze zwischen Nord- u. Südportugal
 - - - - - Grenzen der Landschaftsgruppen innerhalb Nord- u. Südportugals
 - - - - - Grenzen der 15 Landschaften
 - - - - - Grenzen der Gau innerhalb der Landschaften
 Die meisten der dargestellten länderkundlichen Grenzlinien sind Symbole für Grenzsaume
 0 100 km

Fig. 3 – Divisões Regionais de Portugal.
(Hermann Lautensach, ext. Orlando Ribeiro, 1987-1991, p. 1239)

Resumindo o essencial das contribuições destes três autores, Orlando Ribeiro afirma: “Barros Gomes deu especial atenção às condições de exposição e relevo e aos aspectos climáticos deles decorrentes; Amorim Girão, aos rios, como elemento de unificação, e aos factores humanos, principalmente no domínio da vida de relação; Lautensach às massas de relevo e às condições da estrutura do solo. (...) Por isso estes trabalhos constituem a base de tudo o que venha a dizer-se sobre o assunto.”⁶²

Também Silva Telles, em 1929, havia proposto uma divisão regional de Portugal, na obra *Aspectos geográficos e climáticos*, substituindo o termo “regiões” por “compartimentos”, estabelecidos com base nas características morfológicas, climáticas, topográficas e de latitude, o que lhe permitiu estabelecer sub-regiões ou quadros geográficos distintos que Orlando Ribeiro considera terem sido caracterizados com “muita finura”⁶³. Orlando Ribeiro pensava que os critérios de Silva Telles, na tentativa de diferenciação regional, se aproximavam dos de Barros Gomes, ao considerar como pressupostos as condições de relevo, exposição e clima “(...) dentro de um conceito «naturalista» da Geografia que adoptou e ilustrou no seu ensino e nos seus escritos.”⁶⁴

Profundamente debruçado sobre a questão da divisão geográfica, Orlando Ribeiro conclui que, no essencial, uma divisão geográfica se caracteriza não apenas pelas condições gerais de clima e posição, mas ainda pelas particularidades da natureza do relevo, do solo, do manto vegetal e das marcas da presença humana, o que tudo dará ao habitante a sensação de “não sair da mesma terra.”⁶⁵ Influem na divisão, portanto, o apelo regional, a facilidade das relações espaciais, a eventual organização de um território em volta de uma cidade importante, mas deve evitar-se a confusão entre circunscrições administrativas e divisões geográficas, confusão essa que, como afirmava Orlando Ribeiro, muitos geógrafos não evitaram.

Coloca ele em relevo um aspecto que urge focar, por estar relacionado com o tema deste estudo: “Um rio profundo pode constituir, para as relações humanas, um

⁶² *Ibid.*, p. 246.

⁶³ *Ibid.*, p. 165.

⁶⁴ Orlando Ribeiro foi aluno de Silva Telles em 1930 e, a propósito do seu Mestre, diz com sentida admiração: “(...) Com emoção evoquei-o em Finisterra para mostrar, antes do fim da minha carreira, que não fora eu o primeiro geógrafo da minha escola.” Orlando Ribeiro (1989), p. 411.

⁶⁵ Orlando Ribeiro (1957-a), p. 246.

obstáculo ou um limite e, todavia, marcar um tracto da mesma natureza, apenas um acidente pouco importante. Por isso, um criterioso agrupamento das unidades regionais portuguesas não pode «reportar-se à tríplice divisão do país pelos rios Douro e Tejo, que tão fatal tem sido entre nós, nos estudos geográficos» (Amorim Girão), pois numa bacia fluvial poucas vezes deixam de apresentar-se caracteres comuns a ambas as margens”⁶⁶.

Do mesmo modo afirma que, as montanhas, só podem opor-se como uma barreira aos fenómenos do clima, e portanto à decorrente vegetação e economia, formando em si um todo, ainda quando as influências ou relações que se estabelecem nos seus flancos originem diferentes matizes ou transições para as planuras envolventes.

Sem prejuízo do notório desenvolvimento económico e social ocorrido no País desde a época do referido estudo de Orlando Ribeiro, o que de algum modo altera as premissas das suas conclusões, deve ter-se em atenção que a determinação dos limites geográficos está dependente não só das massas de relevo como também da natureza dos solos, da sua cobertura vegetal e aptidão agrícola, como factores de riqueza económica.

No contexto do que vem a ser explanado, defende Orlando Ribeiro que as divisões principais de Portugal são determinadas pelo contraste entre as influências mediterrânea e atlântica e, pela sua atenuação como o afastamento do litoral. Norte Atlântico, Norte Transmontano e Sul, três «divisões fundamentais da terra portuguesa», subdivididas em 23 regiões naturais, constitui a proposta de divisão regional geográfica de Portugal de Orlando Ribeiro que ilustra a primeira edição de *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, publicado em 1945 (ver fig. 4).

⁶⁶ *Ibid.*, p.247.

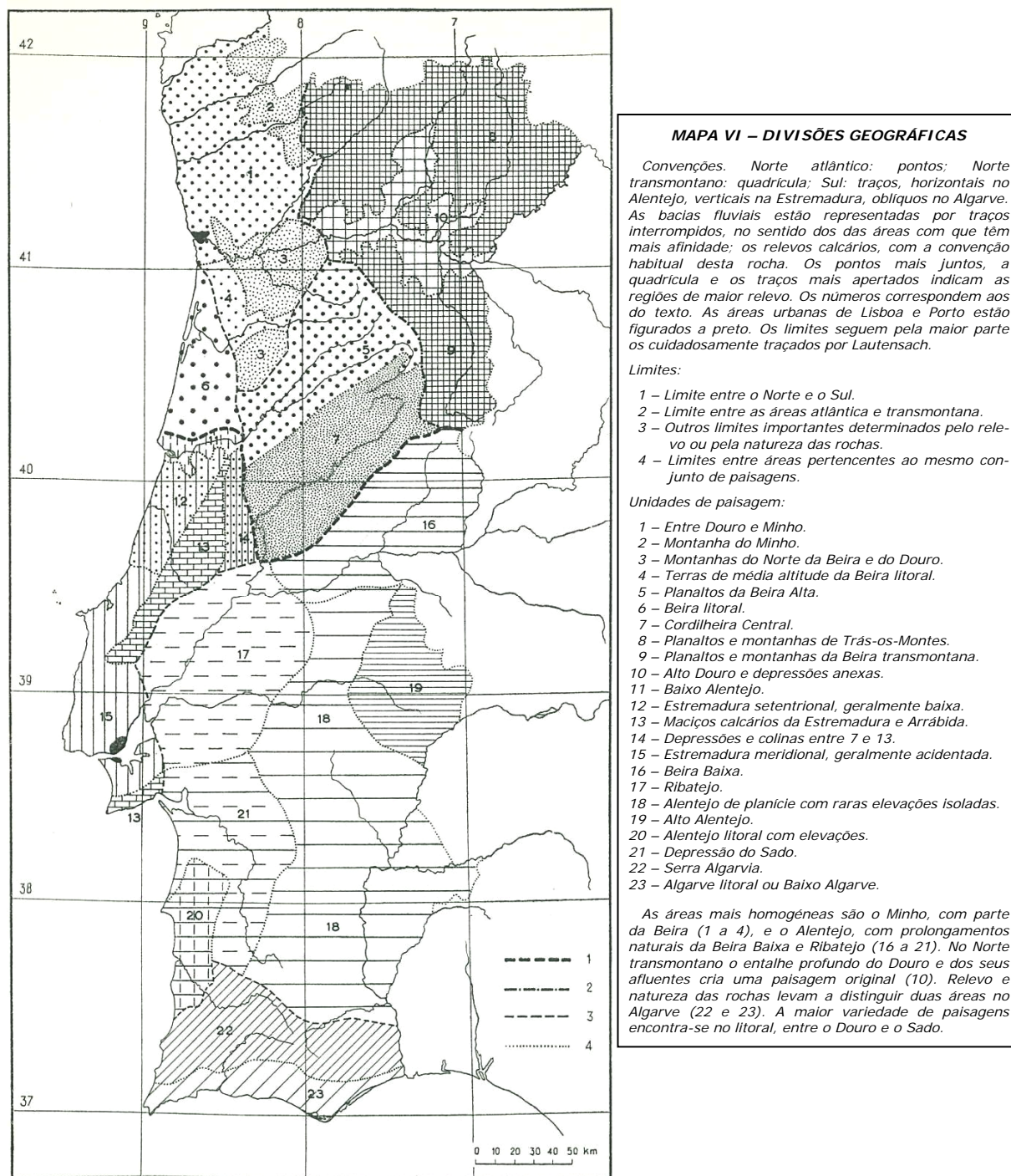


Fig. 4 – Divisões geográficas de Portugal.
(Ext. Orlando Ribeiro, 1998, p.188-189)

Esta divisão tripartida deve recordar-se, nada tem a ver com o “(...) repartimento do país para fins administrativos, pois os objectivos de uma divisão administrativa são diferentes.”⁶⁷ Para o demonstrar, diz Orlando Ribeiro, basta atentar nos casos em que a divisão administrativa engloba regiões “dissemelhantes”, como acontece com o Alto Douro, não se compreendendo que uma circunscrição administrativa que abranja as áreas de Bragança à Guarda, exclua a área do Douro e a drenada pelos seus afluentes principais.

Orlando Ribeiro defende que os limites da divisão administrativa não são de índole propriamente geográfica, embora os desta possam fornecer elementos importantes para uma remodelação administrativa devidamente elaborada.⁶⁸ A propósito de todos os trabalhos científicos atrás referenciados considera Suzanne Daveau que: “As bases da divisão regional geográfica de Portugal estavam doravante postas e bem postas, sendo difícil, de futuro, propor modificações de pormenor significativas.”⁶⁹

3. Espaços Tradicionais e Naturais de Terra Fria e Terra Quente

O uso dos termos e expressões geográficas, especialmente no que diz respeito aos estudos regionais requer enorme cuidado, pois, dependendo da escala de análise a que se desenvolvem os estudos geográficos, as divisões e subdivisões regionais adquirem nomenclatura e importância distintas. Por tal razão consideramos pertinente aludir, ainda que de forma breve, para o Nordeste português, que enquadra a nossa área de estudo, ao significado que diferentes autores atribuem às expressões, *Terra Fria* e *Terra Quente*, às quais se fará referência em diferentes momentos. Estas expressões são frequentemente usadas por agrónomos e pelas “gentes” de Trás-os-Montes para designar duas sub-regiões com características climáticas muito diferenciadas.

Uma interessante resenha sobre o tema, encontramos no estudo de José Eduardo Pascoal, que, a propósito do Douro Internacional e dos seus espaços periféricos, analisa as

⁶⁷ *Ibid.*, p. 251.

⁶⁸ A este respeito, poderia desenvolver-se aqui o essencial da intervenção de J. de Pina Manique e Albuquerque quando analisa detalhadamente a posição de Orlando Ribeiro, em 1957. Estando de acordo com as linhas mestras definidas por Orlando Ribeiro, defende, que a base geográfica não pode em alguns casos prevalecer sobre a região administrativa, embora se devam ter em conta os factores humanos. Contudo “(...) há sacrifícios vitais que se não podem nem devem manter, como é o caso de Lamego e sua região” que deverão constituir um distrito. J. de Pina Manique e Albuquerque *in* Orlando Ribeiro (1957-a), p. 254.

⁶⁹ Suzanne Daveau *in* Orlando Ribeiro *et al.*, IV, (1991), p. 1274.

expressões nacionais e espanholas relativas à demarcação destes espaços naturais⁷⁰. O autor justifica que a análise é especialmente pertinente na região de Trás-os-Montes e cita Fernando Falcão Machado, a propósito do estudo que desenvolveu sobre *As Divisões Territoriais Portuguesas*: “Uma «divisão geográfica» é o resultado metodológico de uma técnica de trabalho especulativo consistente em determinar a extensão espacial da superfície da terra em que se verifica a existência, com intensidade ou frequência, ou não existência, dos fenómenos geográficos tomados como base, sejam fenómenos elementares considerados individual, isoladamente, sejam a resultante da combinação de diversos fenómenos elementares, ou mesmo, de combinações destas combinações.”⁷¹

O que diferencia a *Terra Fria* da *Terra Quente* são, antes de mais, os valores da temperatura, mas não é a única característica climática. De acordo com a “etnográfica leitura” de José Leite de Vasconcellos, para a constituição à escala dos concelhos e freguesias de cada uma das divisões consideradas, contribuem também as características das culturas praticadas, o modo de exploração da terra, e a actividade pecuária.⁷² A propósito da *Terra Fria* também designada de *Montanha*, cita Leite de Vasconcellos os agrónomos Pinto Machado e Meneses Pimentel que para os distritos de Vila Real e Bragança caracterizam como culturas agrícolas dominantes os cereais, a batata, a castanha, o vinho, ambos destacando como muito relevante para a economia da região a existência de lameiros de regadio e a criação de gado bovino e lanígero. A *Terra Quente* é, segundo Pinto Machado “(...) formada pelos terrenos da margem direita do rio Douro, desde o Tua até Barqueiros e seus afluentes: Tua, Pinhão, e Corgo, até proximamente à curva de nível nº 400 (...)”⁷³, dominando as culturas da vinha e da oliveira, base económica desta unidade.

Também Amorim Girão na tentativa de individualizar as regiões nacionais, se preocupou em estabelecer os limites entre *Terra Quente* e *Terra Fria* tendo acerca desta última referido que “(...) além de abranger as terras altas e montanhosas, acima da cota dos 500m, é caracterizada pela cultura de lameiros e criação de gado bovino, e ainda pela cultura do castanheiro, centeio e batata. O seu clima é especialmente rigoroso, (...)”⁷⁴ Já

⁷⁰ José Eduardo Pascoal (2000), p. 58.

⁷¹ Fernando Falcão Machado *apud*. José Eduardo Pascoal (2000), p. 58.

⁷² José Leite de Vasconcellos *apud*. José Eduardo Pascoal (2000), p. 63 e 65.

⁷³ *Ibid.*, p. 64.

⁷⁴ A. de Amorim Girão (1930), p. 21.

em relação à *Terra Quente* esta corresponde ao pitoresco *País Vinhateiro*, “(...) região inconfundível que é, e mais evidenciada ainda pela sua especialização agrícola - a vinha. (...)”⁷⁵ Importa referir a dificuldade que sentiu Amorim Girão ao tentar estabelecer os limites regionais na província transmontana, devido à “(...) existência de retalhos dispersos da *Terra Quente* no seio da *Terra Fria*, e vice-versa, verdadeiros encravamentos devidos a condições especiais de relevo e de exposição ao sol (...)”⁷⁶

A mesma dificuldade nos transmite Vergílio Taborda, quando tenta delimitar, a sul, o Alto Trás-os-Montes: “A região transmontana e a sua vizinha duriense penetram-se em quási toda a sua extensão; o contacto estabelece-se por zonas de transição em que ainda não desapareceram os caracteres de uma e se entremostam já os da outra.”⁷⁷ Por esta razão, e pelo facto das expressões *Terra Fria* e *Terra Quente* adquirirem significado específico local para diferenciar espaços restritos quanto aos contrastes de relevo e de exposição entre terras contíguas (do mesmo concelho ou freguesia), optou por não as usar quando se refere ao conjunto de uma dada região.

Lautensach ao definir as Províncias Climáticas de Portugal, em 1932, distingue desta forma as duas subunidades regionais: “(...) planaltos de Trás-os-Montes ou Terra Fria. Verão quente e curto, Inverno longo e frio, com neves ocasionais. Precipitação que varia com o relevo e que, mesmo a leste, continua superior a 600 mm. (...) Região do vale e bacia do Alto Douro (...) é a Terra Quente, Verão longo e muito quente, Inverno suave e curto. Calmas muito frequentes. Precipitação anual inferior a 500 mm; três meses secos ou mais. Humidade do ar fraca no pino do Verão.”⁷⁸ Esta diferenciação climática na *Terra Quente*, aliada juntamente com “(...) os entalhes do Douro e afluentes constituem o Alto Douro, uma das regiões naturais mais nítidas do Alto Portugal Interior, que se opõe fortemente às duas regiões planálticas enquadrantes, Trás-os-Montes e a Beira transmontana.”⁷⁹

Orlando Ribeiro, com um poder de síntese que caracteriza o seu discurso geográfico, explicita de forma notável estas duas expressões, ao apresentar os fundamentos da sua divisão geográfica, aludindo em primeiro lugar aos factores naturais determinantes,

⁷⁵ *Ibid.*, p. 23.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 22.

⁷⁷ Vergílio Taborda (1932), p. 12.

⁷⁸ H. Lautensach in Orlando Ribeiro *et al.*, II, (1989), p. 366.

⁷⁹ H. Lautensach in Orlando Ribeiro *et al.*, IV, (1991), p. 1236.

relevo e clima (com enorme aproximação à concepção de Lautensach), mas completando o quadro descritivo com os aspectos da cobertura vegetal, as culturas agrícolas dominantes e o povoamento, numa resenha que constitui, na sua essência, a justificação para a diferenciação entre as unidades de paisagem que são o Alto Douro e depressões anexas e as duas unidades de paisagem envolventes: Planaltos e Montanhas de Trás-os-Montes e Planaltos e Montanhas da Beira transmontana⁸⁰ (ver fig. 4).

Assim, considera Orlando Ribeiro que as expressões procedem de uso popular e distinguem duas regiões naturais, a chamada *Terra Fria* “(...) é um planalto de 700-800 m de altitude média, dominado por algumas serras pouco altas e entalhado por vales profundos e estreitos. O clima é rude e contrastado, com Inverno frio e longo e um Estio muito quente. (...) O carvalho negral, o castanheiro, o freixo ou negrilho, formam tufos distantes, o solo das depressões cobre-se de esteva odorante. O cereal dominante é o centeio, em afolhamento bienal.”⁸¹ E a descrição prossegue com alusão a outras culturas agrícolas, pecuária, povoamento, práticas comunitárias, etc.

“A Terra Quente é formada pelos vales que afluem ao Douro, providos às vezes de largas bacias, encaixados alguns centos de metros no planalto. O clima é, por isso, muito diferente: com poucas chuvas, inverno moderado pelo abrigo das altas vertentes e verão com dias tórridos que sucedem a noites abafadas. O manto vegetal toma, pela primeira vez, uma feição francamente mediterrânea: belas matas de sobreiros, olivais, plantações de figueiras, amendoeira, laranjeiras e outras árvores de fruto. Mas a originalidade da região está na cultura da vinha. Calcada exactamente sobre um afloramento de xisto que o Douro atravessa no sentido da maior dimensão, a «região demarcada dos vinhos do «Pôrto» é a mais admirável obra humana que pode ver-se em Portugal. As vertentes declivosas ainda no século XVII davam apenas mato espontâneo. Hoje a vinha cobre-as até 300 ou 400 metros, numa imensa escadaria de geios ou socalcos destinados a reter o solo: mas este, houve que criá-lo esmagando a rocha e misturando-a com terra e estrume. A reverberação muito forte dos raios solares nos xistos luzentes faz subir a temperatura, durante o verão, a mais de 40°. Conta-se que se assam sardinhas pousando-as nas linhas de caminho de ferro! As uvas ganham, por este tempo, grande riqueza em álcool e açúcar. Em longas filas, no

⁸⁰ Orlando Ribeiro in Orlando Ribeiro *et al.*, IV, (1991), p. 1270.

⁸¹ *Ibid.*

fim do verão, os vindimadores sobem e descem, de cestos às costas, a escadaria dos geios; gente dos planaltos e serras de um e outro lado do rio, porque a da terra não basta a esse trabalho breve mas intenso. O vinho meio preparado, desce em barcos à vela até aos armazéns de Vila-Nova-de-Gaia, onde é acabado para a exportação e o consumo.”⁸²

Para redigir esta notável síntese reuniu Orlando Ribeiro muita informação, durante décadas, mas a principal fonte utilizada foram os seus apontamentos e reflexões, anotados nos cadernos de campo, durante as diversas visitas que fez à região.

⁸² *Ibid.*, p. 1249-1250.

III PARTE – A CONSTRUÇÃO DO ALTO DOURO DE ORLANDO RIBEIRO

“Nothing is real unless it is observed”⁸³

John Gribbin

A primeira grande viagem que Orlando Ribeiro fez ao Douro e a Trás-os-Montes ocorreu no Verão de 1936 em companhia de José Leite de Vasconcellos. A correspondência trocada no final de Julho e Agosto, desse mesmo ano, demonstra a amizade que nutriam um pelo outro e a vontade recíproca de juntos percorrerem as terras do Alto Douro e Trás-os-Montes.

Nas missivas de Leite de Vasconcellos, destacam-se para além de indicações de cariz prático, orientações para a observação da paisagem, a serem seguidas por Orlando Ribeiro, durante a viagem de comboio. Até à estação da Rede, recomenda: “Não sei se quando lhe falei do terreno xistente que começa entre Porto-de-Rei e Barqueiros, lhe disse que devia ir da esquerda, e de atalaia para o ver, porque a passagem é fugitiva (...)”⁸⁴, e acrescenta posteriormente: “Do Porto até Porto de Rei tem granito e bela vegetação, começando a ver o rio Douro pela Livração. Entre Porto de Rei e Barqueiros se for à janela aparece-lhe logo o xisto à esquerda e daí o terá até à Rede, etc. e pouco antes começa a ver os vinhedos durienses pendurados em socalcos.”⁸⁵ Orlando Ribeiro, num postal endereçado ao seu Mestre, acerca da viagem realizada, diz acerca do Douro: “Estou encantado com as antiguidades, mas não menos com a natureza. A arriba do Douro é das cousas mais impressionantes que conheço.”⁸⁶ O que comprova o deslumbramento inicial que sentiu, nesta primeira visita à região.

Desde cedo Orlando Ribeiro coligiu notas durante as suas excursões mas só de 1943 datam as primeiras importantes anotações sobre o Douro, em cadernos de campo.

⁸³ Wilder, Kelley Elizabeth (2009), p. 18.

⁸⁴ *Correspondência entre J. Leite de Vasconcellos e Orlando Ribeiro* (no Prelo). Postal de 29-VII-1936.

⁸⁵ *Correspondência entre J. Leite de Vasconcellos e Orlando Ribeiro* (no Prelo). Carta de 30 ou 31-VII-1936.

⁸⁶ *Correspondência entre J. Leite de Vasconcellos e Orlando Ribeiro* (no Prelo). Postal de 19-VIII-1936.

Como explica Suzanne Daveau os “cadernos de campo” são blocos de notas onde o geógrafo escreve, durante os períodos em que viaja para recolher informação, o que observou e decidiu registar sob a forma de breves notas, desenhos ou pequenos textos. “Os cadernos são, assim, os resultados mais imediatos do trabalho dito “de campo” e os materiais essenciais para desenvolvimento de tópicos que o autor há-de, mais tarde, estruturar em artigos ou livros.”⁸⁷ No prosseguimento do nosso trabalho foram preciosas as cópias dos extractos de três Cadernos de Campo redigidos por Orlando Ribeiro que nos foram facultadas pelo Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa. Assim, foi possível a sua análise, gentilmente seleccionados pela Professora Suzanne Daveau⁸⁸.

Os extractos são relativos aos seguintes Cadernos de Campo (anexo 1):

27 - Portugal, Novembro, 1943 - Serras de xisto, Trás-os-Montes, Alentejo, Algarve e litoral do Minho (páginas 14 a 18);

55 - Portugal (E), 1962/65 – Várias regiões (páginas 60a a 69);

58 - Portugal (F), 1966 e 1969 – Várias regiões (páginas 69 a 75b, relativas a 1966, e páginas 111 a 119, referentes a 1968).

Com base nas informações dos cadernos elaboramos o mapa da figura 5 onde se destacam os itinerários percorridos pelo geógrafo (ver fig. 5).

⁸⁷ Cfr. <http://www.orlando-ribeiro.info/cadernos/index.htm> em 20/07/2010.

⁸⁸ Com quem tivemos oportunidade de conversar e expôr os objectivos do presente estudo, e que também nos facultou parte das transcrições já efectuadas por Maria de Lourdes Ribeiro.

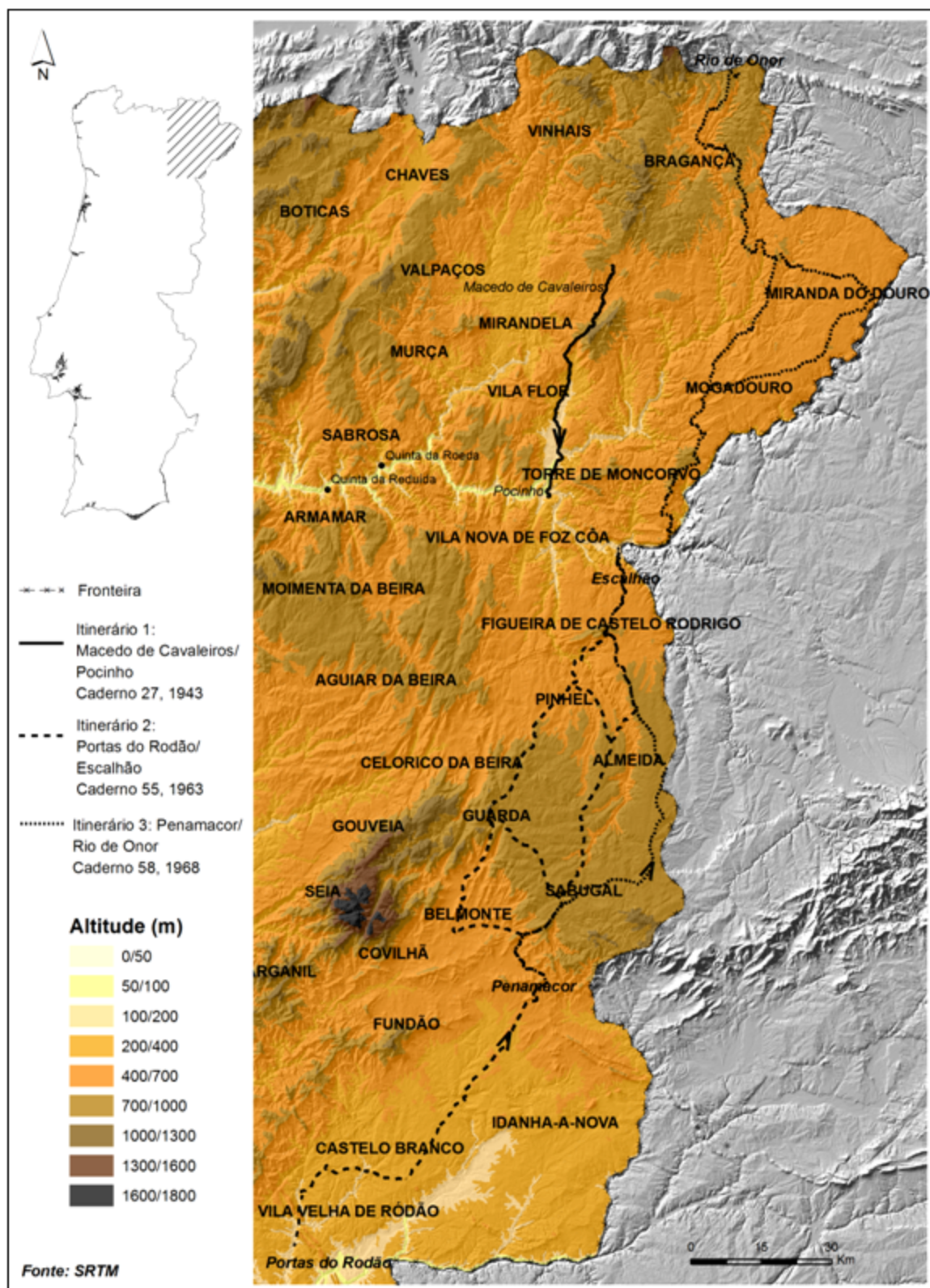


Fig. 5 – Os itinerários de Orlando Ribeiro nos distritos de Bragança, Guarda e Castelo Branco segundo os seus cadernos de campo (1943, 1963 e 1968).

Neste mapa de síntese podemos ver que os percursos são ao longo da faixa fronteiriça portuguesa e com troços privilegiados: Terra de Miranda, Ribacoa, Beira Transmontana. Orlando Ribeiro demonstra particular interesse no estudo de Trás-os-Montes e na sua periferia extrema nomeadamente Miranda, sob clara influência dos estudos de Leite de Vasconcellos. De facto, a Beira e Trás-os-Montes parecem colocar mais problemas geográficos, enquanto que o Douro parece mais definido.

Por constituírem partes de excursões ou itinerários geográficos ao longo dos quais Orlando Ribeiro ia observando e retirando notas, procedemos à elaboração de mapas de síntese para que, através da visualização individual de cada percurso e do conjunto dos mesmos, fosse possível compreender o enquadramento geográfico da área percorrida.

O extracto analisado do Caderno de Campo 27, abrange o itinerário de Macedo de Cavaleiros ao Pocinho, que Orlando Ribeiro e Hermann Lautensach percorreram em 1943 (ver fig. 6). Corresponde à “descida” do planalto transmontano, atravessando a Serra de Bornes, o Vale da Burga e a depressão da Vilariça. Neste percurso destacam-se as notas relativas às alterações da vegetação com a variação de altitude: “S^a de Bornes – como a de Nogueira mas ao longo do vale de Burga chegam influências meridionais – sobreiros na encosta até 1100m lado SO, um pinheiro manso a 800 m. Culturas de campos de centeio até ao cimo ou quase”⁸⁹. As notas referem-se particularmente às culturas agrícolas, nomeadamente as mediterrâneas, elementos que na paisagem diferenciam a *Terra Quente* da *Terra Fria* transmontana: “Campos Transmontanos – não ou raramente complantados de carvalho e castanheiro na Terra fria, oliveiras na Terra quente.”⁹⁰

⁸⁹ Caderno 27, 1943, p. 14.

⁹⁰ *Ibid.*, p. 17.

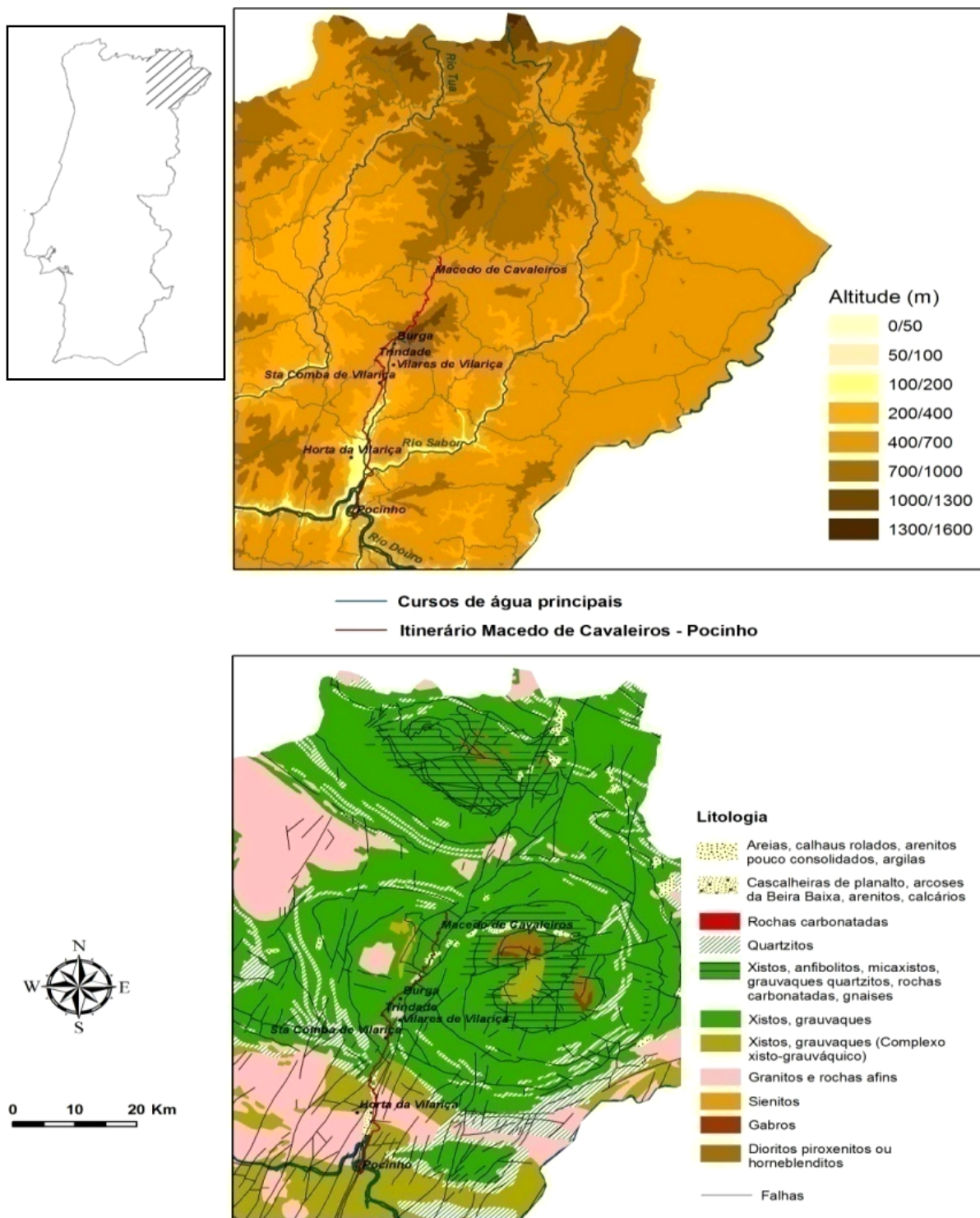
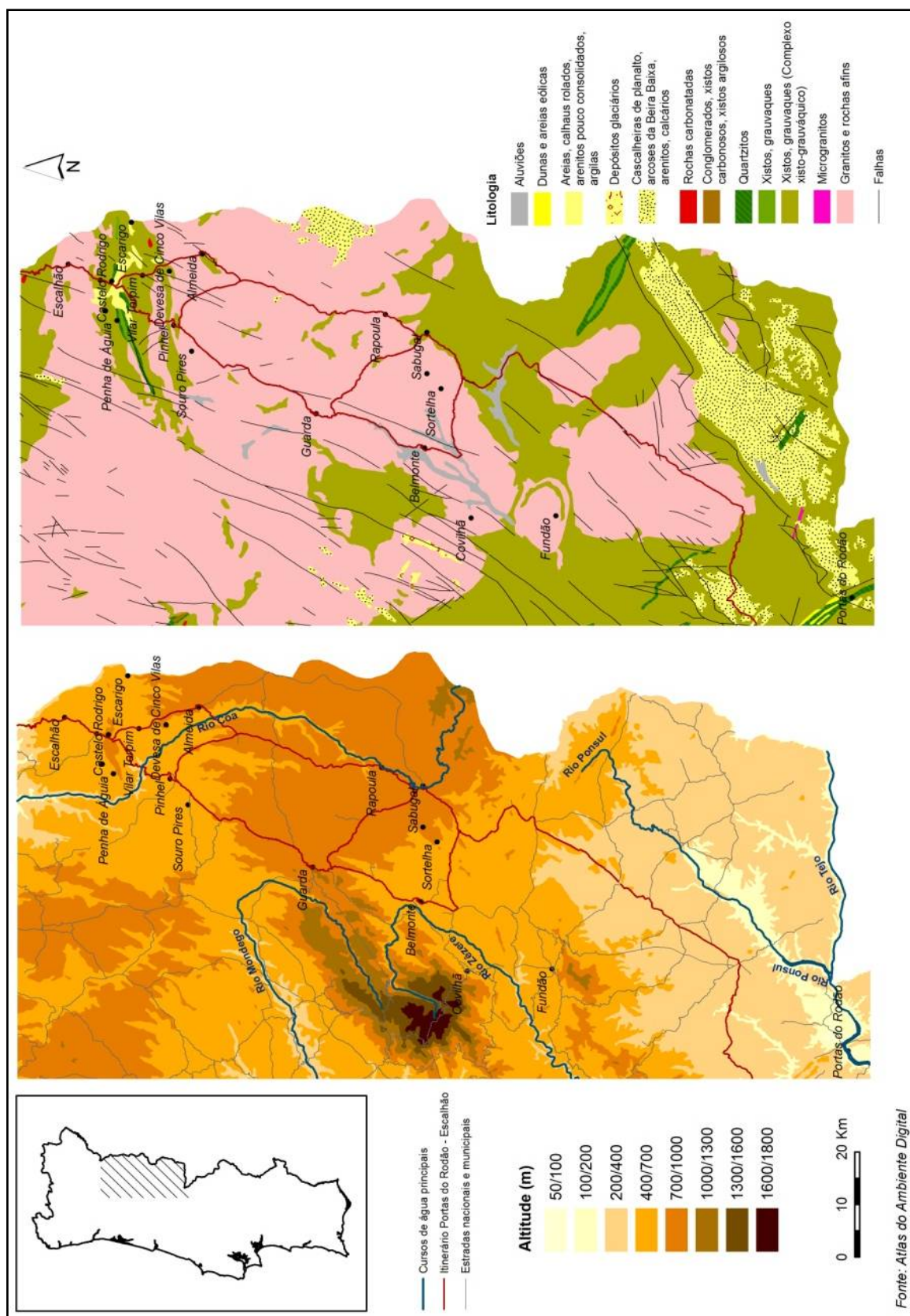


Fig. 6 – Itinerário do Caderno de Campo 27, 1943.

No extracto do Caderno 55, de 1963, Orlando Ribeiro percorre o planalto da Beira Alta desde as Portas do Rodão até Escalhão (ver fig. 7), visitando diversas vilas e aldeias que caracteriza quanto à sua estrutura interna, mas destaca-se a recolha de elementos relativos à vegetação, divisão de propriedade agrícola, morfologia, sistema de culturas e estrutura agrária, entre outros elementos de particular interesse geográfico: “*PENHA DE ÁGUIA* - A ladeira da Serra (sem nome que lembre facilmente) foi partida em sortes, há mais ou menos 50 anos cada um ficou com o seu quinhão. Antes não cultivavam, só pastoreavam com ovelhas, cabras, não há vacas, lavoura com os burros e machos. (...) Duas folhas, intermediadas quintas, mais centeio, comem centeio, trigo ninguém o prova, cada um faz o seu pão. Eiras particulares (umas 8/10) pedem autorização aos donos, não parece haver rebanho comum.”⁹¹

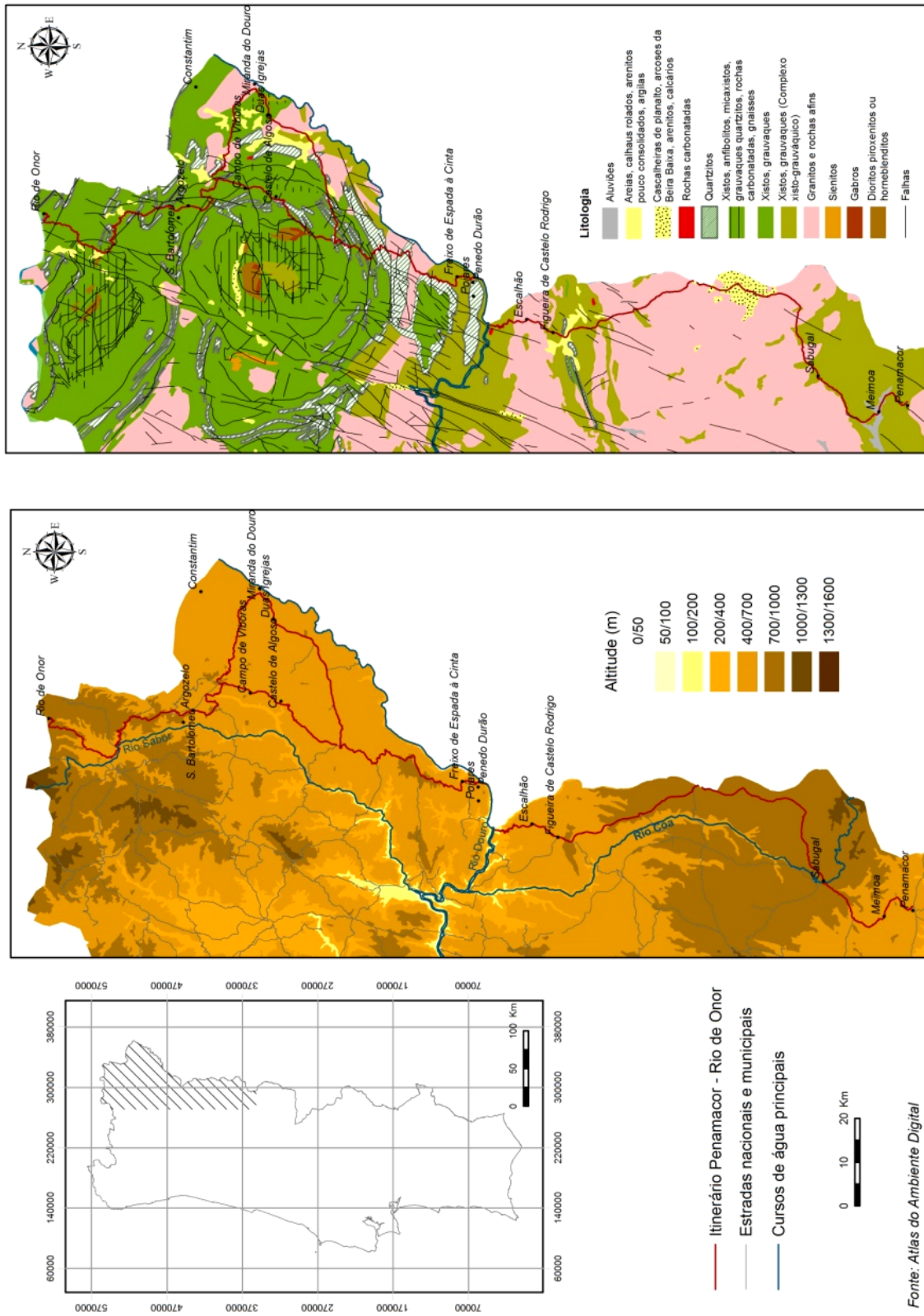
Do extracto do Caderno de Campo 58, de 1966, não se elaborou nenhum enquadramento cartográfico uma vez que diz respeito à visita que efectuou pontualmente a duas quintas no Douro: a quinta da Rueda, no Pinhão, concelho de Alijó, e a da Reduida, na Folgosa, concelho de Armamar (ver fig.5). Nos apontamentos encontra-se registado todo o sistema produtivo e comercial do Vinho do Porto. Começa Orlando Ribeiro por notar a importância dos socalcos e da melhor exposição geográfica para a vinha, a nascente, de modo a evitar o excessivo calor da tarde; enumera todos os suportes tradicionais utilizados para guardar o vinho: o tonel, a cuba e a pipa, descrevendo a capacidade e explicando a relação de grandeza entre eles (ver fig. 8); referencia as melhores madeiras para guardar o vinho e a sua importância no envelhecimento; dá a sequência de toda a evolução dos meios de transporte, desde o barco rabelo, passando pelo comboio até aos camiões cisterna, aludindo às vantagens ou inconvenientes de cada um; regista a dificuldade de mecanização que obriga à contratação de mão-de-obra barata (60% do trabalho nas quintas), nomeadamente de galegos, uma vez que o número de trabalhadores permanentes é relativamente reduzido; descreve minuciosamente os salários, diferenciando por género, a parca alimentação dos trabalhadores, distribuída ao longo do dia, os horários das refeições; e outras anotações, sendo manifesto para quem lê, a importância que confere a todos os pormenores culturais, históricos, sociais e económicos, para além dos especificamente geográficos.

⁹¹ Caderno 55, 1963, p.63a.



Fonte: Atlas do Ambiente Digital

Fig. 7 – Itinerário do Caderno de Campo 55, 1963.



Fonte: Atlas do Ambiente Digital

Fig. 8 – Itinerário do Caderno de Campo 58, 1968.

A influência de Leite de Vasconcellos e do seu cuidado de recolha etnográfica está aqui bem patente (ver fig. 9).

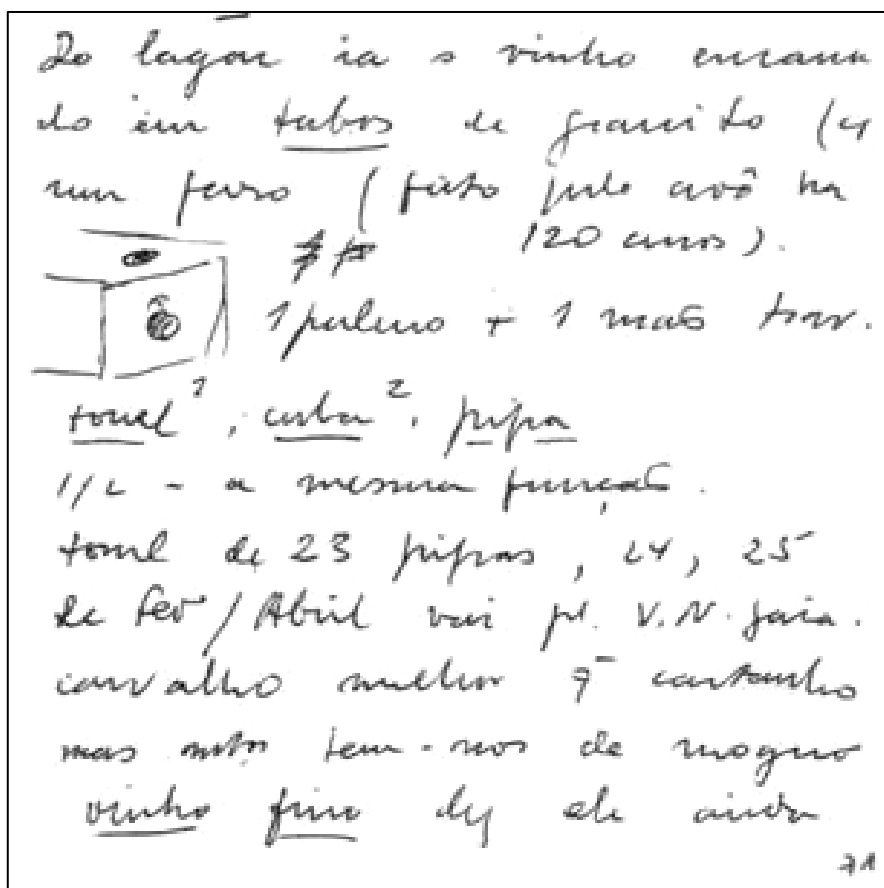


Fig. 9 – Extracto do Caderno 58, 1966, p. 71a.

No extracto do Caderno 58, de 1968, percorre praticamente toda a área referida nos extractos dos Cadernos 27 e 55, tendo como preocupação dominante, uma tentativa de interpretação e explicação das características geomorfológicas da área abrangida.

Este caderno encontra-se particularmente enriquecido com numerosos esboços que colocam em destaque as formas estruturais mais marcantes de Trás-os-Montes e Alto Douro, nomeadamente o sinclinal de Moncorvo e a Bacia da Vilariza (ver fig.10), formas que prevalecem como referência para posteriores estudos em Geografia Física.

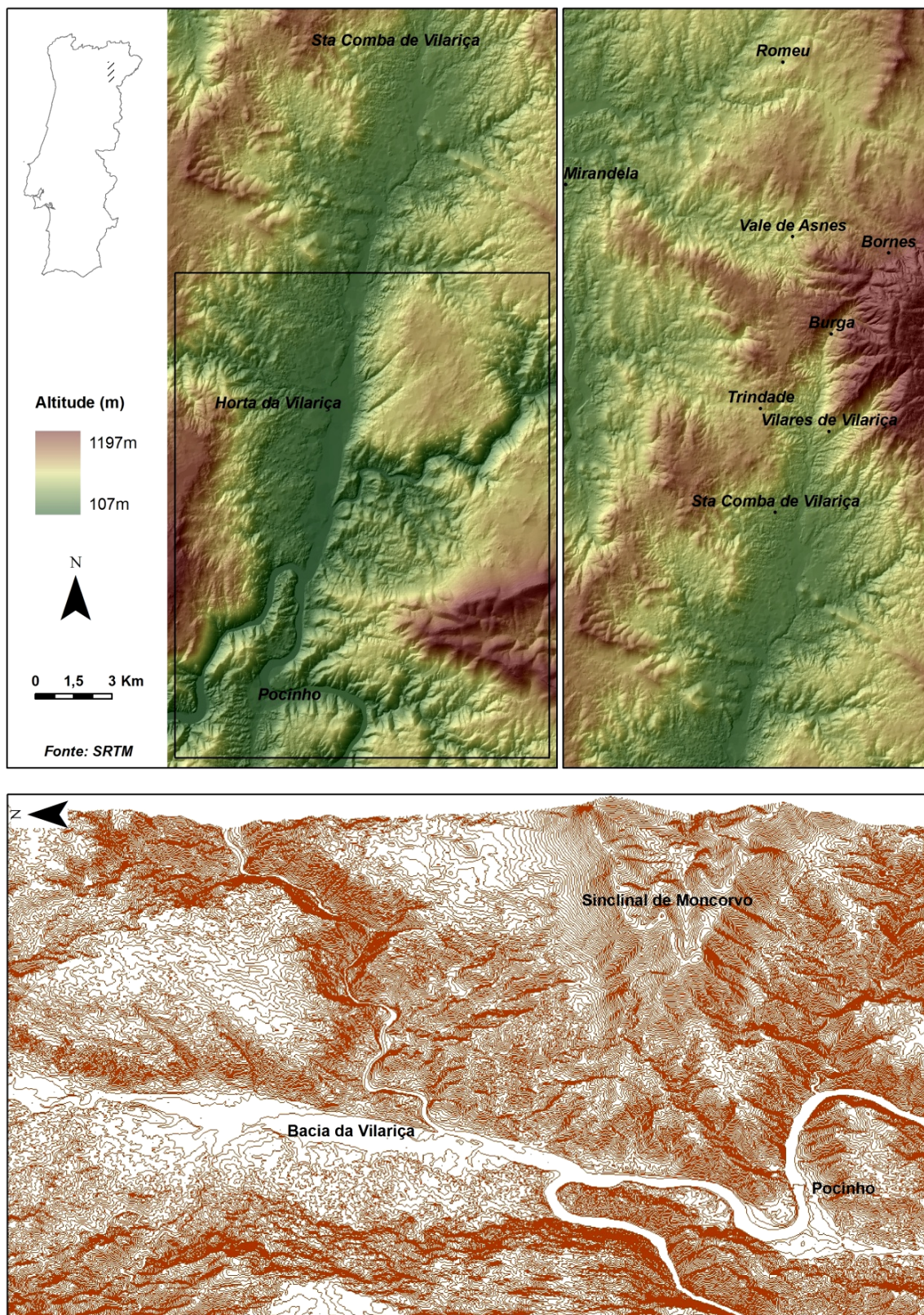


Fig. 10 – Sinclinal de Moncorvo e Vale da Vilarça.

Atendendo à cronologia, procurámos, explicação para as datas dos percursos realizados por Orlando Ribeiro no Douro. A visita que efectua com Hermann Lautensach, em 1943 (caderno 27), durante os meses de Verão, insere-se num trabalho de campo intenso que os dois desenvolveram, após uma ausência de cinco anos do país, por parte do geógrafo alemão. Durante este período percorreram as regiões de Trás-os-Montes, de Bragança até ao Douro e toda a Cordilheira Central. Já a visita ao Douro, e o correspondente itinerário de 1968 (Caderno 58), parecem ter privilegiado áreas da região transmontana, nomeadamente a Terra de Miranda, onde a geógrafa Paula Bordalo Lema desenvolvia estudos iniciais para a sua dissertação de doutoramento sobre Trás-os-Montes. Comprovam esta ligação, as notas registadas por Orlando Ribeiro no sentido de informar a sua discípula.

Os extractos dos cadernos seleccionados são apresentados em anexo, e foram por nós digitalizados e transcritos, para melhor facilitar a sua consulta e posterior leitura. Estes constituem preciosos documento pois “Testemunham, sem qualquer retoque interpretativo, do que viu e ouviu Orlando Ribeiro nas suas andanças através do mundo.”⁹²

Também nas fotografias de Orlando Ribeiro nos baseamos como elementos que sintetizam a visão da paisagem por parte do geógrafo, já que as invenções e inovações no campo da fotografia influenciaram os processos de observação dos cientistas e reestruturaram a hierarquia das observações que os mesmos tiveram por válidas. Segundo Kelley Wilder, quando se examinam arquivos fotográficos é sempre de perguntar “What makes photography reliable?”⁹³ A resposta não é fácil pois segundo a autora um dos elementos mais subjectivos sobre a segurança ou fiabilidade da fotografia é a enorme quantidade de meios de controlo que são fornecidos aos cientistas que as usam. De qualquer modo, ligar a vista humana à aquisição de conhecimentos é uma prática muito antiga. E como Orlando Ribeiro não ignorava isso, também recolheu numerosas fotografias, de que se mostram apenas algumas relativas à região do Alto Douro.

Foi nosso propósito, para além de todos os elementos geográficos recolhidos na bibliografia e nos cadernos de campo, tentar cruzar essa informação e completá-la com as fotografias correspondentes, seleccionadas na Fototeca do Centro de Estudos Geográficos,

⁹² Suzanne Daveau (2008-c), p. 134.

⁹³ Kelley Elizabeth Wilder (2009), p. 52.

o que se tornou muito difícil, no caso do Alto Douro, dado o número relativamente reduzido de imagens encontradas na catalogação por regiões ⁹⁴. Por esta razão, não nos limitámos apenas a seleccionar as fotografias e diapositivos de Orlando Ribeiro, tendo sido também recolhidas as efectuadas pelos seus discípulos e colaboradores, sob a sua orientação, nas inúmeras saídas de campo em que o professor fazia questão que ficassem devidamente documentadas. Assim, seleccionamos também imagens de Raquel Soeiro de Brito, Paula Bordalo Lema e Suzanne Daveau, por diferentes razões explicativas.

Em relação à primeira, refira-se que aquando da organização do Congresso Internacional de Geografia em Lisboa, em 1949, Orlando Ribeiro contou com a ajuda de numerosos colaboradores, entre os quais se destacou Raquel Soeiro de Brito, uma das primeiras alunas do curso de Geografia: “Esta infatigável companheira do trabalho de campo, mesmo em lugares exóticos e arriscados, foi também a paciente organizadora das primeiras colecções documentais que o jovem Centro de Estudos Geográficos começava a juntar (...)” ⁹⁵ Esta proximidade levou-nos por isso a seleccionar fotografias da sua autoria, até porque muitas vezes terão sido tiradas sob orientação do professor.

A geógrafa Paula Bordalo Lema foi orientada pelo professor Orlando Ribeiro nos seus estudos acerca do Alto Douro, tendo efectuado em conjunto, numerosas saídas de campo, existindo uma inequívoca proximidade em relação à forma de observar e reter na imagem fotográfica a essência dos elementos da paisagem.

Quanto às imagens da autoria de Suzanne Daveau, que com Orlando Ribeiro percorreu repetidamente o País, pareceu-nos mais do que justificada a escolha das mesmas, até porque muitas vezes estando ocupado com as suas notas e desenhos nos cadernos de campo, lhe pedia ajuda no registo fotográfico.

As fotografias do Professor Orlando Ribeiro constituem uma fonte inesgotável sobre os diferentes lugares visitados ao longo da sua profícua actividade de geógrafo. São cerca de 10.000 imagens a preto e branco e quase igual número de diapositivos a corexistentes no Centro de Estudos Geográficos ⁹⁶. No desenvolvimento dos seus estudos

⁹⁴ Recomenda a Professora Suzanne Daveau: “Lembra-se que o significado das fotografias ganhará, quase sempre, se for completado pela consulta do correspondente caderno de campo.” Suzanne Daveau (2008-c), p. 126.

⁹⁵ Suzanne Daveau (2008-a), p. 32.

⁹⁶ “Desde o princípio, as suas excelentes fotografias foram armazenadas e catalogadas na incipiente Fototeca do Centro, onde, ainda actualmente, constituem a colecção mais rica e notável deste arquivo. Suzanne Daveau (2008-c), p. 123.

científicos desde sempre procurou Orlando Ribeiro apoiar-se na fotografia como uma ferramenta ímpar. Nas suas primeiras saídas de campo com uma máquina fotográfica modesta ia fixando as paisagens mas “Logo que pode, comprou uma excelente Leica, que ia acompanhá-lo em todas as suas andanças.”⁹⁷ Com esta máquina a tiracolo e o fotómetro, em todos os lugares de manifesto interesse, executava o Professor de forma meticulosa todos os procedimentos necessários à captação da imagem, medição da luz, regulação da máquina e procura cuidada do melhor ângulo de visão. Diz Suzanne Daveau: “Era impressionante ver um homem tão activo e, em geral, pouco paciente, executar calmamente estas operações preliminares, então indispensáveis para obter o resultado desejado: um documento fotográfico expressivo e capaz de boa reprodução. Paciência parecida dedicava à redacção no caderno de campo das suas notas e reflexões, e das listas de fotografias tiradas, bem como ao desenho cuidadoso dos elementos da paisagem ou dos utensílios agrícolas que ia estudando.”⁹⁸

Quando regressa de Paris, em 1940, e cria três anos depois o Centro de estudos Geográficos, “A fotografia irá ter um lugar privilegiado, ao mesmo nível da cartografia, na disposição das novas instalações inauguradas no final dos anos 50.”⁹⁹ Para Orlando Ribeiro a fotografia constituiu uma ferramenta pedagógica fundamental, por permitir por um lado, na interpretação das paisagens a captação dos seus elementos físicos e humanos, e por outro, a possibilidade de utilização como suporte à apresentação de trabalhos escritos e orais¹⁰⁰.

Interessante visão sobre o ofício de geógrafo pode ser lida na “Apresentação” do catálogo *Orlando Ribeiro e as terras de Idanha*, escrita por Rui Jacinto e Teresa Siza: “O geógrafo é um praticante da viagem e dos seus derivados, um repórter para quem viajar pelo mundo é fazê-lo existir à força. Não podemos levar o mundo para casa, os desenhos, as notas de campo, e as fotografias, são retalhos duma realidade que os olhos e o coração vão retendo, fragmentos que o ajudam a refazer a cartografia e a história dos lugares e da

⁹⁷ Suzanne Daveau in Orlando Ribeiro (1994), p. 20.

⁹⁸ *Ibid.*, p.21. A propósito da ligação entre a Geografia e a fotografia, ao longo do século XX, diz-nos Jorge Gaspar: “A fotografia está de tal forma associada ao progresso científico da Geografia, que o Congresso Internacional de 1904, realizado em Washington, promove, sob proposta do alemão Albrecht Penck, a constituição de uma colecção de fotografias da superfície da terra, o que viria a originar o *Atlas Photographique des formes du relief terrestre*.” Orlando Ribeiro (1994), p. 10.

⁹⁹ Jorge Gaspar in Orlando Ribeiro (1994), p. 13.

¹⁰⁰ Jorge Gaspar in *Catálogo da Exposição Orlando Ribeiro e as Terras de Idanha* (1997). p. n. n.

vida.”¹⁰¹ É sem dúvida este sentimento que prevalece quando olhamos para as imagens captadas pelo geógrafo.

Em relação a esse particular universo fotográfico, importa também aqui referir a visão daqueles que não sendo geógrafos, interpretaram as suas imagens sob o ponto de vista estritamente fotográfico e nesse sentido leia-se a opinião de Teresa Siza: “As imagens fotográficas de Orlando Ribeiro são como a sua escrita, sinceras, autênticas, cheias de uma verdade que se aceita como exterior, documentos da realidade. Mas também, irrecusavelmente únicas, fazendo parte de um projecto estético onde as terras e os homens, as suas realidades traduzidas em cultura de evidente carácter ecológico falam de um mundo tão próximo e tão afastado de nós, que nos enche de angústia e de saudade. É nesse sentido que é impossível considerá-las apenas documentos ilustrativos de paisagens geográficas e geológicas, ou de geografia humana; a eficácia do enquadramento, o instante fotográfico ideal, justifica a intenção de uma leitura estritamente geográfica.”¹⁰²

A obra ultrapassa pois os limites exclusivos da ciência e neste caso, é também nossa obrigação como geógrafos procurar difundir a visão intemporal de Orlando Ribeiro sobre as paisagens que constituem retalhos significativos de Portugal. Jorge Gaspar termina assim a sua introdução na já referida obra, “(...) como seria desejável que uma equipa, munida dessas fotografias, pudesse voltar a estes lugares para actualizar as leituras, fotográficas e geográficas.”¹⁰³ Mas esse é um outro trabalho, o de uma Geografia histórica preocupada na evolução da organização dos espaços.

Depois de efectuadas todas as leituras das fontes documentais recolhidas, cabe-nos a tarefa de numa visão global sermos capazes de encontrar o fio condutor da leitura da paisagem do Douro, com base numa metodologia analítica que Orlando Ribeiro sempre praticou ao longo da sua vida, de forma a tentar estabelecer o quadro singular da área em estudo. Seguiremos para o Alto Douro a sequência de apresentação dos aspectos naturais e humanos, como o geógrafo os organizou na estrutura da sua obra maior, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*.

¹⁰¹ Rui Jacinto e Teresa Siza in *Catálogo da Exposição Orlando Ribeiro e as Terras de Idanha* (1997), p. n. n.

¹⁰² Teresa Siza in Orlando Ribeiro (1994), p. 5-6.

¹⁰³ Jorge Gaspar in Orlando Ribeiro (1994), p. 18.

1. Elementos Naturais

1.1. Relevo

Encontramos inúmeras referências ao vale do Douro na obra de Orlando Ribeiro, particularmente, o seu interesse pelos aspectos estruturais (litologia e tectónica) da região, no quadro mais vasto do contexto ibérico. Talvez por essa razão, antes da análise regional e local do Alto Douro, se encontre, em quase todos os capítulos introdutórios que faz sobre a matéria, uma abordagem à escala peninsular ¹⁰⁴. Um bom exemplo, são os textos de Geografia Física relativos ao *Minho*, *Trás-os-Montes*, *Haut-Douro*, redigidos em colaboração com o geólogo Carlos Teixeira e Mariano Feio aquando da preparação do Congresso Internacional de Geografia, de 1949 ¹⁰⁵.

O Douro, que nasce nos Picos de Urbion, a uma altitude de 2080 m, apresenta nos troços, internacional e português, um profundo encaixe, constituindo o elemento físico determinante na individualização da paisagem do Alto Douro. Em relação aos numerosos vales encaixados dos afluentes e subafluentes e às “bacias deprimidas”, eles representam a separação física entre o Alto Douro e as regiões que o envolvem, relacionando-se com as principais linhas de fractura, as grandes formas estruturais, os níveis de aplanamento, numa síntese que posteriormente abriu novos caminhos à investigação em Geografia física ¹⁰⁶.

A referência aos vales de fractura, é desde logo objecto de particular interesse no mapa publicado no volume V da Geografia de España y Portugal, dirigida por Manuel de Terán ¹⁰⁷ (ver fig. 11).

¹⁰⁴ Pode-se constatar tal preocupação no texto original em português do capítulo I de “Portugal” (1955), Orlando Ribeiro in Orlando Ribeiro *et al.*, I, 1987, p. 167.

¹⁰⁵ Jorge Dias (1949), p. n. n.

¹⁰⁶ É importante referir que os elementos focados se integram no contexto das grandes linhas de investigação geomorfológica então praticadas em Portugal, tal como é referido por Suzanne Daveau nos seus comentários e actualizações do I volume da *Geografia de Portugal*: as superfícies de erosão escalonadas, os sedimentos correlativos, o significado das formas estruturais, e os patamares que marcam o litoral e os vales principais.

¹⁰⁷ Mapa que nos reaparece na *Geografia de Portugal* in Orlando Ribeiro *et al.*, I, 1987, p. 167. Mas já no texto conjunto de preparação do Congresso de 1949, se pode ler: “Mais le voyageur ne manquera pas d’être frappé par un autre caractère du pays, le grand nombre de vallées profondément encaissées et de vastes bassins déprimés.” Jorge Dias (1949), p. 6.

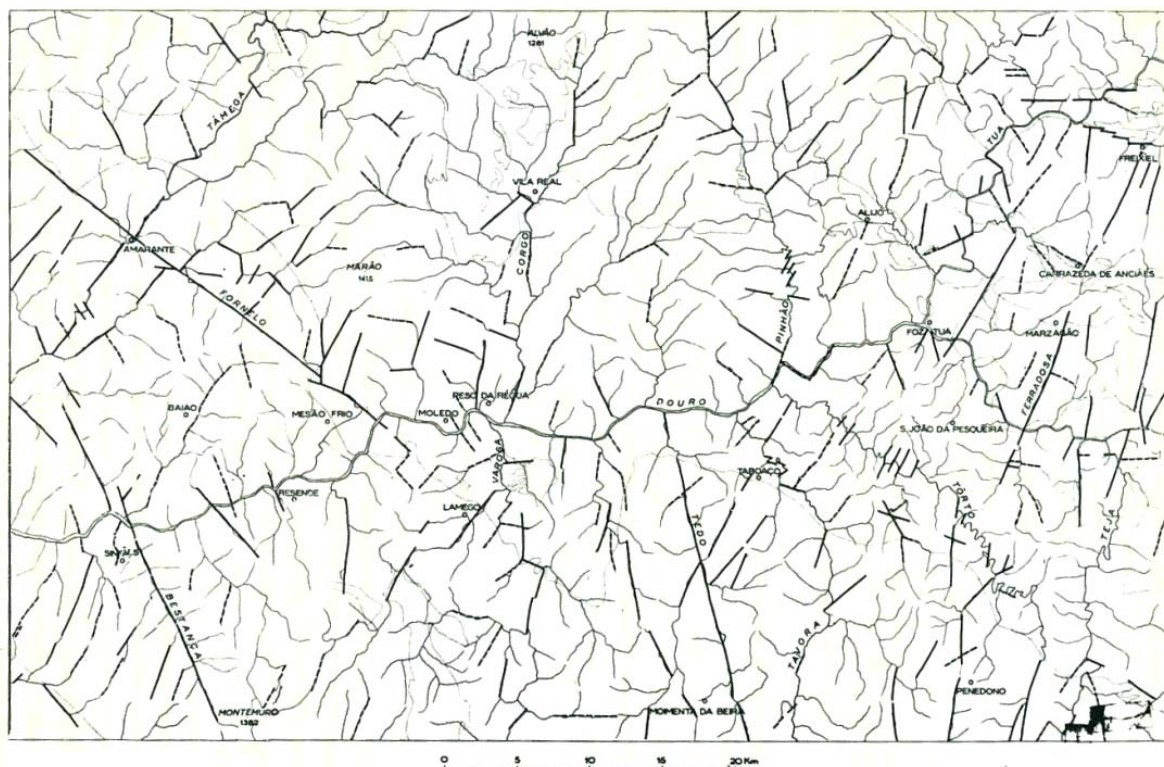


Fig. 11 – Campo de vales de fractura na bacia do Douro.
(Ext. Orlando Ribeiro, 1987, p. 176)

A este respeito, podemos ler: “A Terra Quente é formada pelos vales que afluem ao Douro, providos às vezes de largas bacias, encaixados alguns centos de metros no planalto.”¹⁰⁸

A meseta vai constituir o elemento morfológico principal de todo o modelado duriense. A sua importância era já referida em 1955: “Ao norte da Cordilheira Central, o único elemento de superfície que oferece à cronologia relativa referência segura é a Meseta, que penetra, rígida e unida, no território português dum e doutro lado do Douro e vem perder-se de encontro aos *horsts* de Trás-os-Montes (Serras de Bornes e de Nogueira) e às deslocações que limitam o Planalto da Nave.”¹⁰⁹ Mas, essa imagem da meseta volta o autor a reafirmá-la de forma consistente, nas notas do Caderno de Campo 58, de 1968¹¹⁰, onde tenta identificar e compreender os níveis de aplanamento e sua relação com o encaixe da rede hidrográfica do Douro e dos seus afluentes (ver fig.12).

¹⁰⁸ Orlando Ribeiro in Orlando Ribeiro *et al.*, IV, 1991, p. 1249-1250.

¹⁰⁹ Orlando Ribeiro in Orlando Ribeiro *et al.*, I, 1987, p. 183.

¹¹⁰ Cfr. Caderno 58, 1968, p. 114a.

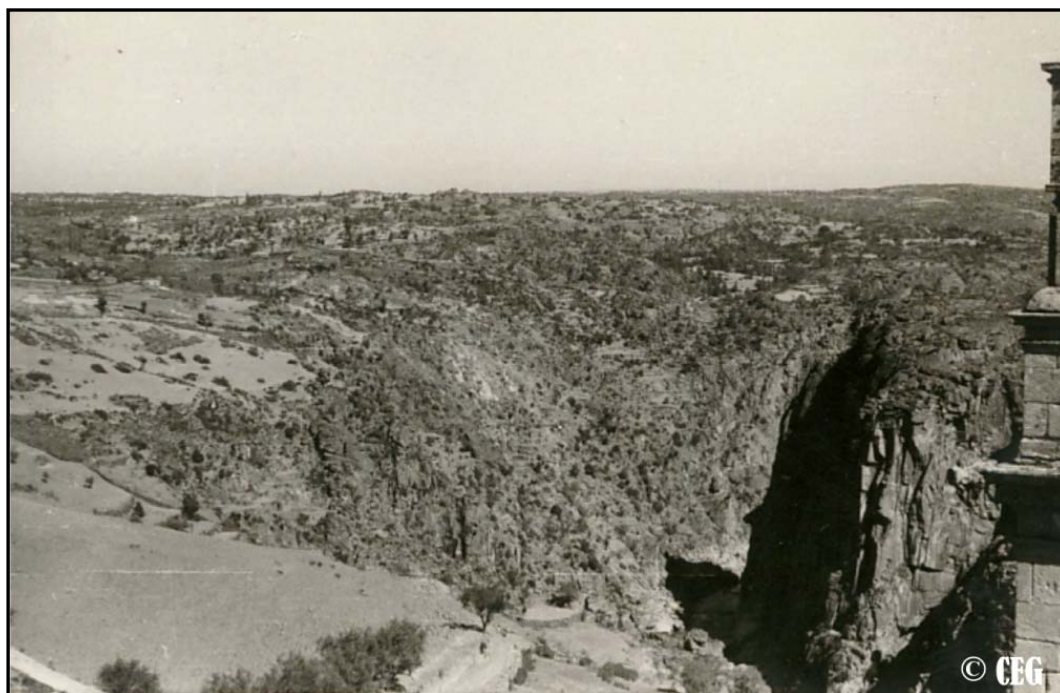


Fig. 12 – Encaixe do Douro em Miranda do Douro, na entrada no território português.
(Orlando Ribeiro, 1959, CEG, Fototeca, foto nº 5635)

Esta tentativa de interpretação do modelado do Douro vai ser visível em todos os elementos recolhidos. Atente-se em particular nos esboços dos Cadernos de Campo, onde podemos constatar, na simplicidade do traço, o rigor científico da observação, a capacidade de percepção dos diferentes elementos geomorfológicos da paisagem, em que a dúvida acerca da génese das formas de relevo era sistematicamente levantada.

A propósito do esboço que se segue sobre o Sinclinal de Moncorvo (ver fig.13) e comprovando a permanente busca interpretativa, questiona Orlando Ribeiro: “O entalhe do Douro é um ressalto de falha com rejeição ou apenas a dissimetria de dureza de encontro ao que parou o nível abaixo?”¹¹¹

¹¹¹ Caderno 58, 1968, p. 112a.

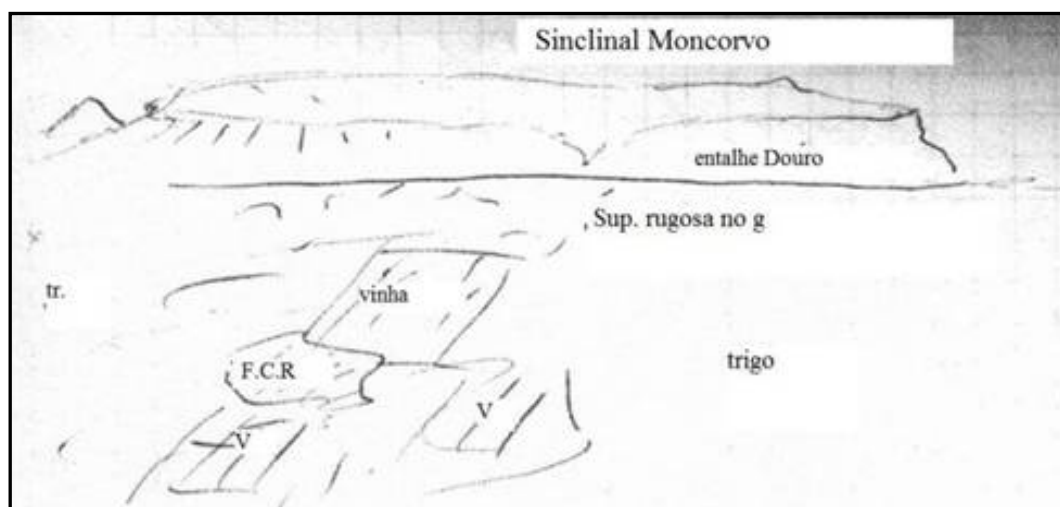


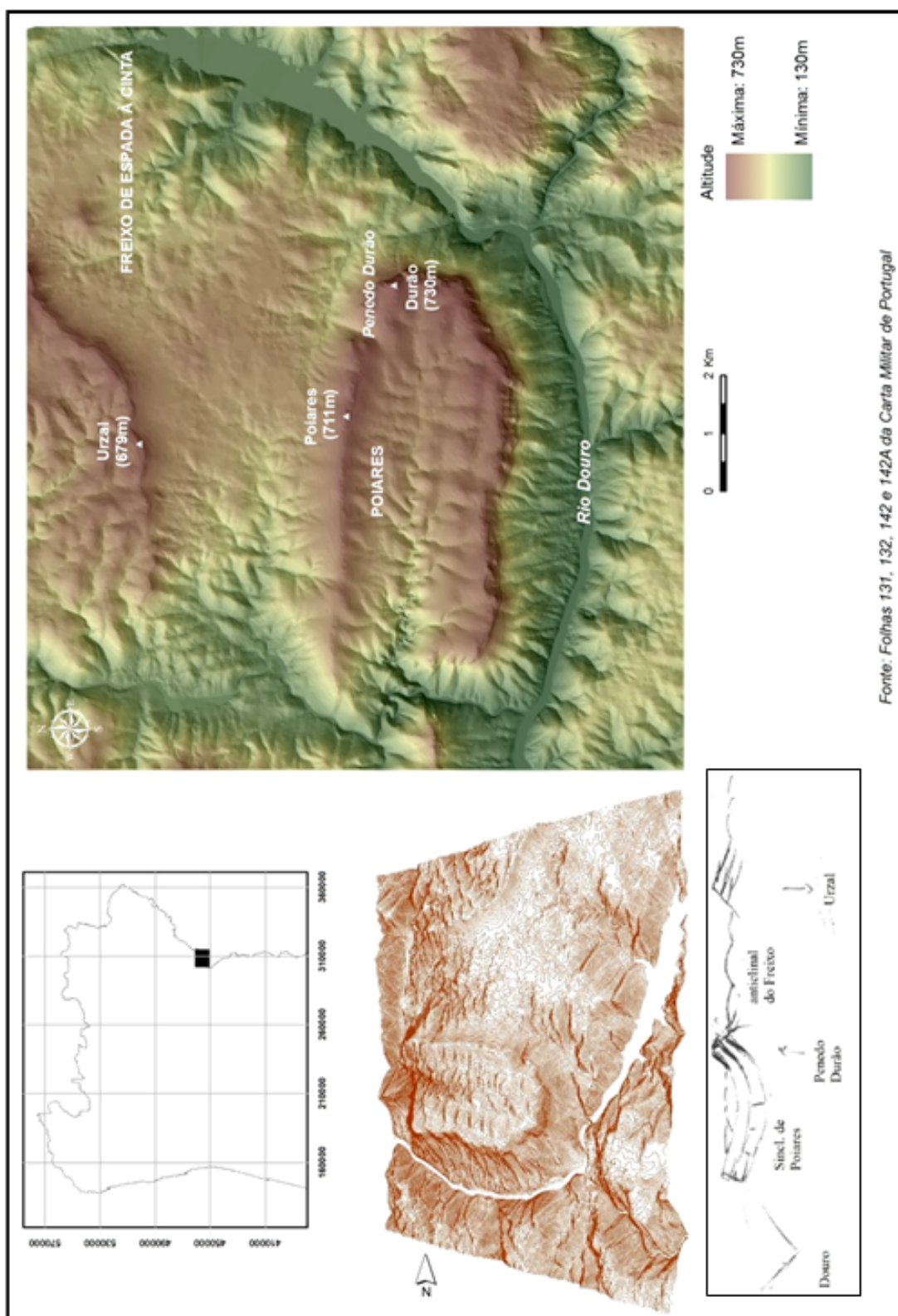
Fig. 13 – Esboço do Sinclinal de Moncorvo e Bacia da Vilaríça.

(Ext. Caderno de Campo 58, 1968, p. 112 a)

A ideia que persiste é de tal forma decisiva que Orlando Ribeiro não hesita quando tem de circunscrever a região do Alto Douro à do vale axial do Douro e dos seus afluentes: “O Douro e os seus afluentes cavaram, em terrenos exclusivamente xistosos, vales profundamente encaixados. As vertentes têm uma inclinação de tal modo forte que não é raro vê-las atingir quase a vertical. Um ou dois quilómetros de subida bastam para se alcançar planaltos que ultrapassam os 700 metros.”¹¹²

A título exemplificativo elaboramos uma imagem digital correspondente ao esboço do Caderno de Campo 58, de 1968, p. 114a, sendo possível de verificar uma assinalável correspondência para os elementos geomorfológicos nas duas representações (ver fig. 14).

¹¹² *Guia de Portugal* (1988), vol. V, p. 530. Também Amorim Girão utiliza o vale para diferenciar o Alto Douro como uma divisão regional, chegando mesmo a reduzi-lo ao que chamou “(...) uma «ribeira» transmontana em maior escala (...)” A. Amorim Girão (1949), p. 389.



Fonte: Folhas 131, 132, 142 e 142A da Carta Militar de Portugal

Fig. 14 – Sinclinal de Poiares e anticlinal de Freixo.
(Ext. Caderno de Campo 58, 1968, p. 114.a)

Seguem-se outros exemplos de esboços da paisagem, nos Cadernos de Campo, onde o autor destaca elementos geomorfológicos, surgindo sempre em destaque o entalhe do Douro.

Neste processo de desconstrução, é interessante compreendermos o quanto se combinam e conjugam todos os elementos recolhidos, sendo extremamente difícil, nos textos de síntese, separar uns dos outros. No caso dos vales referimo-nos à ligação entre a litologia e a morfologia. Por exemplo, no texto que acompanha a descrição do esboço representado na fig. 15, destacamos as notas de Orlando Ribeiro: “sup. plana horizontal rígida da Meseta (...) o entalhe brutal do Douro.”¹¹³

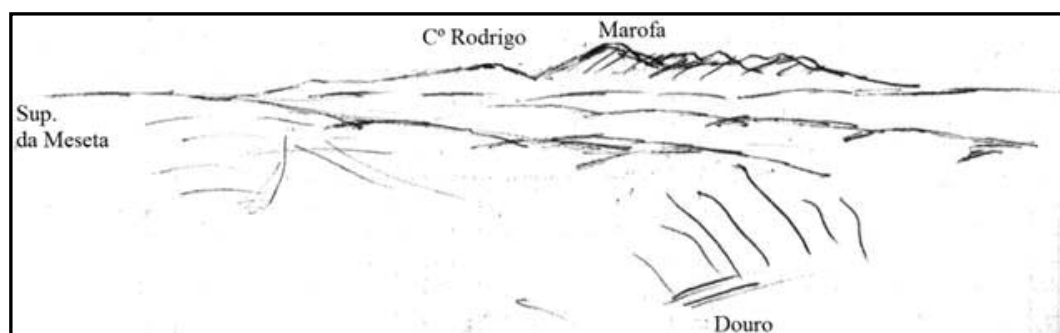


Fig. 15 – Encaixe do Douro, do Penedo Durão para sul.

(Ext. Caderno de Campo 58, 1968, p. 114 b)

Este contraste na paisagem resultante do encaixe do Douro vai ser um dos elementos diferenciadores em Trás-os-Montes entre as denominadas *Terra Quente* e *Terra Fria* sendo o outro a litologia, quando refere a oposição entre os “solos” de xisto e de granito: “Os planaltos e montanhas de um e de outro lado do Douro são em tudo semelhantes. Separa-os o vigoroso entalhe aberto pelo rio e prolongado nos seus afluentes por bacias de abatimento. Diferença de altitude, diferença de clima que as expressões Terra Fria e Terra Quente tão bem evidenciam.”¹¹⁴ (ver fig.16).

¹¹³ Cfr. Caderno 58, 1968, p. 114b.

¹¹⁴ Orlando Ribeiro (1963), p. 164. e Orlando Ribeiro (1998), p. 150.



Fig. 16 – Encaixe do Douro no território português.

(Orlando Ribeiro, 1955, CEG, Fototeca, foto nº 5640)

No granito a rede hidrográfica apresenta-se “rígida”, o pendor das vertentes chega em alguns casos a atingir a vertical, sendo possível detectar o alinhamento dos rios: “(...) quando o rio atravessa massas graníticas, as vertentes tornam-se mais vigorosas e mais elevadas, o vale comprime-se e o rio transpõe tumultuosamente sucessivas barreiras rochosas.”¹¹⁵ Como exemplo deste encaixe do vale do Douro nas áreas graníticas, Orlando Ribeiro referencia o lugar de São Salvador do Mundo “(...) garganta selvagem numa nesga de granito (...)”¹¹⁶ (figura 17).

¹¹⁵ *Guia de Portugal* (1988), vol. V, p. 531.

¹¹⁶ Orlando Ribeiro (1991), p. 57.

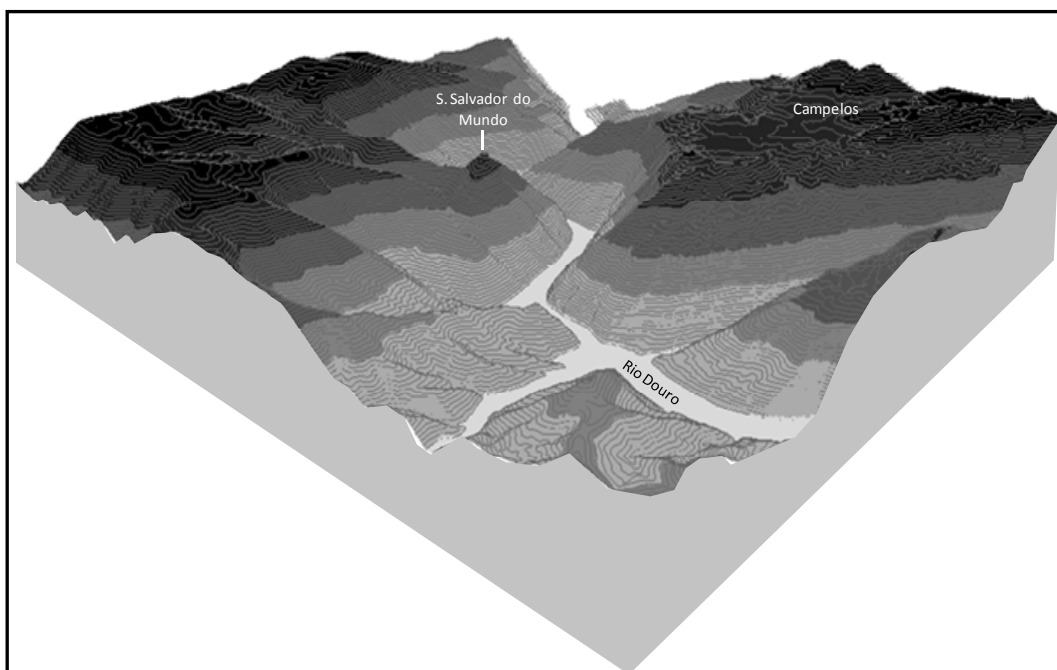


Fig. 17 – O encaixe do Douro em São Salvador do Mundo.

Os terrenos de xisto vão surgir, naturalmente, nas diferentes citações sobre a região do Alto Douro, associado à produção de Vinho do Porto, constituindo a base de diferenciação e o limite da região: “A região do Douro circunscreve-se à parte inferior do vale do rio axial e aos vales encaixados, contíguos, dos seus afluentes. Os limites da região duriense coincidem com o dos terrenos reconhecidos como aptos a produzir vinho generoso, ou vinho do Porto”¹¹⁷ Quando sobrepomos o mapa das divisões regionais, correspondente ao Alto Douro e depressões anexas (ver fig. 4) de Orlando Ribeiro, com o mapa da litologia, constatamos essa relação directa evidenciada com a dominância do xisto e com a rede hidrográfica, destacando-se os vales dos principais afluentes da margem direita (ver fig. 18).

¹¹⁷ *Guia de Portugal* (1988), vol. V, p. 532.

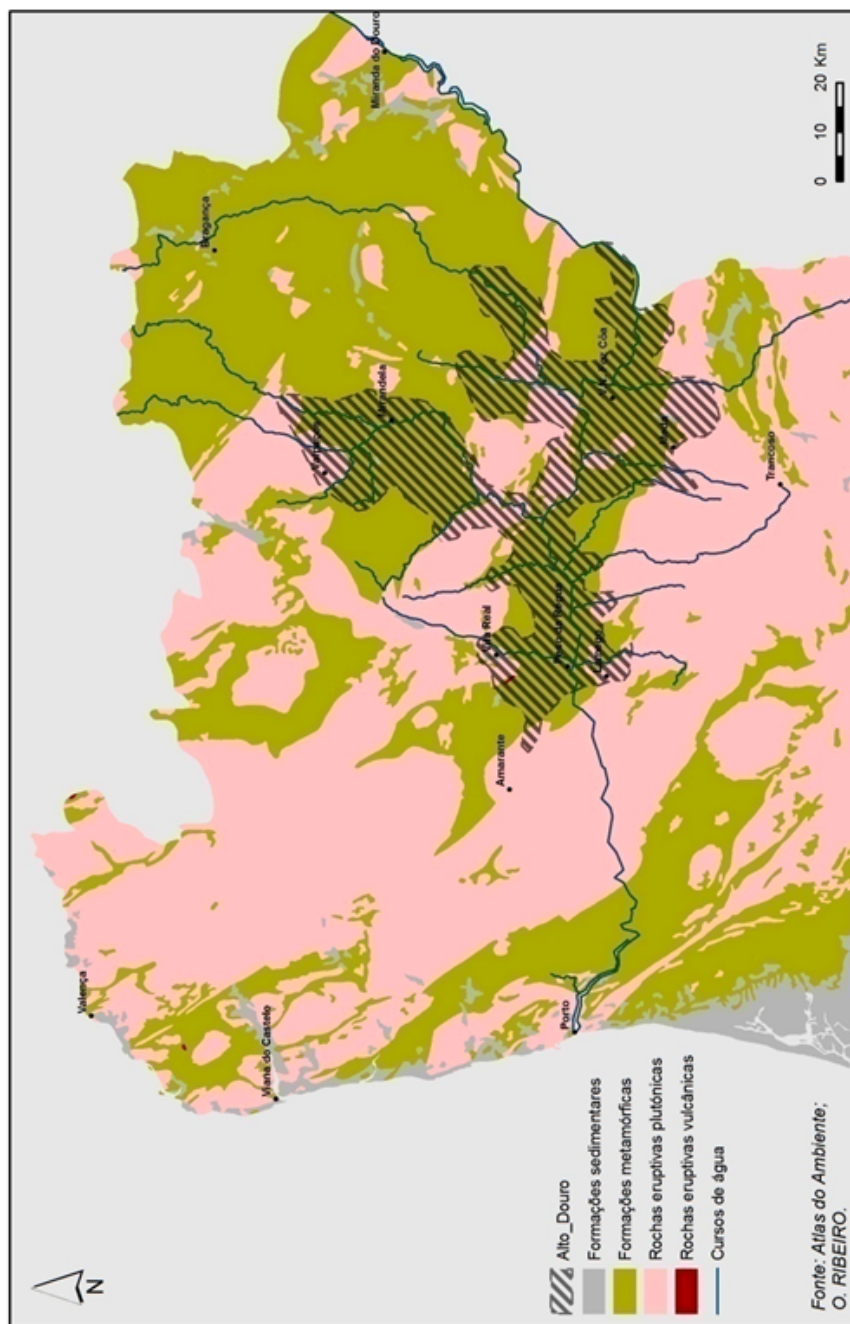


Fig. 18 – Sobreposição do Alto Douro e depressões anexas, de Orlando Ribeiro, com a litologia.

Repare-se que para conhecer e posteriormente definir a unidade de paisagem do Alto Douro, Orlando Ribeiro privilegiou mais os seus itinerários nos limites das regiões envolventes, Trás-os-Montes e Beira alta, do que percursos no interior da região, como se o olhar fosse mais da meseta para o vale e menos do vale para a meseta, e daí a perspectiva unificadora do rio e não elemento de divisão. Nas descrições e apontamentos do geógrafo, é na descida do vale que se vão diferenciando as culturas, o povoamento, a economia, e não o contrário. Esta ideia encontrámo-la em torno da viagem que efectua em 1963 (ver

Caderno 55), quando Orlando Ribeiro procura uma relação entre a estrutura e a morfologia, o que nos levou a estabelecer a correspondente ligação na cartografia efectuada dos percursos (ver fig. 7).

Outra preocupação implícita nas notas que tira acerca da Geografia do Alto Douro, é a questão clássica dos níveis de aplanamento e ciclos de erosão, tão importante nos estudos de Geografia física de meados do século XX e onde se sente a influência de Pierre Birot, com quem tantas vezes privou e cujos temas de estudo dominantes versavam sobre questões geomorfológicas¹¹⁸.

Mas, será interessante entretanto apresentar a visão geomorfológica do Alto Douro de Lautensach, que o define assim: “Esta formidável paisagem de erosão do troço superior do Douro português e dos seus afluentes forma, com a bacia de abatimento de Mirandela e outras pequenas bacias condicionadas pela tectónica recente, uma região a que dão unidade tanto a natureza como a ocupação humana, região que se intercala nos restos da peneplanície de Trás-os-Montes e da Beira transmontana e que é chamada o Alto Douro.”¹¹⁹

Ora a esta ideia do condicionamento da bacia hidrográfica pela tectónica, vai adicionar Orlando Ribeiro a perspectiva de uma ‘geomorfologia litológica’ clássica, que, mais tarde, J. Nicod e A. Godard reflectem nas suas obras *Pays et paysages du calcaire* (1972) e *Pays et paysages du granite* (1977), respectivamente. Usando como referência de base o Maciço Antigo que substitui o “Alto Portugal” de Lautensach, Orlando Ribeiro diferencia o modelado granítico do modelado xistoso referindo que “Pela sua extensão e importância, e pelas suas nítidas diferenças de comportamento, as manchas de granito e de xisto determinam estilos de paisagem cujos caracteres interessa precisar.”¹²⁰ Constatase, que em relação ao relevo, Orlando Ribeiro segue as ideias principais delineadas por Lautensach, no que respeita às características únicas do vale do Douro e seus afluentes na demarcação da unidade geográfica da região do Alto Douro.

¹¹⁸ Veja-se, por exemplo: P. Birot (1949), p. 9-16. O nordeste de Portugal é uma área muito rica em termos geológicos e geomorfológicos mas muito tardiamente estudada. O primeiro trabalho de fundo foi elaborado por um geólogo, António Ribeiro, filho de Orlando Ribeiro, com a obra *Contribution à l'étude tectonique de Trás-os-Montes Oriental* (1974). Mais recentemente, destacam-se os estudos de Diamantino Pereira, *Sedimentologia e Estratigrafia do Cenozóico de Trás-os-Montes oriental* (1997) e José Gomes dos Santos, *As bacias de Mirandela, Macedo de Cavaleiros e de Vilarça-Longroiva: Estudo de geomorfologia* (2005).

¹¹⁹ Hermann Lautensach in Orlando Ribeiro *et al.*, I, 1987, p. 148.

¹²⁰ Orlando Ribeiro in Orlando Ribeiro *et al.*, I, 1987, p. 174.

1.2. Clima

Em relação à caracterização climática do Alto Douro encontramos ao longo da obra de Orlando Ribeiro inúmeras referências aos valores de temperatura e da precipitação que caracterizam esta região, especialmente a partir da publicação de “Portugal” (1955), em que o geógrafo faz uma síntese do clima português para complementar o estudo climático geral da Península Ibérica. No entanto, convém referir que esse estudo, segundo Suzanne Daveau, não teve por base uma pesquisa científica desenvolvida pelo próprio, constituindo, à semelhança do capítulo relativo ao relevo, uma síntese dos dados elaborados por Lautensach, o que vem comprovar uma vez mais, a influência que este último exerceu na obra produzida por Orlando Ribeiro, especialmente em matéria de Geografia física ¹²¹.

Tal como em relação ao relevo, também no que respeita ao clima Orlando Ribeiro procura sempre fazer enquadramentos à escala global, peninsular e regional. Assim, atribui em primeiro lugar as características climáticas de Portugal às condições gerais da sua posição geográfica, considerando-o “*solidário do clima da Península*”, e só depois parte para o estudo dos factores explicativos locais ¹²².

Da análise comparativa realizada às três referidas edições de *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*, encontramos sem qualquer modificação, desde a 1ª versão, em 1945, um texto síntese de tal forma expressivo relativamente às condições térmicas que se fazem sentir no Alto Douro, que achamos pertinente apresentá-lo na íntegra: “O calor de Verão que, naturalmente, aumenta do Norte para o Sul ao longo da costa, domina no interior, tornando-se ardente no vale do Douro e seus afluentes: 139 dias de máxima superior a 25° no Pinhão (95 em Faro). Tudo aí favorece uma temperatura abrasadora: o vale fundo e apertado, onde não entra uma aragem oceânica, a reverberação do xisto, então brilhante como metal polido, as noites sufocantes, que nenhuma viração refresca. Sob a ardência implacável do sol, na imensa escadaria de geios que o homem pensadamente ergueu, amadurece a uva que dará o mais nobre de todos os vinhos! Por isso as isotérmicas de Julho, que correm geralmente paralelas ao litoral, desenham, ao atravessar o Douro, uma inflexão côncava para o interior.” ¹²³

¹²¹ Suzanne Daveau in Orlando Ribeiro *et al.*, II, 1988, p. 389.

¹²² Orlando Ribeiro in Orlando Ribeiro *et al.*, II, 1988, p. 372.

¹²³ Orlando Ribeiro in Orlando Ribeiro (1945), p. 69; Orlando Ribeiro (1963), p. 51; Orlando Ribeiro (1998), p. 46.

As temperaturas extremas de Verão tornam esta região singular, sendo por isso recorrente a sua referência: “As temperaturas mais elevadas registam-se nas depressões interiores da bacia do Douro, encaixada entre montanhas que interceptam as brisas marítimas (Pinhão, Agosto, 25,8º) (...).”¹²⁴ Esta análise tem por base as temperaturas médias registadas no mapa das isotérmicas de Julho, reduzidas ao nível do mar. O Verão, muito mais curto nos planaltos transmontanos adjacentes ao vale do Douro, explica-se, fundamentalmente, pelos valores de altitude¹²⁵.

Ao vale do Douro e seus afluentes atribui Orlando Ribeiro um “(...) clima transmontano, de afinidades continentais, muito mais seco, com Inverno moderado e Verão ardente,”¹²⁶ mas sem dúvida com características de influência marcadamente mediterrâneas.¹²⁷ A protecção desta região, face à influência dos ventos atlânticos de Oeste é exercida pelo conjunto de serras, que constituem uma notável barreira de condensação: “(...) dominando este corredor de Inverno suave e Verão ardente, os altos cimos do Marão e do Montemuro, cobertos de neve durante meses, que o subtraem à influência atlântica.”¹²⁸

Evoca o geógrafo, as vivências e experiências do homem do Douro para acentuar a intensidade do calor estival desta região: “La fortíssima reverberación de los rayos solares en las pizarras relucientes hace subir la temperatura a más de 40º durante el verano. Cuéntase que se asan sardinas poniéndolas sobre los raíles del ferrocarril. Com este clima las uvas adquieren una gran riqueza en alcohol y azúcar.”¹²⁹ Percorrendo os Cadernos de Campo e a propósito da quinta da Reduida, em Folgosa, destacamos uma nota referente às melhores condições térmicas para as vinhas: “A melhor exposição ao Nascente, apanha o sol de manhã e evita o máximo calor da tarde.”¹³⁰ O que comprova a importância das condições térmicas para a maturação da uva, bem como o excessivo calor de Verão que se faz sentir.

¹²⁴ Orlando Ribeiro *in* Orlando Ribeiro *et al.*, II, 1988, p. 384.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 373. Os dois mapas de isotérmicas de Janeiro e de Julho, que acompanham o texto original de 1955, no capítulo relativo ao clima de Portugal, foram construídos segundo o *Atlas de Portugal* de A. Amorim Girão de 1941 e são ainda hoje os que constam nos manuais do ensino secundário.

¹²⁶ *Ibid.*, p. 384.

¹²⁷ “A favor das chuvas escassas, do Inverno moderado e no Verão ardente, as influências mediterrâneas chegam muito ao norte.” Orlando Ribeiro (1945), p. 226; Orlando Ribeiro (1963), p. 164; Orlando Ribeiro (1998), p. 150.

¹²⁸ Orlando Ribeiro (1991), p. 57.

¹²⁹ Orlando Ribeiro (1955), p. 241.

¹³⁰ Caderno 58, 1966, p. 69.

Ao efectuarmos uma leitura comparativa dos textos sobre o Alto Douro, surge desde logo, e uma vez mais, a clara influência de H. Lautensach nos textos de Orlando Ribeiro. Assim, a região confina-se aos vales do Alto Douro, denominando-se *Terra Quente* (estabelecendo como limite de altitude os 600 metros), de Verão longo e muito quente e Inverno suave e curto, em oposição à região continental, a Norte, correspondente aos planaltos de Trás-os-Montes ou *Terra Fria*, com Verão quente e curto e Inverno longo e frio, com neves ocasionais. Amorim Girão aludindo às mesmas temperaturas extremas, diz referindo-se ao Douro “Terra Quente se chama, por tal motivo, à zona marginal deste último rio. A região duriense tem, com efeito, uma altíssima temperatura estival, difícil de suportar para os estranhos. O termómetro chega a marcar perto de 60° ao sol e mais de 40° à sombra (...).”¹³¹

No capítulo relativo às regiões geográficas, do tomo V da *Geografía de España y Portugal*, ao caracterizar a *Terra Quente* Orlando Ribeiro diz-nos que “El clima es, por esto, muy diferente: com pocas lluvias, invierno moderado por el abrigo de las altas vertientes y verano com dias tórridos que suceden a noches de bochorno.”¹³² Mesmo para quem nunca viveu ou visitou no Verão o Alto Douro, facilmente se consegue captar através das descrições de Orlando Ribeiro, as particularidades térmicas e o porquê da designação *Terra Quente*, e ao mesmo tempo a importância e influência dos principais factores locais no clima do grande vale.

Para analisar a precipitação, socorre-se Orlando Ribeiro dos estudos, dados e mapas de Lautensach (1951), que se dedicou essencialmente, segundo Suzanne Daveau, à apreciação da variação climática Oeste-Este, registando as diferenças regionais mais importantes¹³³. O autor, à semelhança das observações que efectuou sobre as temperaturas, apresenta uma síntese comparativa de dados relativos à nebulosidade, humidade e precipitação, utilizando como referência as estações do Porto e de Moncorvo que se situam à mesma latitude¹³⁴.

¹³¹ A. de Amorim Girão, (1949), p. 171.

¹³² Orlando Ribeiro (1955), p. 241.

¹³³ É importante a referência que Suzanne Daveau dá relativamente às limitações, à data, dos estudos climáticos regionais, devido à fraca densidade de estações de observação. Suzanne Daveau in Orlando Ribeiro *et al.*, II, 1988, p. 389.

¹³⁴ A título exemplificativo refira-se a oposição de 126 dias de céu encoberto no Porto contra 94 em Moncorvo.

Deste estudo comparativo resulta a síntese explicativa da diferenciação regional entre o norte atlântico e o interior transmontano, quanto aos valores da precipitação: “Em contraste com esta vertente atlântica, a vertente interior é notavelmente mais seca (1000 mm). A corda de grandes altitudes que se estende do Minho ao Mondego, constitui, no Norte do país, o seu limite regional mais importante. Retendo as nuvens, empobrecendo a humidade das massas de ar que sobre elas a precipitam, estas serras separam a fachada atlântica das terras transmontanas ou interiores, que preludiam a aridez do centro da Península. Não admira, por isso, que a depressão interior do Douro e dos seus afluentes, profundamente encaixados, mostre, a oriente, valores de precipitação tão baixos como no Algarve.”¹³⁵

Também se mantém em todas as edições de *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* (apenas actualizados os dados), as mesmas comparações e as mesmas referências à precipitação reduzida do nordeste, como a que se segue: “A vertente transmontana é notavelmente mais seca e, para oriente, ao longo dos vales do Douro e dos seus afluentes, as influências oceânicas são batidas pela secura interior: com altas temperaturas estivais, a região recebe menos chuvas do que o Algarve.”¹³⁶ A propósito deste facto, fornece Orlando Ribeiro em nota suplementar, os dados do registo de observação da precipitação em Pinhel, os mais baixos de Portugal, em oito anos, de 285 mm. E explica os “enclaves”: “Entre os planaltos transmontanos e beirões – Terra Fria e moderadamente chuvosa – insinuam-se, pelos vales e baixos, retalhos de Terra Quente, muito seca, revestida de belas árvores mediterrâneas cultivadas.”¹³⁷

Os valores de temperatura e de precipitação são indissociáveis na explicação do quadro singular da paisagem do Alto Douro, sendo de facto esta região a “ilha mediterrânea” do Portugal Atlântico, como tantas vezes Orlando Ribeiro ressalva.

1.3. Hidrologia

Orlando Ribeiro dedicou pouco espaço à caracterização do regime dos rios portugueses, tendo em traços gerais resumido a primeira parte do capítulo V da obra H.

Orlando Ribeiro (1945), p.154; Orlando Ribeiro (1963), p.112; Orlando Ribeiro (1998), p. 102.

¹³⁵ Orlando Ribeiro in Orlando Ribeiro *et al.*, II, 1988, p. 376.

¹³⁶ Orlando Ribeiro (1945), p.154; Orlando Ribeiro (1963), p.112; Orlando Ribeiro (1998), p. 102.

¹³⁷ Orlando Ribeiro (1945), p.155; Orlando Ribeiro (1963), p.112; Orlando Ribeiro (1998), p. 102.

Lautensach (1932), relativo aos rios e seus processos de erosão. Recorda, Suzanne Daveau que o autor apenas redigiu um simples parágrafo sobre o assunto, no capítulo que dedicou ao “Clima, regime dos rios e vegetação”, publicado na *Geografia de España y Portugal*, em 1955.¹³⁸ A explicação para o parco desenvolvimento deste tema, relaciona-se segundo a comentadora, com a presença na obra acima referida, do primeiro trabalho científico de conjunto relativo ao «regime dos rios peninsulares», desenvolvido por V. Masachs Alavedra, em 1948¹³⁹.

Sobre os aspectos hidrológicos Amorim Girão desenvolve estudos de maior profundidade que constituíram referência para H. Lautensach e para Orlando Ribeiro. Elaborou e analisou numerosos perfis longitudinais e transversais do Douro e de alguns dos seus afluentes, estabelecendo relações entre os primeiros e os ciclos de erosão (ou ciclo de planaltos), entre o Douro e alguns dos seus afluentes. Numa visão à escala nacional, ligou ainda a hidrologia com a estrutura do solo, cruzando a carta geológica com a hipsométrica¹⁴⁰.

Desde a primeira edição de *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* (1945), que Orlando Ribeiro salientou relativamente às alterações do caudal dos rios nacionais, o regime de carácter irregular e torrencial dos mesmos: “(...) opõem-se no Inverno e na Primavera cheias que podem alcançar 20 m no Douro (...)”¹⁴¹ E, ainda a propósito da instabilidade das águas do Douro recorda-o como um rio “(...) sujeito a enormes cheias, [que] apresenta o aspecto de um rio ainda vigoroso, correndo, estrangulado, entre margens abruptas formadas de rochedos quase a pique, ou rugindo em perigosos rápidos (...)”¹⁴². A Fotografia que tirou em 1954 ilustra bem a realidade que descreve (ver fig. 19).

¹³⁸ Suzanne Daveau in Orlando Ribeiro *et al.*, II, 1988, p. 488.

¹³⁹ *Ibid.*, p. 489.

¹⁴⁰ “(...) o rio Douro parece que inverte a ordem natural das coisas: tendo apresentado na bacia terciária de Castela-Velha todas as características de um rio de planície, termina por ser, em Portugal, um autêntico rio de montanha.” A. de Amorim Girão (1949), p. 149.

¹⁴¹ Orlando Ribeiro (1945), p. 82; Orlando Ribeiro (1963), p.60; Orlando Ribeiro (1998), p. 52.

¹⁴² *Guia de Portugal* (1988), vol. V, p. 526.



Fig. 19 – O Douro.

(Orlando Ribeiro, 1954, CEG, Fototeca, foto n° 5621)

A questão relativa à variação interanual do regime do Douro, a tentativa de regularização do caudal e a minimização dos efeitos das cheias com a construção das barragens, pode ser frequentemente encontrada nos textos escritos sobre esta temática.¹⁴³ Na viagem que efectuou em 1955, Orlando Ribeiro registou a construção da barragem de Picote, o que confirma o seu interesse pelas alterações que progressivamente se foram verificando na região duriense (ver fig. 20).

¹⁴³ “E, assim como elementos climáticos variam de ano para ano, assim também os regimes dos rios sofrem enormes oscilações. Produzem-se, em média, grandes cheias com intervalos de 1 a 2 anos (Mondego), de 3 a 4 (Douro); mas contam-se períodos de 9 a 19 anos nos diferentes rios sem que o fenómeno tenha ocorrido.” Orlando Ribeiro in Orlando Ribeiro *et al.*, II, 1988, p. 485-486.

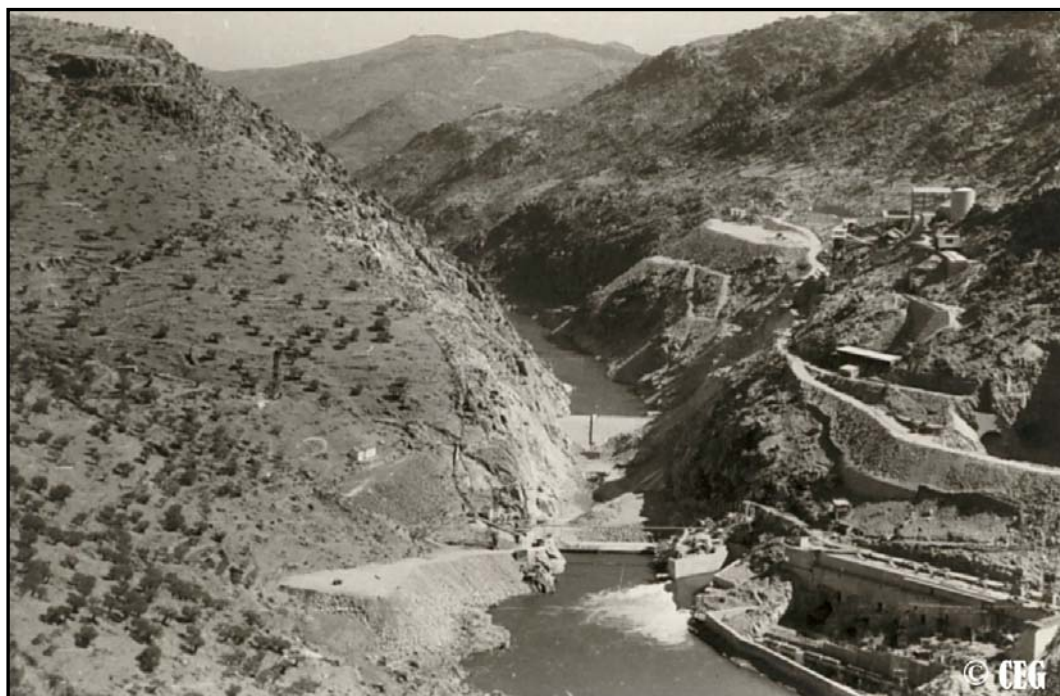


Fig. 20 – Barragem de Picote.

(Orlando Ribeiro, 1955, CEG, Fototeca, foto nº 5643)

A propósito do sistema complexo de barragens que se podem encontrar ao longo do Douro escreve Orlando Ribeiro: “Hoje, até o próprio rio foi cortado aos pedaços por uma série de barragens hidroeléctricas, cujas albufeiras modificaram o equilíbrio daquela grandiosa paisagem natural e humana (...) Sumiu-se aquele rio turbulento e impetuoso ficando em lugar dele, largos remansos insípidos.”¹⁴⁴

1.4. Solos

A qualidade do solo, em parte condicionada pela rocha mãe da qual deriva, incorpora igualmente a influência dos factores locais do clima e do relevo e a acção dos agentes erosivos dominantes, justificando a maior ou menor concentração de terra arável disponível. O forte encaixe do Douro e, conseqüentemente, o declive elevado das vertentes, em tudo favorece a erosão confinando a terra arável ao fundo dos vales.

Distinguem-se no Alto Douro alguns vales muito férteis que contrastam com a paisagem envolvente dominante, e que Orlando Ribeiro destaca. É o caso da área

¹⁴⁴ Orlando Ribeiro (1991), p. 57.

ribeirinha do Vale da Vilarica que percorreu em 1943, tendo registado a seguinte nota: “Vilarica – 1) Terras fundas (“onde não há uma pedra que se atire a um cão”) muito férteis dão 3 renovos no ano (trigo de verão, milho, feijão – são alagadas todos os anos pela cheia do Douro. 2) Terraços de aluvião ou rocha e pedaços do fundo não aluvial.”¹⁴⁵ Estes solos de aluvião “fundos, ricos, de composição equilibrada”¹⁴⁶ alimentados pelo nateiro das cheias, como é o caso da Foz do Sabor e o Pocinho, são os únicos que garantem a fertilidade e asseguram uma prática agrícola sustentável.

Mas, a influência das características mediterrâneas que se estendem até esta área, especialmente a coincidência do período de maior calor com o período de maior estiagem, também não permitem o desenvolvimento de solos profundos uma vez que predomina a desagregação mecânica em relação à alteração química. Finalmente a composição mineral dos solos de xisto, pobre em cal e em ferro, condiciona à partida a lavoura e o rendimento agrícola. Este terreno cascalhento e impermeável, caracterizado por solos esqueléticos, é rapidamente arrastado pelas chuvas concentradas e pelas enxurradas frequentes na mudança de estação.

Já em 1955, no texto que preparou para a *Geografía de España y Portugal*, Orlando Ribeiro descreve com o enorme poder de síntese e rigor científico que o caracteriza, estas características naturais que encontramos no Alto Douro e que em nada favorecem a actividade agrícola¹⁴⁷.

Toda a paisagem agrícola foi construída à custa do sacrifício e trabalho árduo dos trabalhadores durienses¹⁴⁸. Este solo é pois criado pelo homem e, por essa razão, no caso do Alto Douro, a paisagem é particularmente original uma vez que se subentende uma relação ente a natureza e o homem de igual para igual, numa contínua modelagem do meio às necessidades humanas. Esta ideia encontra-se evidente na citação que se segue: “O Alto Douro, de solo xistento que reverbera a radiação solar e protege a humidade profunda sob a cobertura cascalhenta do solo, baixo mas encaixado, constitui, à custa da solcacagem das

¹⁴⁵ Caderno 27, 1943, p. 15.

¹⁴⁶ Orlando Ribeiro in Orlando Ribeiro *et al.*, IV, 1991, p. 993.

¹⁴⁷ “Por lo tanto, la naturaleza no fué pródiga. Partiendo de estos dones escasos, solo à costa de un trabajo consiguió el hombre, en muchos lugares, preparar sus superficies de cultivo. La abundancia de piedra permite, en los terrenos en declive, levantar muros que, al mismo tiempo, aseguran la tierra y la desembarazan para el cultivo. La mayor construcción de este tipo es la formada por los viñedos del Duero sostenidos por bancales de pizarra, donde a veces se machacó la própria roca para que pudiesen penetrar en ella las raíces de la viña.” Orlando Ribeiro (1955), p. 138.

¹⁴⁸ Ainda em relação ao solo da região demarcada do Douro, explica Orlando Ribeiro que “ (...) hubo que crearlo triturando la roca y mezclándola com tierra y estiércol.” *Ibid.*, p. 241.

suas margens (degraus gigantesco de um imenso escadório em que o respaldo dos montes se converteu à custa de penoso trabalho humano), tira do vinho do Porto a sua originalidade.”¹⁴⁹ E se o Alto Douro é, conforme a interpretação de Orlando Ribeiro, uma paisagem que não se consegue dissociar da produção do vinho do Porto, esta ligação à rocha mãe é determinante, pois “Apenas se usa, para o vinho generoso, o mosto das uvas cultivadas em terreno de xisto.”¹⁵⁰

No estudo que efectuámos sobre os diferentes Cadernos de Campo é possível constatar uma contínua ligação entre as características dos solos, a sua fertilidade e os sistemas de cultura e morfologia agrária dominante, servindo as numerosas observações registadas para distinguir a economia e vida rural transmontanas da duriense.

1.5. Cobertura Vegetal

À semelhança do que já referimos nos capítulos anteriores, também no que respeita ao estudo da cobertura vegetal, considera Suzanne Daveau que as ideias principais que encontramos na obra de Orlando Ribeiro, resultam de “(...) uma vigorosa e brilhante síntese do estudo de Lautensach.”¹⁵¹ Tal facto não significa que ao longo da sua obra geográfica tenha demonstrado menos interesse e não tenha deixado de procurar explicar as características bem como o domínio de determinada(s) espécie(s) ou formações vegetais, relacionando-as com as características climáticas, condições do solo e acção humana.

A estrutura do capítulo que Orlando Ribeiro intitula “O manto vegetal”, escrito para integrar a terceira parte do capítulo II do tomo V da *Geografia de España y Portugal* (1955), estrutura-se em função da grande divisão do território nacional: o atlântico e o mediterrâneo. À semelhança do que já tinha afirmado na 1ª edição de *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* (1945), procura a explicação para os limites meridionais ou setentrionais das diferentes espécies, no cruzamento destas influências climáticas distintas. Muitas das ideias e citações encontram-se expressas noutras obras do autor e, por isso, tentaremos evitar repetições ao apresentar as ideias principais subjacentes. A leitura deste trecho é, na opinião de Suzanne Daveau, de grande proveito para os leitores, mesmo para

¹⁴⁹ Orlando Ribeiro (1977), p. 154.

¹⁵⁰ Orlando Ribeiro (1998), p. 151.

¹⁵¹ Suzanne Daveau in Orlando Ribeiro *et al.*, II, 1988, p. 589.

aqueles que não possuem uma preparação científica de botânica, uma vez que testemunha a enorme sensibilidade à observação da paisagem.

No vale do Douro, “Las vertientes en declive se encontraban aún en el siglo XVII revestidas de matorral espontáneo, del que restan algunos pies de enebro de la miera (*Juniperus oxicedrus*). Hoy la viña las cubre hasta los 300 ó 400 metros, en un inmenso graderío de geios o terrazas destinadas a retener el suelo (...).”¹⁵²

A espécie que estabelece a transição entre as espécies mediterrâneas e as de folha caduca típicas da Europa atlântica é o chamado carvalho português ou cerquinho (*Quercus lusitanica*, hoje designado por *Quercus faginea*) distribuindo-se “(...) nos vales orientais do Douro (...)”¹⁵³ E acrescenta: “Na região interior do Norte (Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Transmontana), abaixo dos planaltos da Terra Fria, com matas de carvalhos e castanheiros, domina uma bela flora mediterrânica cultivada: é a Terra Quente dos afluentes orientais do Douro, com sobreiros, oliveiras, laranjeiras, figueiras e amendoeiras. A abrótea espontânea é mais um índice do clima da região.”¹⁵⁴

No *Guia de Portugal* (1970) podemos encontrar também referência às principais espécies dominantes: “Nas encostas escarpadas do vale, é a vinha que predomina. Mas há muitas oliveiras também, assim como outras árvores meridionais, tais como a laranjeira, a figueira e a amendoeira. Esta última é, sobretudo, abundante a leste, perto de Barca de Alva. Acima do limite das vinhas, encontram-se tufos de pinheiros marítimos e de carvalhos; mais acima, há a serra (urze, estevas, alfazemas, giestas).”¹⁵⁵ Interessante é encontrar na mesma obra, a referência ao revestimento vegetal primitivo, que o Conde de Hofmannsegg, encontrou na região em 1800, “(...) constituído por terebintos, vinhas bravas de grossos troncos, atingindo quinze metros de altura, enlaçadas em caules de árvores. Entre estas, a azinheira, de grande porte, seria a mais dominante. (...) uma brenha formada de estevas, mirtos, carvalhiços, urzes arbustivas, estevas, lentiscos (*Phillyria angustifolia*), pistaceira (*pistacia lentiscus*) e fetos.”¹⁵⁶

¹⁵² Orlando Ribeiro (1955), p. 241.

¹⁵³ Orlando Ribeiro (1998), p. 48; Orlando Ribeiro (1963), p.55.; Orlando Ribeiro in Orlando Ribeiro *et al.*, II, 1988, p. 581.

¹⁵⁴ Orlando Ribeiro (1998), p. 51 e Orlando Ribeiro (1963), p.59; Orlando Ribeiro in Orlando Ribeiro *et al.*, II, 1988, p. 583.

¹⁵⁵ *Guia de Portugal* (1988), vol. V, p. 526.

¹⁵⁶ *Ibid.*, p. 527.

Deixamos para o capítulo relativo à economia rural as referências às duas espécies de maior importância no Alto Douro, a vinha e a oliveira, pelo carácter determinante que apresentam no modo de vida da região.

2. Elementos Humanos

2.1. Povoamento

Orlando Ribeiro desde cedo manifestou forte interesse pelo estudo do povoamento rural, que considerava, segundo Suzanne Daveau, “(...) a marca, na paisagem, da diversificada evolução histórica e dos modos de vida do campo.”¹⁵⁷ Expressão vidaliana por excelência que espelha bem a influência da escola francesa na obra do autor, particularmente, de A. Demangeon. Comprova este interesse a comunicação que apresentou ao Congresso Internacional de Geografia, em 1938, o Inquérito relativo ao povoamento rural que elaborou e difundiu nesse mesmo ano em Portugal, assim como os numerosos artigos relativos a este tema que foi publicando na sua vasta obra científica, destacando-se a colaboração no *Dicionário de História de Portugal* dirigido por J. Serrão com um texto relativo à “Aldeia” (1963) e, posteriormente, um outro sobre “Povoamento” (1971).

Concebe Orlando Ribeiro o povoamento como a: “Expressão de relações entre o homem e a terra, resultante, por um lado, de condições naturais, por outro, da forma de colonização, modos de vida, sistemas de exploração (...)”¹⁵⁸ Aproxima-se da concepção metodológica de Vidal de La Blache no que diz respeito ao estudo das relações entre o homem e o meio e no estabelecimento da fisionomia das diferentes regiões que estudou, justificando a substituição da expressão de *género de vida* por *modo de vida* como uma

¹⁵⁷ Orlando Ribeiro in Orlando Ribeiro *et al.*, III, 1989, p. 878. Nos anos 30, dedicou Orlando Ribeiro grande parte da sua investigação ao estudo do povoamento, podendo destacar-se na sua bibliografia os seguintes estudos: «L’habitat rural au Portugal», *Comptes Rendus du Congrès International de Géographie, Amsterdam 1938, II*. (Travaux des Sections A-F), Leiden, UGI, 1938, p. 137-144, obra relativa a aspectos históricos da formação dos tipos de povoamento; *Inquérito do Habitat Rural*, Coimbra, Instituto para a Alta Cultura, 1938, 16 p; 2.ª edição, Coimbra, 1939, 16 p. relativo à habitação e habitat rural e à propriedade e exploração da terra e “Aglomeração e dispersão do povoamento rural em Portugal”, *Miscelânea Científica e Literária dedicada ao Doutor J. Leite de Vasconcellos*, Lisboa, 1939, em separata, 20 p., onde foca as causas da repartição da população rural; distinção entre povoamento rural e povoamento urbano; exame das expressões mais empregadas; aglomeração (ou concentração) e disseminação (ou dispersão) e tentativas de explicação.» in Ana Amaral e Ilídio Amaral (1984).

¹⁵⁸ Orlando Ribeiro in Orlando Ribeiro *et al.*, III, 1989, p. 867.

questão de “(...) aproximação da linguagem científica à linguagem corrente.”¹⁵⁹ E acrescenta a propósito desta expressão que adopta e que tantas vezes podemos ler nos seus textos: “As condições naturais favorecem culturas que, por sua vez, determinam formas de trabalho a que convém certa organização social e económica; o que tudo tem na expressão complexa que é o modo de vida o seu reflexo.”¹⁶⁰

Da análise que efectuamos à repartição do povoamento (ver fig. 21), é bem evidente que o tipo 7 – Quintas do Douro – surge como um “corredor” de povoamento “original” entre toda a área 13 – Aglomeração pura (tipo transmontano 9), e a área 8 – lugares aglomerados (tipo serrano), Beiras Alta e Transmontana. No Douro, o individualismo na exploração e trabalho das quintas opõem-se à tradição comunitária agro-pastoril do norte transmontano e das serranias envolventes. A cultura da vinha impôs novas tendências, hábitos e tradições, que resultaram numa estrutura social e económica, diferente das áreas envolventes.

As quintas do Douro surgem como uma variante regional e local de forma expressiva, confinadas ao vale axial do rio Douro e dos seus afluentes, especialmente na sua parte inferior.

¹⁵⁹ Em nota de pé de página Orlando Ribeiro refere ainda que “(...) sempre que se trata da exposição da doutrina de Vidal de La Blache há-de empregar-se a terminologia adoptada pelo próprio autor.” Orlando Ribeiro (1986), p. 109.

¹⁶⁰ Orlando Ribeiro *in* Orlando Ribeiro *et al.*, III, (1989), p. 867.



Figura 186.
Tipos de povoamento.
Figura 38 da obra original de O. Ribeiro, 1955.
Legenda:
Povoamento rural: 1. Dispersão quase completa (tipo minhoto); 2. Dispersão em pequenos núcleos; 3. Dispersão em manchas isoladas; 4. Dispersão ao longo dos vales; 5. Dispersão orientada; 6. Foros e montes do Sul; 7. Quintas do Douro; 8. Lugares aglomerados (tipo serrano); 9. Lugares aglomerados, com dispersão intercalar (Estremadura e Algarve); 10. Aglomeração com muitos montes; 11. Aglomeração com dispersão intercalar de montes (tipo alentejano); 12. Aglomeração com raros montes; 13. Aglomeração pura (tipo trasmontano); 14. Áreas despovoadas.
Povoações: 15. de 2000 a 5000 habitantes; 16. de 5000 a 10 000; 17. de 10 000 a 20 000; 18. mais de 20 000 habitantes; 19. Lisboa e Porto.

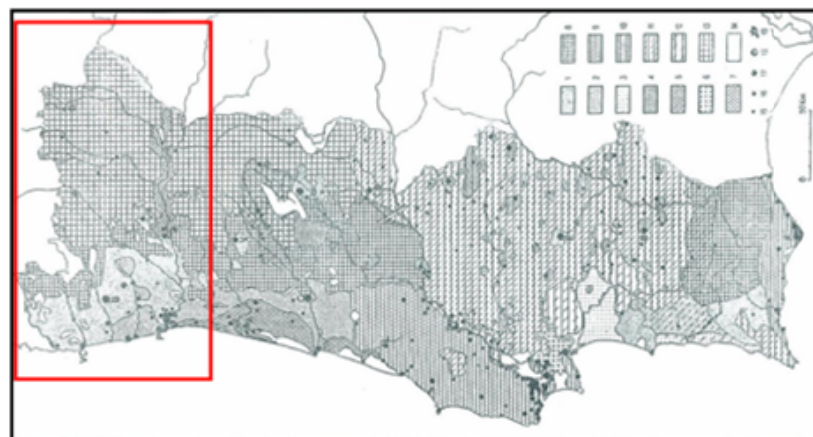


Fig. 21 – Tipos de Povoamento.
(Ext. Orlando Ribeiro, 1989, p. 862-863)

No Caderno 27, de 1943, podemos ler a propósito do vale da Vilaríça: “As povoações compactas dispõem-se aos lados do vale, nas encostas e no fundo, em terraços, apenas algumas quintas” (p. 16). Também no trajecto entre a Guarda e Pinhel, no Caderno 55, de 1963, na aldeia de Rapoula regista: “Povoamento aglomerado, raras quintas” (p. 61), o mesmo acontecendo em Freixeda do Torrão, “quinta isolada” (p. 62a), o que demonstra

bem a importância que atribuí a este elemento visível da paisagem, marca diferenciadora de diferentes modos de vida e distintos tipos de Paisagem.

Orlando Ribeiro vai desenvolver no capítulo que elaborou para “Portugal” (1955), relativo ao povoamento, um trabalho de síntese que difere em muito dos textos de H. Lautensach, não se verificando neste tema a influência captada nos capítulos anteriores. Suzanne Daveau atribui as diferenças entre as sínteses produzidas aos dados dos censos populacionais que tiveram por base, salientando no entanto a relevância dos resultados a que ambos chegaram relativamente ao povoamento tradicional de Portugal. Por seu turno, Amorim Girão, a respeito do povoamento, estabelece uma comparação entre o *monte* alentejano e as *quintas do Alto Douro*, uma vez que ambos constituem formas de dispersão visíveis dentro do povoamento concentrado mais expressivo que encontramos em Portugal continental ¹⁶¹. As *quintas do Douro* dão à paisagem um “(...) cunho inconfundível de garridice e de alegria (...)” ¹⁶² comprovado pela própria toponímia das quintas.

2.2. Movimentos Populacionais

Num dos seus primeiros artigos publicados na *Revista da Faculdade de Letras*, de Lisboa, em 1941, podemos encontrar referência aos diferentes tipos ou formas de migrações em Portugal. Aí, apresenta Orlando Ribeiro as principais razões explicativas para o esvaziamento contínuo das terras transmontanas, “(...) pobres de recursos, de clima rude e de exploração agrícola atrasada (...)” ¹⁶³ que efectuavam migrações sazonais tendo por base as fainas agrícolas, como “(...) os segadores de Trás-os-Montes que se internam pela Espanha a fazer a ceifa por terras leonesas; os trabalhadores da mesma província que vêm vindimar as vinhas do Douro (...)” ¹⁶⁴ Mas a região já antes apelara a grandes movimentos de mão-de-obra para se efectuar a construção dos geios e muros de suporte que constitui a paisagem duriense: “Esta gigantesca socalcagem determinou um apelo de mão-de-obra sensível até além das fronteiras do país, pois Galegos vieram adubar com o seu suor a terra da mais nobre das bebidas.” ¹⁶⁵

¹⁶¹ A. de Amorim Girão (1949), p. 263.

¹⁶² *Ibid.*, p. 391.

¹⁶³ Orlando Ribeiro (1941), p. 319.

¹⁶⁴ *Ibid.*, p. 324.

¹⁶⁵ Orlando Ribeiro (1968), p. 67.

Constitui Trás-os-Montes uma região em que praticamente durante todo o ano se registam deslocações de população em função dos produtos agrícolas que apresentam ciclos específicos devido ao clima e à natureza dos solos. Não só descem os trabalhadores do planalto para em Setembro efectuarem as vindimas no Douro, como depois vão subindo o planalto para a ceifa do centeio, como depois, no Inverno, já são os pastores das terras altas que vêm invernar no Douro, constituindo também o vale, um lugar de abrigo e acolhimento para o gado da Serra de Estrela, como tão bem nos descreve Orlando Ribeiro: “Os contrastes de clima e de natureza do solo, que variam os produtos e as necessidades de mão de obra, provocam deslocações permanentes de grupos humanos: beirões e transmontanhos que vêm fazer a vindima ao Douro, ceifeiros da Terra Quente dos vales e baixas de Trás os Montes, que sobem o planalto à medida que o verão, cada vez mais tardio, amadurece o centeio, pastores transumantes da Serra da Estrêla que invernam no Douro (...).”¹⁶⁶

Mas a importância destes movimentos populacionais não se cinge ao lado meramente laboral e económico: especialmente as vindimas do Douro constituíam oportunidades de conhecimento e enamoramento, uma festa que marcava definitivamente o calendário agrícola e social da região e das demais envolventes.

2.3. Economia e Vida Agrária

No contributo que Orlando Ribeiro deu ao conhecimento além fronteiras da Geografia de Portugal, destacamos, de novo o tomo V da *Geografía de España y Portugal*, defendendo o autor, logo nas páginas iniciais, que a singularidade nacional da vida agrária tem por base fundamentalmente o trabalho humano¹⁶⁷. O capítulo relativo à vida rural é um dos mais desenvolvidos, testemunhando não só o interesse da Geografia pelo modo de vida das populações na sua estreita relação com o meio (muito influenciada pela Escola Francesa), mas também pelo peso que o sector primário assumia na economia nacional.¹⁶⁸

Destaque-se, na obra citada, o mapa de síntese relativo aos sistemas agrícolas dominantes, pela leitura de conjunto que permite ao leitor ter do País (ver fig. 22). O Vinho

¹⁶⁶ Orlando Ribeiro (1946), p. 4.

¹⁶⁷ “Así la diferenciación del territorio portugués se asienta en hechos de geografía humana, puesto que las influencias naturales que en él se entrelazan le niegan unidad e individualidad.” Orlando Ribeiro (1955), p. 12.

¹⁶⁸ “Poco menos de la mitad de la población total vive de estos trabajos.” *Ibid.*, p.133.

do Porto constitui-se como um sistema agrícola autónomo e independente do sistema agrícola dominante em Trás-os-Montes e na Beira Transmontana, onde o centeio constitui o produto fundamental destas duas regiões. A cultura deste cereal nos *campos abertos* dos planaltos, intimamente ligado a uma economia pastoril, contrasta com a cultura da vinha que se desenvolve nos vales encaixados, ao longo das encostas de declive acentuado. No limite ocidental da área de produção de Vinho do Porto, para lá das serranias de Montemuro e do Marão, o milho regado toma expressão a par da policultura de regadio, possível pela abundância de água decorrente dos níveis elevados de precipitação.



Figura 205.

Sistemas agrícolas dominantes.

Figura 25 da obra original de O. Ribeiro, 1955.

Legenda: 1. milho regado (campo-prado), 2. policultura de regadio, 3. policultura de sequeiro, 4. predomínio dos arvoredos, 5. vinho do Porto, 6. centeio, 7. trigo e montado, 8. montado denso, 9. olival e trigo, 10. áreas pouco cultivadas, 11. arrozais e horticultura, 12. exploração florestal e gado grosso, 13. exploração florestal e charneca, 14. áreas incultas.

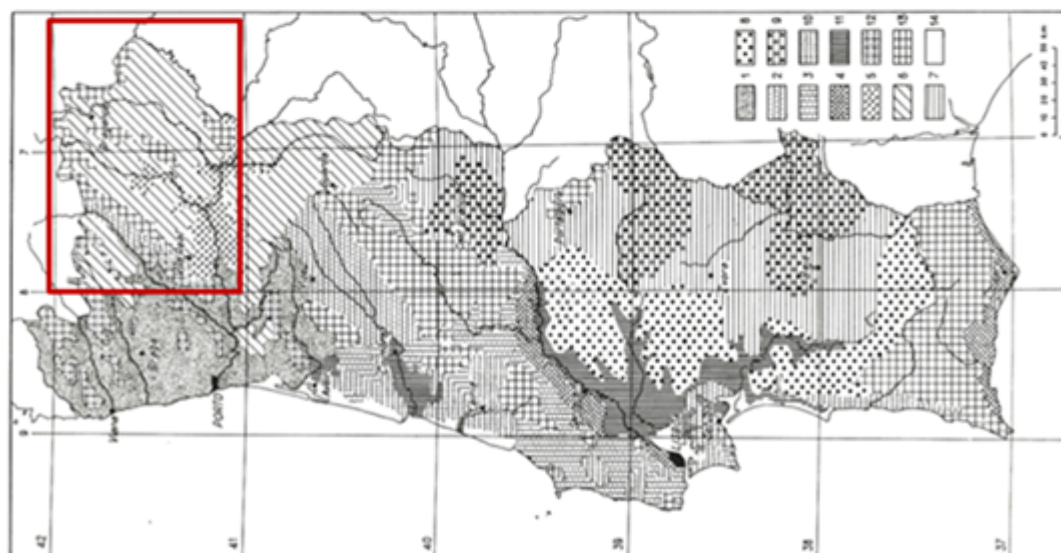


Fig. 22 – Sistemas agrícolas dominantes.
(Ext. Orlando Ribeiro, 1991, p. 998-999)

2.3.1. Culturas Arbustivas e Arbóreas

As características climáticas mediterrâneas do Alto Douro vão determinar um paralelismo das suas culturas arbustivas e arbóreas com as do sul de Portugal, sendo recorrente encontrarmos essa referência na obra de Orlando Ribeiro. Quando aborda o tema em “Portugal” (1955), refere: “El manto vegetal adopta, por primera vez, un aspecto francamente mediterráneo: hermosos grupos de alcornoques, olivares, plantaciones de higueras, almendros, naranjos y otros árboles frutales. Pero la originalidad de la región reside en el cultivo de la vid.”¹⁶⁹

O Vale da Vilariça (ver fig. 23), fotografado por Orlando Ribeiro em 1954, mostra bem a associação permanente entre estas duas culturas. A oliveira surge frequentemente nos limites do socalco, dominado pela cultura da vinha, conferindo à paisagem uma singularidade única.

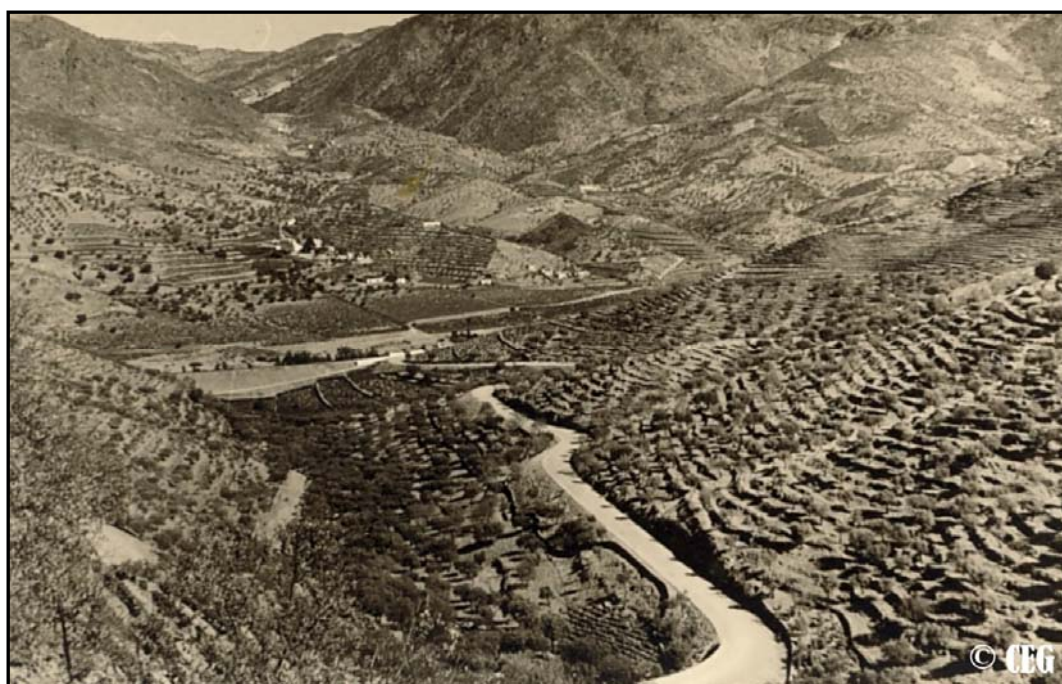


Fig. 23 – Douro – Domínio da vinha e oliveira.

(Orlando Ribeiro, 1954, CEG, Fototeca, foto nº 5623)

Orlando Ribeiro atribui à vegetação extrema importância como elemento diferenciador da paisagem, nomeadamente entre as denominadas *Terra Fria* e *Terra Quente*. Em relação a esta última explica: “Terra Quente dos vales e baixas presente já o

¹⁶⁹ Orlando Ribeiro (1955), p. 241.

Sul, pelos montados de sobreiros, os vinhedos e olivais, os frutos mediterrâneos: laranja e amêndoa. O Douro dá uma paisagem de incomparável humanidade: um rio caudaloso e navegado, entre margens abruptas e apertadas, por onde a vinha trepa na escadaria imensa de geios, alguns tufos de árvores de fruto e os salpicos claros das quintas dos produtores de vinho de Porto.”¹⁷⁰

Referindo-se às encostas de Barca de Alva salienta o predomínio do medronheiro mas também a existência de sobreiros e oxicedros, matagal mediterrâneo que antecedeu a plantação de oliveiras e amendoeiras (ver fig. 24) mais do que da vinha, impulsionada principalmente pelo caminho-de-ferro¹⁷¹.

Neste seu registo fotográfico procura claramente destacar a ocupação arbórea, sobressaindo o alinhamento das amendoeiras nas vertentes.

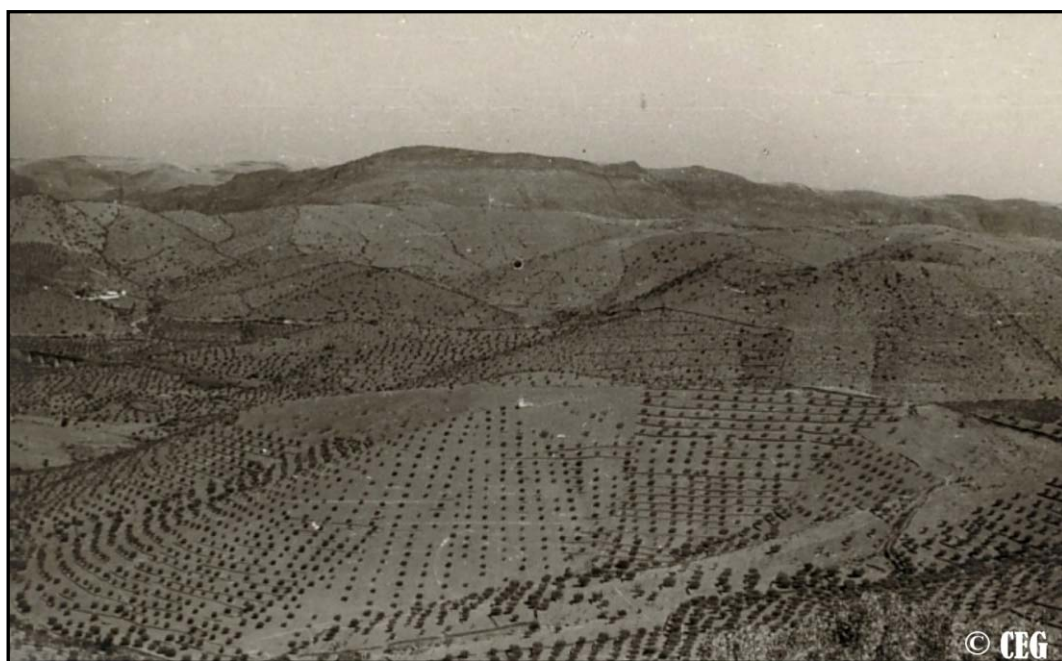


Fig. 24 – Amendoeiras.

(Orlando Ribeiro, 1955, CEG, Fototeca, foto nº 5647)

Importa também referenciar em Trás-os-Montes a “(...) plantação de amoreiras onde o clima das depressões o permitia (...)”, ligada à indústria da seda, florescente no séc.

¹⁷⁰ Orlando Ribeiro (1970), p. 305.

¹⁷¹ Orlando Ribeiro (1972), p. 50.

XVI, em vários núcleos da região, conforme destaca o autor ¹⁷². O registo do desaparecimento da casuleira, no Caderno de Campo de 1966, aquando da sua visita à quinta da Reduida, demonstra o conhecimento histórico e económico acerca dessa cultura na antiga economia da região ¹⁷³.

Referencia ainda o geógrafo, em particular, a cultura do cânhamo na Vilarça, com estreita ligação à riqueza de Torre de Moncorvo ¹⁷⁴ onde estava sediado o “armazém da feitoria do linho cânhamo”, socorrendo-se para tal dos estudos desenvolvidos pelo Padre António Carvalho da Costa ¹⁷⁵.

Considera Orlando Ribeiro que ao Mundo mediterrâneo deve a humanidade tributo à existência de três culturas fundamentais – o trigo, a vinha e o olival mas, destas três refere: “(...) apenas a vinha e a oliveira, com suas raízes profundas, procuram a escassa humidade remanescente das chuvas, são originárias do ambiente mediterrâneo.” ¹⁷⁶ Num estudo publicado em 1967, relativo à cartografia dos arvoredos e plantações em Portugal, salienta que “(...) os mapas da oliveira e da vinha adquirem significação diferente, porque estas plantas foram não só largamente propagadas pelo homem (o pinheiro bravo também) mas submetidas a um tratamento constante, como elementos, e dos mais prezados, do património agrário (...)” ¹⁷⁷ Assim, pela importância que têm na região do Alto Douro abordaremos individualmente a vinha e a oliveira, apesar de na paisagem e no discurso científico estarem associadas, na maior parte das vezes.

a) Vinha

A propósito da vinha Orlando Ribeiro apresenta várias abordagens ao longo da sua obra, não se limitando ao tema da adaptação da cultura às condições naturais de clima, relevo e solo, percorrendo também aspectos da História, da Etnografia e da Sociologia. Em relação à vinha considera-a uma “Cultura exigente em mão-de-obra, que aparece

¹⁷² *Ibid.*, p. 62.

¹⁷³ “casuleira – casa do casulo para o bicho da seda, desapareceu por completo” Caderno 58, 1966, p. 72 b.

¹⁷⁴ “O linho cânhamo, de excelente qualidade, cultivado no vale da Vilarça onde encontra excepcionais condições naturais, é trabalhado em tão grande quantidade em Torre de Moncorvo que há queixas, em 1439, sobre a insalubridade da água consumida na vila.” João Carlos Garcia (1986), p. 332.

¹⁷⁵ Cita a obra do Padre António Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, t. I, 2ª ed., Braga, 1868. Orlando Ribeiro (1972), p. 53.

¹⁷⁶ Orlando Ribeiro (1979), p. 3.

¹⁷⁷ Orlando Ribeiro (1967), p. 285.

largamente espalhada em todo o oeste atlântico e nas depressões transmontanas, sempre mais ricas do que os planaltos envolventes.”¹⁷⁸

Em *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, em todas as edições revistas, refere que a cultura da vinha é muito antiga em Portugal, “(...) na comarca de Riba Douro, em 1372, já o mais do vinho que se colhia era das videiras enlaçadas nos ulmeiros.”¹⁷⁹ No capítulo relativo ao Mundo mediterrâneo, a vinha ocupa lugar privilegiado na caracterização da nossa paisagem agrária, destacando o Vinho do Porto como o produto português de maior universalidade.

A propósito das regiões vinícolas do país, Orlando Ribeiro apresenta-nos a sua repartição, posicionando claramente o Douro no conjunto dos vinhos maduros e generosos, a par de toda a viticultura praticada nas terras a sul do Vouga¹⁸⁰. “Apenas o tracto superior do Alto Douro se pode comparar ao Algarve: aí alternam a oliveira e a amendoeira nos socalcos das íngremes vertentes de xisto. Nesta região muito quente, muito seca e abrigada, também as brancas flores lembram, no fim do Inverno, a neve que não chegou a cair.”¹⁸¹

Quando se refere à cultura da vinha no Douro, em *Geografia de España y Portugal* (1955), Orlando Ribeiro apresenta-a como a causa da enorme transformação da paisagem que aí ocorre a partir do século XVII, em que vertentes declivosas de terras pobres, ocupadas até então por matagais, são transformadas em socalcos levantando-se uma escadaria capaz de sustentar a terra, e considera-a “(...) la más vasta e imponente obra humana del território português.” E sobre todo o processo acrescentará: “La viña fué el principal incentivo para que se roturaran tierras pobres, en declive y arenosas. En el Duero, en las vertientes que hasta entonces solo estaban ocupadas por matorrales, comenzó en el siglo XVII a levantarse el graderío de bancales destinados a sostener la tierra en parte creada com la roca molida y espeurtas de estiércol, la más vasta e imponente obra humana del território português.”¹⁸²

¹⁷⁸ Orlando Ribeiro (1967-a), p. 285.

¹⁷⁹ Orlando Ribeiro (1998), p.73; e Orlando Ribeiro (1963), p.79; Orlando Ribeiro (1945), p. 110.

¹⁸⁰ “Seja como for, duas áreas se distinguem na viticultura portuguesa: uma abrange os lugares ao sul do Vouga, e a Terra Quente do Douro e dos seus afluentes menos ocidentais – a dos vinhos maduros e generosos (...)” Orlando Ribeiro (1998), p.73; Orlando Ribeiro (1963), p. 79.

¹⁸¹ Orlando Ribeiro (1998), p.74; Orlando Ribeiro (1963), p.80-81; Orlando Ribeiro (1945), p.111 e Orlando Ribeiro in Orlando Ribeiro *et al.*, IV, 1991, p. 1015.

¹⁸² Orlando Ribeiro in Orlando Ribeiro *et al.*, IV, 1991, p. 1012.

O grande impulso de transformação da paisagem ocorre em meados de Setecentos, aquando da constituição da *Companhia das Vinhas do Alto Douro*, pelo Marquês de Pombal, assegurado que estava o escoamento do Vinho do Porto para Inglaterra, considerando Orlando Ribeiro que só uma cultura rica e comercial poderia pagar o sacrifício humano desta “ admirável obra rural”. Explicando que: “A constituição da Vinha do Douro, desde o século XVII, é o melhor exemplo de uma cultura «comercial», cujo incremento se deve à existência de um mercado de exportação assegurado (Inglaterra); para ela se cobriram as vertentes do rio e dos seus afluentes de geios ou socalcos, penosamente construídos e mantidos, criando-se a terra com xisto esmigalhado, nateiro das cheias e cabazadas de estrume: admirável obra rural que só uma cultura rica poderia pagar.”¹⁸³

Nos primeiros anos de produção a viticultura do Alto Douro, segundo estudos do conde de Hofmannsegg, em 1800, citados por Orlando Ribeiro, no *Guia de Portugal* “(...) era decerto muito limitada, pois as adegas das quintas não dispunham senão de capacidade de quatro a cinco balseiros.”¹⁸⁴ Mas, a expansão da cultura da vinha para Leste do território vinhateiro, anteriormente definido, ocorre quando é destruído o troço mais perigoso do leito do rio Douro, conhecido por *Cachão da Valeira*, nos finais do século XXIII¹⁸⁵.

A cultura da vinha no Alto Douro sofreu ao longo da sua existência fases de um enorme dramatismo nomeadamente a destruição provocada pelo oídio e a filoxera, com consequências trágicas para os produtores e para a população duriense, o que teve reflexos consideráveis na economia, demografia e na própria estrutura agrária da região. Conforme refere Orlando Ribeiro: “Com a filoxera, algumas vinhas não se reconstituíram: ainda se podem ver mortórios ou socalcos abandonados desde esse tempo e invadidos pelo mato; outros foram plantados de oliveiras e amendoeiras.”¹⁸⁶

A cultura da vinha encontra-se anotada de forma pormenorizada no Caderno de Campo 58, de 1966 (ver anexo), numa visita que efectuou à quinta da Reduida,

¹⁸³ Orlando Ribeiro (1963-a), p. 66 e Orlando Ribeiro (1991), p. 45.

¹⁸⁴ *Guia de Portugal* (1988), vol. V, p. 527.

¹⁸⁵ Orlando Ribeiro (1955), p. 241. “Al romper la dinamita el cachón de la Valeira, a fines del siglo XVIII, propagóse hasta cerca de la frontera el cultivo de la viña.”

¹⁸⁶ Orlando Ribeiro (1998), p. 151.

propriedade do Eng. Costa Lima e à quinta da Rueda ¹⁸⁷. Essa visita será comentada no subcapítulo “Instrumentos e práticas agrárias: os arcaísmos”.

As fotografias que seleccionamos para ilustrar este ponto, de Raquel Soeiro de Brito, captam diferentes momentos da vindima, em 1957, na referida quinta da Rueda, podendo este facto constituir mera coincidência, o que não nos parece, sendo mais natural admitir-se a existência dos contactos privilegiados com os proprietários da mesma.

As notas registadas no Caderno de Campo, reflectem o espírito atento e particular de Orlando Ribeiro, que visita a propriedade acompanhado muito provavelmente pelo Eng.º Costa Lima (pressupomos pelas referências familiares e históricas descritas), e por isso vai anotando não só todas as informações por ele referidas bem como todos os pormenores de interesse geográfico observáveis na paisagem. Orlando Ribeiro retém a importância dos socalcos e a melhor exposição geográfica para a vinha. Aborda a importância dos socalcos que diz serem também consequência do declive da vertente, para arrumar pedra, e recolhe interessantes notas a propósito da produção e transformação do Vinho do Porto.

As diferenças entre a ocupação das vertentes, resultantes da diferente exposição solar, são bem evidentes no Douro, e especialmente nos vales mais fechados de alguns afluentes. Para ilustrar este facto escolhemos a fotografia (ver fig. 25) captada por Suzanne Daveau no vale do rio Balsemão. O arranjo paisagístico da vertente virada a nascente, mais fresca, contrasta com a ocupação agrícola desordenada da margem oposta.

¹⁸⁷ Engenheiro Agrónomo, Costa Lima foi Director do Instituto do Vinho do Porto, com obras publicadas sobre o vinho e a vinha, entre as quais se destacam: “O vinho do Porto”, Porto, Instituto do Vinho do Porto, 1936 e “O Vinho do Porto: no passado e no presente - duas palestras promovidas pelos estudos portugueses e realizadas a 9 e 10 de Abril de 1940, no Palácio de Cristal” Porto, Instituto do Vinho do Porto, 1940.



Fig. 25 – Vale do Balsemão.

(Suzanne Daveau, 1971, CEG, Fototeca, foto nº 9863)

Orlando Ribeiro, numa breve nota do Caderno 58, de 1966 (p. 69) refere que para a vinha “a melhor exposição [é] a Nascente, [pois] apanha o sol da manhã e evita o máximo calor da tarde.”

b) Oliveira

No discurso científico de Orlando Ribeiro, duas questões de base são abordadas com frequência relativamente à oliveira. Por um lado a sua distribuição espacial e os factores que melhor estabelecem os limites da sua implantação; por outro a evolução histórica e económica da sua presença no território, neste caso concreto em relação a Trás-os-Montes e ao Alto Douro. Relativamente à sua área de ocupação, refere que: “A oliveira aparece por toda a parte (...) nos vales abrigados do Noroeste e tem larga representação em todas as depressões transmontanas, áreas onde, na Idade Média, era desconhecida.”¹⁸⁸

Na procura de elementos históricos capazes de esclarecer até onde se encontrava a oliveira em Portugal, durante a Idade Média, citam-se os estudos de Costa Lobo, onde é

¹⁸⁸ Orlando Ribeiro (1967), p. 285.

referido que “Só o aro de Lamego se avantajava numa penúria geral, expedindo para o Porto cereais, azeite, vinhos e vinagre. É a mais antiga e única referência à extensão da oliveira para o norte do seu limite medieval (cerca dos meados do século XII).”¹⁸⁹ Relativamente à expansão da cultura da oliveira no século XVI, é curiosa a referência a duas notícias antigas, uma sobre os monges beneditinos do Mosteiro de Salzedas (1504), onde há referência a “vindimar ou apanhar azeyte e castanha”¹⁹⁰, assim como na *Descrição do terreno ao redor de Lamego duas léguas*, de Rui Fernandes em 1531-1532, com referência à existência de 42 lagares de azeite no Douro¹⁹¹. E ainda a respeito da implantação da cultura da oliveira em Trás-os-Montes acrescenta: “A cultura da oliveira parece ter principiado a difundir-se no séc. XVI; eram ainda, porém, tão rudimentares os engenhos do séc. XVIII, que os agricultores não obtinham uma colheita lucrativa senão de oito em oito anos ou de dez em dez.”¹⁹²

Quanto a estudos mais recentes cita a monografia de Vergílio Taborda, os estudos etnográficos de Leite de Vasconcellos e a análise geográfica de Lautensach. Conclui que há uma clara demarcação climática na produção de azeite, que se prende com a quantidade de precipitação, com o número de dias em que esta ocorre e, sem dúvida, com a maior secura do ar e o prolongamento do Verão¹⁹³. E, destaca as áreas mais importantes da cultura da oliveira que: “(...) são do Norte para o Sul: o vale do Douro e do Tua (Terra Quente Transmontana), (...) todas regiões de chuvas primaveris abundantes, de Inverno moderado, de Verão quente, seco e longo, e de Outono luminoso e tépido.”¹⁹⁴

Relativamente ao relevo, considera que este limita drasticamente a propagação da oliveira, característica da *Terra Quente*, com a vinha e o laranjal, mas ausente, de um modo geral, na *Terra Fria*. Por tal razão, em Trás-os-Montes, apenas se encontram olivais

¹⁸⁹ Costa Lobo *apud* Orlando Ribeiro (1979), p. 27.

¹⁹⁰ *Ibid.*, p. 28.

¹⁹¹ “Soma o azeite de dízimo que há nas Igrejas 2900 alqueires, de maneira que se colhe neste compasso 29 000 alqueires e é dos bons do reino, o qual azeite se gasta em parte de Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes, que o não há lá, e levam-no almocreves que andam a isso, e à mor parte da Galiza, e daqui à mor parte da Beira, que o levam regatões e almocreves para nele ganharem até à Guarda, e há neste circuito 42 lagares de azeite para a parte do Douro.” *Ibid.*, p. 29.

¹⁹² *Guia de Portugal* (1988), vol. V, p. 527.

¹⁹³ “As condições climáticas de Trás-os-Montes são mais favoráveis à difusão da oliveira do que as de Entre-Douro-e-Minho, menor precipitação, inferior a 600 mm na bacia de Mirandela, 80 a 90 dias de precipitação, 400 a 600 mm no vale do Douro e seus afluentes próximos, com 60 a 70 dias de precipitação.” Orlando Ribeiro (1979), p. 46.

¹⁹⁴ Orlando Ribeiro (1998), p.70; Orlando Ribeiro (1963), p.76. e Orlando Ribeiro *in* Orlando Ribeiro *et al.*, IV, 1991, p. 1010.

nas depressões tectónicas “mais abatidas”, no vale do Douro e na “paisagem de erosão recente” (Lautensach) deste rio e dos seus afluentes.”¹⁹⁵

Para comprovar o limite da oliveira em altitude leia-se: “Na periferia dos centros produtores de Trás-os-Montes, em bacias já elevadas como a de Macedo de Cavaleiros (cerca de 600 m) morrem, nos Invernos mais frios, as árvores das encostas baixas (...) Assim temos a oliveira acomodada a quase todos os terrenos, dentro da área do que se poderá considerar o clima mediterrâneo clássico, até um limite em altitude que se fixa, em Portugal, em torno de 700 m, enquanto a vinha, em vales expostos ao sul e abrigada pelos muros das construções, sobe mais de uma ou duas centenas.”¹⁹⁶

Dos locais onde se pratica a olivicultura destaca o autor, a bacia de Mirandela, cuja produção de azeite é só por si superior à do restante território, e as áreas a jusante do Cachão da Valeira, de grandes plantações de oliveira associadas à amendoeira e à figueira, em quintas que praticamente nenhum vinho produzem, prolongando-se esta paisagem “(...) pela parte mais encaixada do Douro em terreno granítico, e pelos afluentes, principalmente o Côa, o Águeda, e pelo *graben* da Vilariça.”¹⁹⁷ Não deixa também de aludir à estreita associação entre a cultura da oliveira e da vinha, tendo sido a cultura da segunda que principalmente contribuiu para a progressão da primeira, “(...) sendo que no caso particular da região do Douro, a invasão e os prejuízos da filoxera vão contribuir para a multiplicação dos olivais.”¹⁹⁸

Ao percorrermos os extractos dos Cadernos de Campo seleccionados para este trabalho, são inúmeras as anotações relativas à existência da oliveira. O caderno 27, de 1943 (ver anexos), exaustivo no levantamento da cobertura vegetal e das culturas agrícolas dominantes, referencia a existência de oliveiras especialmente em Macedo de Cavaleiros, no vale da Vilariça, no Pocinho e nas áreas a jusante da mesma povoação. Relativamente a espaços transmontanos, dado o carácter específico do olival, encontra-se o mesmo confinado em torno das povoações. A oliveira surge sempre como um elemento visível da

¹⁹⁵ Orlando Ribeiro (1979), p. 46.

¹⁹⁶ *Ibid.*, p. 6.

¹⁹⁷ *Ibid.*, p. 48. “A olivicultura pratica-se nos vales do Sabor e Douro, em Alfândega, Bragança, Macedo, Valpaços, Murça, vale de Chaves, Ribeira de Oura e sobretudo em Mirandela.” *Ibid.*, p. 47.

¹⁹⁸ *Ibid.*, p. 48.

¹⁹⁸ “No Douro, a multiplicação das oliveiras foi uma alternativa para as destruições da filoxera. Encontram-se, um pouco por toda a parte, geios (socalcos) em mortórios – vinhas que não se reconstituíram e foram invadidas pelo mato; noutros substituiu-se a vinha pelo olival, para compensação dos desastres da filoxera.” *Ibid.*

transição entre a paisagem transmontana ou beirão, e a duriense. O exemplo é Escalhão, apresentado no Caderno 55, de 1963, como “a última grande aldeia antes das quintas do Douro”, sendo apenas aqui observada a existência de vinhas e olival, no final de todo um percurso desde as Portas do Ródão até ao vale Douro, ao longo do planalto da Beira Alta. Também no caderno 58, de 1968, é anotada a presença de oliveiras e amendoeiras em Barca de Alva.

2.3.2. Instrumentos e Práticas Agrárias: os Arcaísmos

Relativamente aos trabalhos agrícolas que a vitivinicultura duriense envolve, encontramos anotações de síntese no caderno 58, acerca de todas as etapas do processo.

A vinha do Douro é armada em bardo antes de madeira, “hoje” de arame, conforme anotação e, exige um conjunto alargado de práticas agrícolas ao longo do ano. Por apresentarem uma terminologia específica e para que se possa compreender a sequência das tarefas, optámos por transcrever aqui os registos de Orlando Ribeiro:

Serviços na vinha

Planta-se o americano no ano seguinte é enxertado um pouco abaixo do solo (fenda)

- 1) escava (até à fenda para cortar todas as raízes acima)
empurra a água e adubação (Dez./Jan.)
- 2) poda, só fica um braço (vara) de cada lado (Jan.)
- 3) erguida, prender a vara ao arame do bando (logo a seguir)
- 4) adubação (3/3 anos) – Fev./Mar.
- 5) cava ou lavragem e tapar o buraco da escava (Março)
- 6) sulfatar, logo que rebenta com um palmo (3, 4, 5 vezes, 10/15 dias de intervalo)
enxofra (2x) – Maio/Agosto
- 7) emparação: prender o pântano ao arame, nos intervalos
- 8) redra (Maio/Junho), arranque da erva que se não enterra.
(até à fenda para cortar todas as raízes acima)
- 9) vindima
Só a lavragem é com animais, não tem estrume, adubo químico e bagaço com cal. Não é aconselhável adubar todos os anos; antes mato com cal em sulco fundo, que revolva a terra

(Caderno de Campo 58, 1966, p. 74-a a 75-b)

Orlando Ribeiro socorreu-se sem dúvida destas anotações para escrever o texto que em seguida apresentamos, publicado no *Guia de Portugal*, em 1970, relativamente a todo o trabalho que envolve a vinha: “(...) em Novembro, é preciso dar início ao trabalho da poda, que se prolonga até Fevereiro. (...) É nessa quadra que se faz a reparação dos

socalcos (chamados «geios»). Em Março e Abril, cava-se a terra à volta das cepas. Depois atam-se os novos rebentos aos fios de arame ou às estacas. Em seguida, sulfata-se com regularidade e insistência, de doze em doze dias, a princípio, de quinze em quinze, até meados de Julho, para defender a videira do míldio. Uma vez por outra, se há sinais de invasão de oídio, recorre-se a pulverização de enxofre. Mais tarde, acumula-se alguma terra solta à volta dos pés das videiras, a fim de que possam resistir melhor aos dias tórridos de Julho e Agosto.”¹⁹⁹ A técnica utilizada para armar a vinha comum a toda a região é “O bardo, vulgar no Douro, consiste em fios de apoio que permitem apenas a expansão lateral dos ramos (...)” em contraste com outras usadas também no país como a latada ou parreira e a de enforcado²⁰⁰.

Em relação à vindima descreve-a assim Orlando Ribeiro, em 1955, na *Geografía de España y Portugal* – “A fines del verano, los vendimiadores en largas filas suben y descenden, con los cestos a cuestras, las graderías de terrazas; son gentes de las mesetas y de las sierras de uno y outro lado del rio, porque los de la tierra no bastan para este trabajo breve y muy intenso.”²⁰¹

O calendário da vindima é variável, dependendo dos anos e das áreas, mas quase sempre compreendida entre o final de Setembro e os meados de Outubro. Se bem que a altura das vindimas seja uma enorme festa, não deixa no entanto de a considerar uma “*duríssima faina*”, especialmente para os homens: “No entanto, essa festa é duramente paga, sobretudo pelos homens, que têm que transportar aos ombros, para os lagares, enormes cestos cheios de uvas, por veredas íngremes e sob o sol ardente. Por vezes, a fila de carregadores é precedida de um homem com um tambor e outro com uns ferrinhos, que arrastam atrás de si, ao sabor de uma música rudimentar, desde o romper do dia até ao cair do sol, os trabalhadores que mourejam nessa duríssima faina”²⁰² Descreve com minúcia no mesmo texto, todo o processo da vindima: “O trabalho das mulheres consiste em cortar os cachos que colocam em pequenas cestas que depois de cheias se despejam nos cestos maiores a serem carregados pelos homens para o lagar; aí as uvas vão-se acumulando e à

¹⁹⁹ *Guia de Portugal* (1988), vol.V, p. 528.

²⁰⁰ Orlando Ribeiro in Orlando Ribeiro *et al.*, IV, 1991, p. 1014.

²⁰¹ Orlando Ribeiro (1955), p. 241.

²⁰² *Guia de Portugal* (1988), vol. V, p. 529. A descrição de Orlando Ribeiro aproxima-se do estilo literário de Alves Redol: “Depois, no tempo das vindimas, de Trás-os-Montes e das Beiras chegam os grupos de serranos de rogador à frente, harmónios e bombos, violões e flautas, tocando modas para o pessoal da roga dançar e cantar pelos caminhos. É um rebanho que desce da montanha à procura de pão (...)” Alves Redol (1999), p. 207.

noite realiza-se a pisa, exclusivamente pelos homens.”²⁰³ Nos dias que se seguem o mosto é remexido e quando se dá por completa a fermentação, é trespasado para os tonéis e as cubas, juntando-se uma percentagem de aguardente que lhe aumenta a graduação alcoólica e trava a fermentação, mantendo-se abertas as vasilhas até ao Inverno; na Primavera seguem as pipas para Gaia, onde envelhecem nas caves, até ser o vinho exportado através da barra do Douro.”²⁰⁴

Esta longa citação constitui para além de uma síntese sobre o processo produtivo, o destaque de um momento único no Douro – a vindima – tempo de intenso trabalho e sacrifício mas ao mesmo tempo de festa, convívio e alegria. Percepcionamos a vertente humanista de Orlando Ribeiro, que captando o modo de vida do homem duriense faz perdurar não apenas a geografia descritiva da paisagem mas o modo de vida singular das suas gentes.

As fotografias de Raquel Soeiro de Brito (ver figs. 26 a 29) que seleccionamos para ilustrar este ponto, captam diferentes momentos da vindima, em 1957, na referida quinta da Rueda. Nelas é visível a vindima, propriamente dita, e o transporte dos cestos até ao lagar, testemunhando bem o esforço humano necessário nesta prática agrária.

²⁰³ Explica sobre as tarefas dos homens: “O número destes varia naturalmente com a capacidade do lagar, mas por vezes, vêm-se às dezenas, em grupos, com os braços lançados sobre os ombros uns dos outros, pisando e repisando as uvas ao som melancólico de um harmonium, até chegar o momento de o feitor reconhecer que o mosto está moído e feito.” *Guia de Portugal* (1988), vol. V, p. 530.

²⁰⁴ E comenta sobre a última etapa de toda a cadeia de produção: “Na Primavera embarcam-se as pipas em barcos rabelos ou pela via-férrea para as caves de Gaia, onde permanecerá durante alguns anos, para envelhecer. Os vinhos são aí classificados e melhorados com vinhos mais velhos, a fim de atingirem o timbre e o aroma de certos tipos requeridos. Daí são enviados para o estrangeiro, em cascos ou garrafas, pela barra do Douro.” *Guia de Portugal* (1988), vol. V, p. 530.



Fig. 26 – Vindima.

(Raquel Soeiro de Brito, 1957,CEG, Fototeca, foto nº 1681)



Fig. 27 – Carregamento dos cestos para o lagar.

(Raquel Soeiro de Brito, 1957,CEG,Fototeca, foto nº 1683)



Fig. 28 – Transporte de uva para o lagar.
(Raquel Soeiro de Brito, 1957,CEG, Fototeca, foto nº 1682)



Fig. 29 – Rogadores transportam as uvas para o lagar.
(Raquel Soeiro de Brito, 1957,CEG, Fototeca, foto nº 1685)

Destacamos também no mesmo caderno de campo, os desenhos relativos aos diferentes suportes de armazenamento do vinho, respectiva capacidade e características: da cuba, do tonel e da pipa; a evolução das cubas de madeira para as de cimento e respectivas vantagens e desvantagens, entre muitas outras notas de interesse, direccionadas para as questões específicas da produção de Vinho do Porto (figura 30).

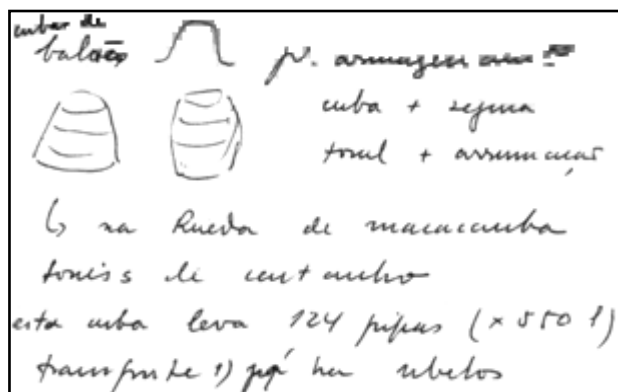


Fig. 30 – Nota sobre os tipos de armazenamento do vinho.

(Ext. Caderno de Campo 58, 1966, p. 73 a)

2.3.3. Quintas

As quintas do Douro (ver fig. 31) surgem como um tipo de povoamento autónomo, fixado e difundido num dos mais importantes mapas temáticos do tomo V da *Geografia de España y Portugal* (1955), sendo possível observar o mapa original (ver fig. 21), mais fiel à primeira proposta do autor, na *Geografia de Portugal*²⁰⁵.

Destaca-se na fotografia que seleccionamos relativa a uma quinta do Douro, o cuidadoso enquadramento fotográfico com que é tirada por parte do geógrafo. A profundidade de campo desta imagem, permite-nos perceber no vasto horizonte visual, o traçado sinuoso do rio, o forte encaixe e a posição da habitação principal (a meia encosta) face ao vale (ver fig. 31).

²⁰⁵ Orlando Ribeiro in Orlando Ribeiro *et al.*, III, 1989, fig. 186, p. 863.



Fig. 31 – Uma quinta do Douro.

(Orlando Ribeiro, 1959, CEG, Fototeca, foto n° 7653)

No mapa que se segue (ver fig. 32) é facilmente perceptível o alinhamento das quintas ao longo do vale do Douro e dos seus afluentes (com destaque para os da margem direita). Podemos identificar no Pinhão, a Quinta da Roeda, visitada por Orlando Ribeiro duas vezes, sendo a mais citada nos seus estudos.

Como já referimos, todo o extracto do Caderno de Campo 58, de 1966, diz respeito à visita que Orlando Ribeiro efectuou a duas quintas no Douro, a quinta da Rueda²⁰⁶, no Pinhão, e a da Reduida em Folgosa. A escolha não foi aleatória uma vez que a quinta da Roeda integrou o itinerário “VI – Le Haut Douro, III – Une Quinta” das visitas efectuadas durante o XVI Congresso Internacional de Geografia, realizado em Lisboa, em 1949 (ver anexo). Refere-se no guia: “Pinhão est un des grands centres producteurs de vin de Porto. Dans cette région se trouvent quelques-unes des propriétés (quintas) les plus fameuses du

²⁰⁶ No Caderno de Campo 58, 1966, p.71b. Orlando Ribeiro escreve Quinta da Rueda mas, quer nos textos do Congresso de 1949, quer no mapa, surge como Quinta da Roeda, não havendo qualquer dúvida que se trata da mesma, pela localização e características apresentadas, devendo constituir um simples lapso de escrita. Hoje escreve-se Roêda.

Douro, liées à la maison d'exportation. Comme exemple de ce type d'exploitation vinicole, nous pouvons choisir la quinta de Roeda.”²⁰⁷

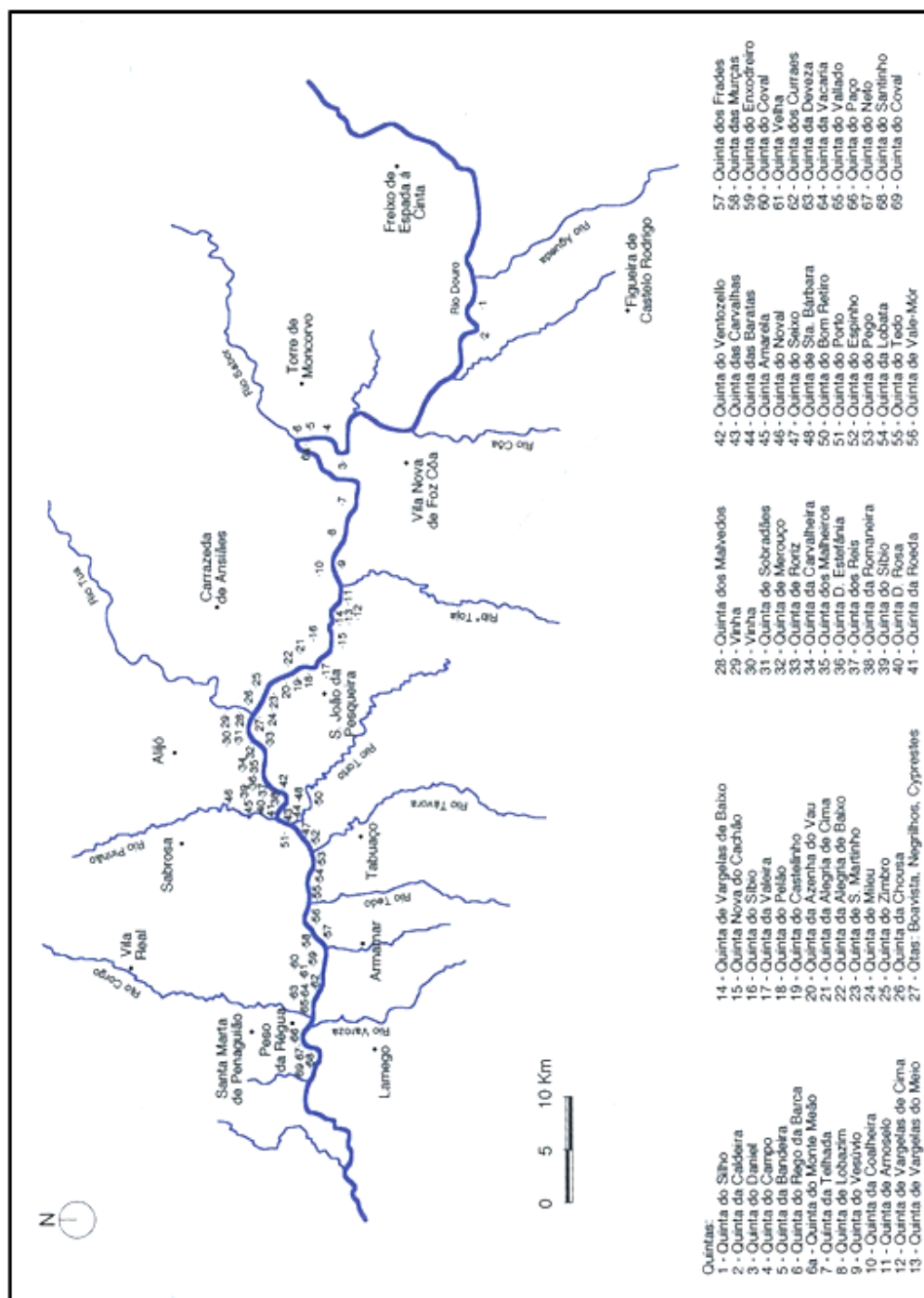


Fig. 32 – Localização das quintas mais notáveis do Alto Douro em 1876. (Ext. de Helena Pina, 2007, p. 97)

Os elementos que recolhe e anota no Caderno de Campo, com uma nítida preocupação de quantificação quanto aos valores da produção, número de trabalhadores,

²⁰⁷ Jorge Dias (1949), p. 99.

horário de trabalho, salários, poderiam em grande parte ser cruzados com os dados relativos à visita efectuada em 1949, para se inteirar das transformações entretanto verificadas. Esta recolha etnográfica exaustiva denota bem a influência da metodologia de trabalho de campo de Leite de Vasconcellos, podendo constituir material científico para futuros trabalhos nesta área.

Orlando Ribeiro define a quinta como “(...) uma forma de povoamento, tipo de propriedade, modo de exploração, que não se compreende unicamente no seu quadro rural e nunca se teriam desenvolvido sem uma relação íntima com a vida urbana”²⁰⁸. Partindo desta ideia de base, podemos analisar a estrutura e composição da quinta do Douro (ver fig. 33) à luz dos elementos rurais e urbanos, que nos são apresentados por Orlando Ribeiro.

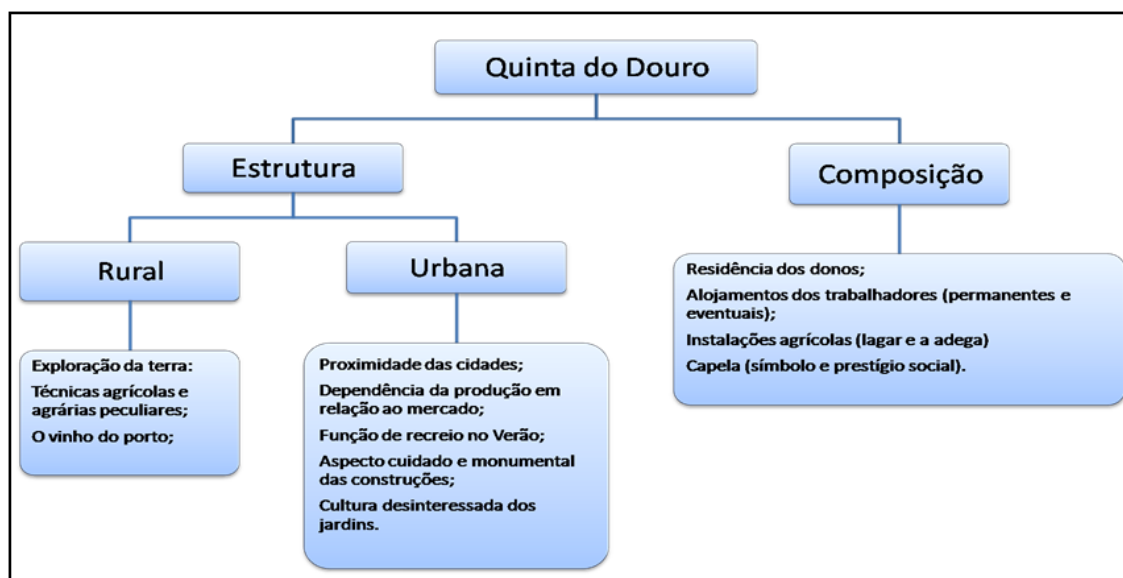


Fig. 33 – Estrutura de uma quinta no Douro.

Durante o trabalho de campo que efectuou à região de Trás-os-Montes, em 1943, encontramos relativamente ao Douro uma descrição dos elementos visíveis na paisagem de uma quinta: “Douro – Quintas destinadas à grande produção, Quinta Antónia Ferreira plantou uma vinha em 1887, geios e escavas, armazéns e adegas, boas casas tipo fidalgo, com capela, etc.”²⁰⁹

²⁰⁸ Orlando Ribeiro in Orlando Ribeiro *et al.*, III, 1989, p. 867.

²⁰⁹ Caderno de Campo 27, 1943, p. 16.

A quinta surge como um elemento pictórico na paisagem, “(...) as quintas, sempre com lagar anexo, tudo escrupulosamente caiado, salpicam a verdura dos vinhedos; nas rechãs de um rio que viveu muito e se encaixou aos poucos, (...)”²¹⁰, apresentando as descrições de Orlando Ribeiro de um certo registo literário. Esta imagem aproxima-se da realidade observável na fotografia (ver fig. 34) que se segue, onde sobressai a casa principal a meia encosta, com árvores de grande porte a imprimir frescura, as vinhas perfeitamente alinhadas nos geios e as oliveiras nos limites da vinha.

Distingue claramente, Orlando Ribeiro, as instalações de apoio às tarefas agrícolas (o lagar, a adega, os armazéns, e as instalações dos trabalhadores), das instalações do proprietário ou da família, habitualmente ausente, considerando ser a quinta por tal razão “uma organização suburbana à distância (...) que comanda, dum lugar afastado (o Porto, no caso do Alto Douro Vinhateiro), a exploração agrícola.”²¹¹

Em relação às instalações dos trabalhadores agrícolas temporários, a *cardenha*, é apresentada como um espaço sem condições para albergar as rogas de trabalhadores agrícolas que nas vindimas se deslocavam às quintas do Douro, “dormiam num duro enxergão, cobertos pela própria manta, aos dois em cada tarimba, mas homens com homens e mulheres com mulheres, mesmo os casados.”²¹² Já em relação às instalações do proprietário o discurso é diferente, porque também o são, os factos e os elementos descritivos, surgindo agora as quintas “(...) confortavelmente mobiladas para receber durante a vindima uma «sociedade» presumida e ativa (...)”²¹³.

É a “Côrte na Aldeia” de Rodrigues Lobo, que Orlando Ribeiro utiliza para classificar a presença dos donos das propriedades, no Douro. Nas quintas mais luxuosas, o jardim escrupulosamente desenhado e tratado, os talhões de culturas próximos e os pomares, as alamedas de acesso com plátanos ou outras árvores de grande porte, transportam-nos para uma outra realidade, um modo de vida urbano que contrasta com o rural. Muitas destas quintas apresentam capela, “(...) símbolo de prestígio social e sinal de que o senhor deseja, até na vida espiritual, afirmar a sua independência.”²¹⁴ Regista ainda

²¹⁰ Orlando Ribeiro (1991), p. 57.

²¹¹ Orlando Ribeiro (1994), p. 301.

²¹² Orlando Ribeiro (1987), p. 6. Em nota de pé de página referência Orlando Ribeiro, obras de escritores portugueses: Miguel Torga (*Vindima*), Graça Pina de Morais (*A Origem*) e Alves Redol (*Porto Manso*).

²¹³ *Ibid.*, p. 6.

²¹⁴ Orlando Ribeiro in Orlando Ribeiro *et al.*, III, 1989 p. 866.

que: “Ao longo do rio, nas residências das quintas e nas casas das vilas, é manifesta a influência do estilo urbano do Porto, com as casas esguias, azulejadas ou pintadas de cores vivas e em parte revestidas de lousa.”²¹⁵

Dando como exemplo a Quinta da Rueda (ver fig. 34) que é “(...) dirigida no trabalho agrícola pelos seus longínquos senhores do Porto (...)”²¹⁶, considera Orlando Ribeiro que “Todo o Douro é, neste sentido, uma sorte de enorme aro rural da grande aglomeração portuense, das suas adegas de tratamento de vinho fino e do seu comércio de exportação”²¹⁷ ou por outras palavras “(...) o Douro (...) é como um subúrbio disjunto do Porto (...)”²¹⁸. Esta visão da economia duriense, constitui aliás, no seu entender, uma das razões explicativas para a ausência de estruturas urbanas em Trás-os-Montes.



Fig. 34 – Aspecto parcial da quinta da Roeda no vale do Douro.
(Raquel Soeiro de Brito, 1957 – CEG, nº 1679)

São várias as referências que nos permitem compreender a existência de uma inequívoca hierarquia social no Douro que Orlando Ribeiro expõe na sua obra. Há uma evidente crítica a uma burguesia estabelecida no Porto, que comanda as operações agrícolas à distância e o contraponto com as condições de trabalho, dos trabalhadores

²¹⁵ Orlando Ribeiro (1998), p. 151.

²¹⁶ Orlando Ribeiro (1994), p. 302.

²¹⁷ *Ibid.*

²¹⁸ Orlando Ribeiro (1987), p. 6.

rurais. Nas suas descrições socorre-se frequentemente de obras literárias de escritores portugueses para transmitir esse lado de trabalho e sacrifício das gentes que construíram a paisagem e a economia do Douro e que tanto contrastava com a opulência das famílias burguesas proprietárias.

A forma como vivem, a qualidade das instalações, a alimentação, o salário, a dureza e a pobreza inerente aos trabalhadores rurais é várias vezes citada – “Dormindo algumas semanas nas cardenhas, instalações desconfortáveis que lhes destinam nas quintas, vêm com a mira dos ganhos, mas também para comer uvas e encontrar na vida, embora dura, solta, alegre e farta, uma compensação à rotina das suas pobres aldeias.”²¹⁹ Aproxima-se esta visão de Miguel Torga que descreve assim o quadro social do Douro: “Romanceei um Doiro atribulado, de classes, injustiças, suor e miséria. E esse Doiro, felizmente, está em vias de mudar... Desapareceram os patrões tirânicos, as cardenhas degradantes, os salários de fome.”²²⁰

No Caderno de Campo 58 (p.74a. e 74b.), relativo à visita que efectuou ao Douro, em 1966, encontramos as notas que tirou relativas à parca ementa de um trabalhador rural durante um dia de trabalho na vindima, assim como o salário auferido pelos homens e pelas mulheres, o que evidencia uma preocupação permanente pelas condições de trabalho e pela discriminação salarial do trabalho feminino, tão evidente na época²²¹.

2.4. Núcleos Urbanos

2.4.1. Cidades

No seu artigo sobre os centros urbanos de Trás-os-Montes (1972), que dedicou à memória de Vergílio Taborda, diz Orlando Ribeiro que “Trás-os-Montes é, no conjunto do território português, uma área singularmente frouxa na sua rede urbana”, isto considerando tanto as povoações com a categoria administrativa ou honorífica de cidade como as vilas urbanas²²².

²¹⁹ Orlando Ribeiro *in* Orlando Ribeiro *et al.*, III, 1989, p. 754.

²²⁰ Miguel Torga (1994), p. 6.

²²¹ Interessante é também a última nota deste Caderno de Campo, onde Orlando Ribeiro transcreve uma ideia de enorme actualidade no que diz respeito à igualdade das condições de trabalho entre homens e mulheres, referida pelo feitor de uma quinta, em S. João da Pesqueira: “a mulher trabalha e come como o homem, deve receber o mesmo salário.” Caderno 58, 1966, p. 75b.

²²² Orlando Ribeiro (1994), p. 283.

No mapa que se segue (ver fig. 35) é possível percebermos a estrutura da rede urbana de Trás-os-Montes e a sua relação com alguns dos principais factores naturais que a determinaram. Referimo-nos concretamente à rede hidrográfica e à altitude. Constatamos, assim que os principais centros urbanos, com excepção da Régua se localizam a uma cota média situada entre os 300 e 400 metros, nos vales mais férteis dos afluentes do Douro, como é o caso por exemplo de Mirandela (rio Tua) e de Vila Real (rio Corgo).

A propósito da sua localização, estabelece estreita relação com as condições naturais (relevo, clima e solos), que determinam o contexto da economia rural em que se inserem, estando alguns dos elementos de paisagem referidos e sintetizados no mapa da figura 1 que acompanha o artigo “(...) terra de pequenas e poucas cidades, estão enlaçadas no seu quadro campesino, surgem nas depressões onde o terreno é mais fértil e, num clima severo de planalto, permite a rega e maior variedade de culturas mediterrâneas... Grosso modo, pode considerar-se a curva de 700 metros como o limite dessas culturas (...)”²²³. A esta análise, acrescenta o autor as culturas mediterrâneas como a oliveira, a vinha e a amoreira, que se destacaram ou destacam na economia da região, não esquecendo os cereais, a batata e os diferentes tipos de criação de gado.

²²³ *Ibid.*, p. 284.

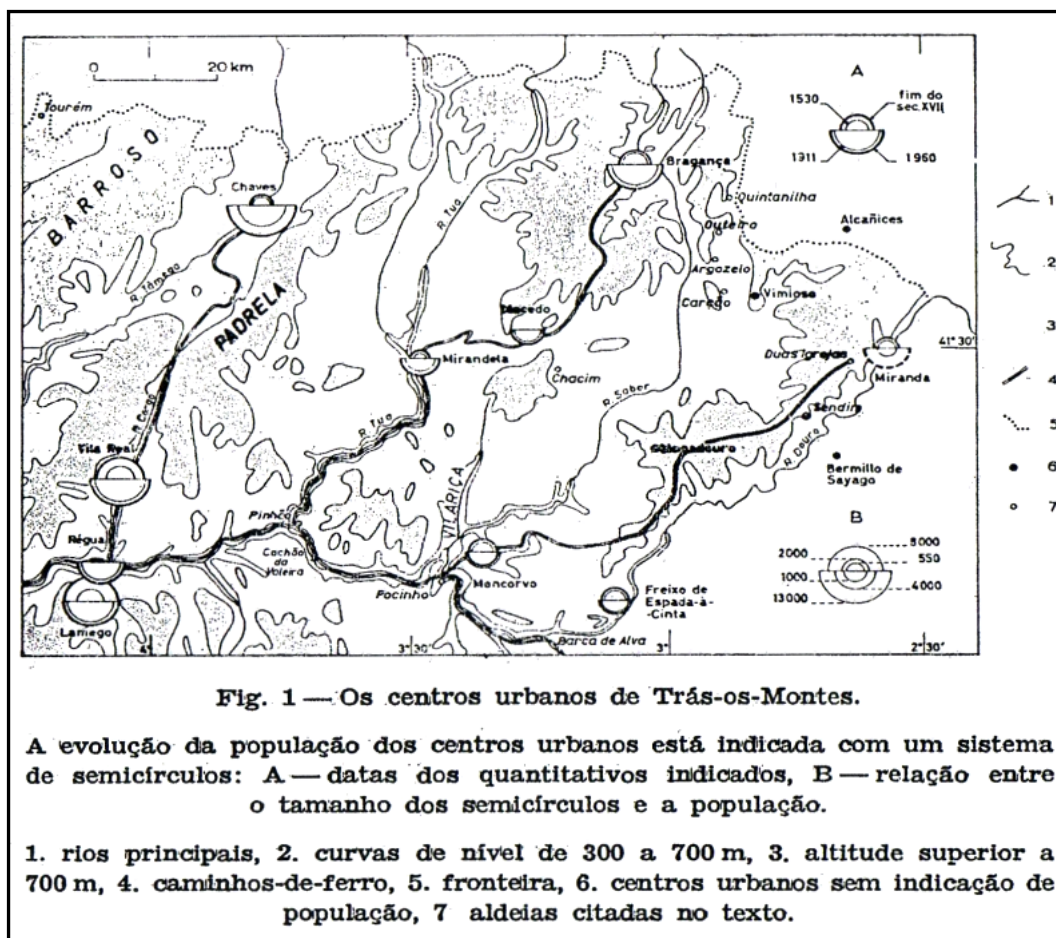


Fig. 35 – Os centros urbanos de Trás-os-Montes.

(Ext. Orlando Ribeiro, 1994, p.285)

Orlando Ribeiro explica depois, a localização dos principais centros urbanos relacionando-a com a geomorfologia da região, referindo-se à falha Verin-Régua como um elemento explicativo fundamental no padrão locativo: “(...) uma grande cutilada, que aqui e além se alarga em bacias alongadas, vem da Galiza e atravessa o Douro na Régua: aí ficam as maiores cidades da província, Chaves (13. 000 habitantes), numa veiga fértil... Vila Real (10.000 habitantes), num planalto entre dois vales profundos, sorte de bacia alongada de fundo reentalhado pela erosão actual, dominada por altas escarpas montanhosas em que sobressai o Marão. (...) Onde o vale apertado do Douro se cruza com a linha de fractura, no único alargamento do seu curso encaixado até à foz, fica também a única aglomeração importante das suas margens, a Régua (5500 habitantes).” ²²⁴

²²⁴ *Ibid.*, p. 286.

Referencia ainda o Fosso da Vilarça, excepção aos condicionalismos geomorfológicos atrás referidos que, não possuindo nenhum centro de destaque explica a riqueza das gentes de Moncorvo e “a moderna e insignificante aglomeração do Pocinho.”²²⁵

Depois de abordar passo a passo todas as cidades e vilas que se destacam em todo o Trás-os-Montes (Vila Real, Bragança, Torre de Moncorvo, Chaves, Mirandela, Macedo de Cavaleiros, Freixo de Espada à Cinta, Miranda do Douro, e ainda a maior das suas aldeias, Sendim, estabelecendo sempre estreita ligação entre as condições naturais (geomorfologia, clima e solos) e as características humanas (históricas, económicas e políticas), Orlando Ribeiro apresenta a sua conclusão do confronto estabelecido: “Que, numa área de clima austero de planaltos, as depressões criam às cidades com a diversificação da sua base rural, condições favoráveis de desenvolvimento: não só pelo excedente comercial de culturas ricas (vinho, azeite, regadio), e por um têxtil hoje desaparecido, mas que tanto pesou na economia antiga da província (a seda e ainda o cânhamo na Vilarça), como pelas feiras e pelo comércio local que se estabeleceram nos centros nodais dessas depressões.”²²⁶

Em relação a Freixo de Espada à Cinta situado na periferia extrema do sudeste transmontano, encontramos uma particular recolha de elementos e fotografias, relativos ao ano de 1955, e um esboço datado de 1968.

Na fotografia de Freixo de Espada à Cinta (ver fig. 36) observamos a modelação das formas de relevo até ao limite do horizonte visual, assim como o enquadramento do núcleo urbano na paisagem. Podemos ainda reter pormenores das vias de circulação, habitações e extensão da área habitada, constituindo a imagem por si só, um documento geográfico único.

Esta fotografia de Orlando Ribeiro (ver fig. 36) tirada do convento corresponde ao esboço que efectua numa outra visita posterior a Freixo de Espada à Cinta, em 1968. No esboço (ver fig. 37), é evidente a tentativa de interpretação da fisionomia da povoação com a morfologia.

²²⁵ *Ibid.*

²²⁶ *Ibid.*, p. 299.

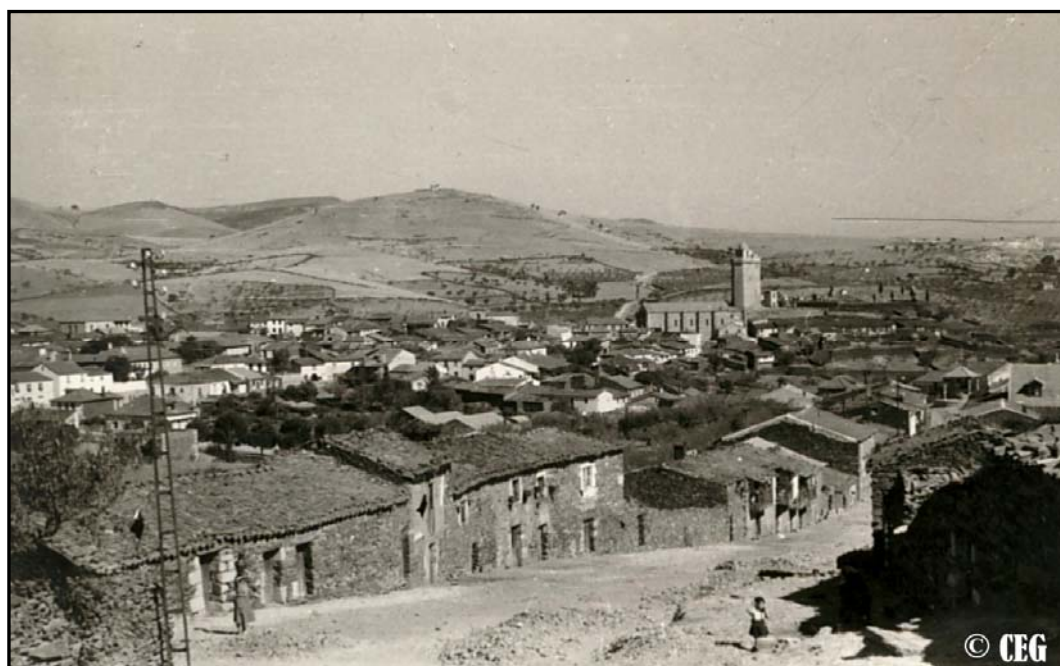


Fig. 36 – Freixo de Espada à Cinta.

(Orlando Ribeiro, 1955, CEG, Fototeca, foto nº 5642)

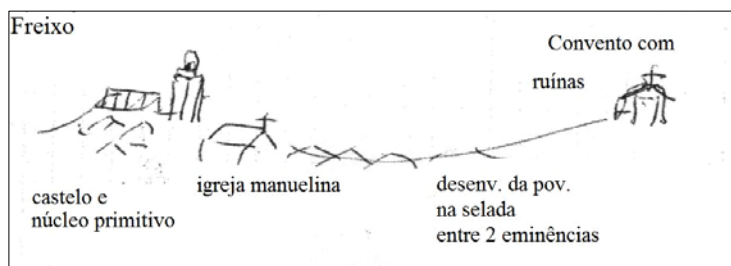


Fig. 37 – Esboço de Freixo de Espada à Cinta.

(Ext. Caderno de Campo 58, 1968, p. 115 b)

Especial destaque é dado à cidade da Régua que se vai desenvolver em estreita e directa relação com a Companhia das Vinhas do Alto Douro (1756) e com todo o sistema de comunicações e transportes estabelecido entre a região do Douro e a cidade do Porto, assim como com as cidades de Lamego e de Vila Real. No volume V do *Guia de Portugal* refere o autor que “O vale, excessivamente escarpado, não permite a formação de grandes aglomerados urbanos. As duas cidades principais, Vila Real e Lamego, situam-se ambas a uma distância do rio, a 450 e 550 metros de altitude, respectivamente. Régua, situada junto

do rio, aproximadamente a meio caminho entre estas duas cidades, é o centro comercial duriense do vinho do Porto.”²²⁷ De facto é apenas neste ponto do rio em que o vale abre



Fig. 38 – Vista sobre a Régua.

(Orlando Ribeiro, 1959, CEG, Fototeca, foto nº 7727)

A propósito desta cidade alude às características hidrográficas e geomorfológicas do sítio: “As cidades e as próprias vilas são raras. Destas, uma só (aliás, bastante antiga) tem alguma importância: é a Régua, nascida junto de um harmonioso meandro do rio, no lugar onde dois caudalosos afluentes (o Corgo e o Varosa) vêm desembocar, um em frente ao outro.”²²⁸ Podendo esta descrição ser completada com a fotografia que em 1959, Orlando Ribeiro capta da cidade da Régua (ver fig. 38). Tirada da margem direita, provavelmente da estrada que estabelece a ligação a St^a Marta de Penaguião, apresenta três planos bem distintos: os vinhedos e as oliveiras, em primeiro plano, a cidade da Régua e o rio num plano intermédio e por último a vertente da margem esquerda.

Uma outra perspectiva do vale junto à Régua pode ser observada na fotografia que se segue (ver fig.39), tirada da margem esquerda, na estrada que liga Lamego a Resende. O

²²⁷ *Guia de Portugal* (1988), vol. V, p. 527.

²²⁸ *Ibid.*, p. 532.

alargamento do vale no meandro a jusante da cidade da Régua surge nesta imagem bem evidente.



Fig. 39 – Vista da Régua, tirada da pousada da margem esquerda do Douro a jusante de Lamego.

(Paula Bordalo lema, 1973, CEG, Fototeca, foto nº 11582)

De facto, a Régua “(...) serve de centro à região.”²²⁹ Quando Orlando Ribeiro faz esta afirmação refere-se sem dúvida à região duriense, determinada pela sua localização geográfica, e por toda a história económica vitivinícola que a foi dotando de mais e melhores vias de comunicação e proporcionando-lhe uma acessibilidade acrescida relativamente às demais cidades, especialmente a Lamego (ver fig. 40).

²²⁹ Orlando Ribeiro (1998), p. 151.



Fig. 40 – Lamago – Um dos extremos da cidade: casas abrindo para os campos.

(Raquel Soeiro de Brito, 1959, CEG, Fototeca, foto n° 2279)

Não deixa também de destacar a propósito do traçado e arquitectura das habitações, a influência do estilo urbano da cidade do Porto, descrevendo com minúcia os pormenores: “(...) casa estreitas, de empena aguçada, beirais salientes, muitas vezes revestidas de azulejos na fachada principal ou de escamas de lousa, para proteger o pobre material de taipa (tabique preenchido com pedriça e barro), ou pintado de cores vivas. Não é apenas a Régua, única vila urbana das suas margens, são as cidades de Lamago e de Vila Real que denotam, em ruas inteiras, esta influência.”²³⁰

2.4.2. Aldeias

Como nos refere Orlando Ribeiro, no Alto Douro as cidades e as próprias vilas são raras. Talvez por isso, sejam poucas as referências que podemos encontrar na bibliografia sobre umas e outras. Excepção a este facto é sem dúvida a vila de “(...) Penajoia, porto de Lamago, que antecedeu o peso da Régua, e pelos rabelos, que transportavam as pipas de vinho fino até ao Cachão da Valeira e, destruído este obstáculo (1792), até à fronteira de

²³⁰ Orlando Ribeiro (1977), p. 101.

Barca de Alva.”²³¹ O mesmo não acontece quando às aldeias, alvo de repetida atenção: “As aldeias evitam as margens do rio Douro, situando-se de preferência nas plataformas de airosa altitude.”²³² O encontro entre a citação e a fotografia (ver fig. 41) de Orlando Ribeiro não podia ser mais perfeita, completando-se mutuamente.



Fig. 41 – Vila do Douro.
(Orlando Ribeiro, 1959, CEG, Fototeca, foto nº 7726)

2.5. Transportes

Relativamente ao estudo dos transportes e acessibilidades no Alto Douro podemos encontrar na bibliografia de Orlando Ribeiro algumas referências às redes que se foram afirmando no território e que imprimiram na paisagem importantes transformações na estrutura espacial. Dizemos algumas, pois, nesta matéria, apenas de forma sucinta o autor, se refere às vias mais antigas de circulação e de forma muito incipiente às alterações mais modernas e recentes das diferentes redes de transportes, não tendo desenvolvido nenhum estudo geográfico de fundo.

²³¹ Orlando Ribeiro (1987), p. 6.

²³² Guia de Portugal (1988), vol.V, p. 531.

No entanto, no tomo V da *Geografía de España y Portugal* (1955) é de referenciar o destaque que dá às vias de transporte e circulação na região duriense para a comercialização do Vinho do Porto: “El vino, medio preparado, es transportado en veleros hasta los almacenes de Vila Nova de Gaia, donde es elaborado para la exportación y el consumo. El ferrocarril desvío, en provecho suyo, la mayor parte de este tráfico; pero es aún la profunda entalladura del valle la que impone el trazado de esta línea de circulación.”²³³

Mas este rio de difícil navegação contou sempre com a determinação dos barqueiros durienses tão bem descrita na obra *Porto Manso* de Alves Redol²³⁴, citada por Orlando Ribeiro, que em todos os seus textos acerca desta temática vai destacar a substituição do transporte fluvial pelo ferroviário e este posteriormente pelo rodoviário, o que explica a alteração da configuração territorial e a própria demografia da região²³⁵. O elevado número de estações e apeadeiros na linha do Douro, demonstra bem o objectivo de servir as quintas produtoras de vinho do Porto, no transporte das pipas até às caves em Vila Nova de Gaia. Nalguns casos são mesmo as próprias quintas que lhe dão o nome, como é o caso de Alegria e do Vesúvio, a famosa propriedade de D. Antónia Ferreira, “a Ferreirinha”.

²³³ Orlando Ribeiro (1955), p. 241.

²³⁴ Grande parte do romance de *Porto Manso* desenvolve-se entre as vivências do barqueiro António do Monte, da sua família e das pessoas da sua aldeia, durante a grande transformação do caminho fluvial em caminho de ferro. Os homens do Douro tinham o rio para navegar e, um dia, vieram abrir outro caminho. E eles riram-se... E os barqueiros riam-se... Até que um dia, um monstro de ferro deitando faúlhas e fumo, como se guardasse o Inferno nas entranhas, foi capaz de romper sem levar cavalos atrelados. E trazia à frente bandeiras e folhas de palmeira.” Alves Redol (1999), p. 83.

²³⁵ Relativamente às alterações provocadas pela implantação da rede ferroviária no Douro leia-se Maria Helena Mesquita Pina (2007), “O Alto Douro: Um Espaço Contrastante em Mutação”, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, vol. I, p.72 a 79, onde a autora desenvolve uma importante análise regional sobre a interferência da «via acellerada» na organização territorial e nas mutações demográficas da região, na segunda metade do século XIX.

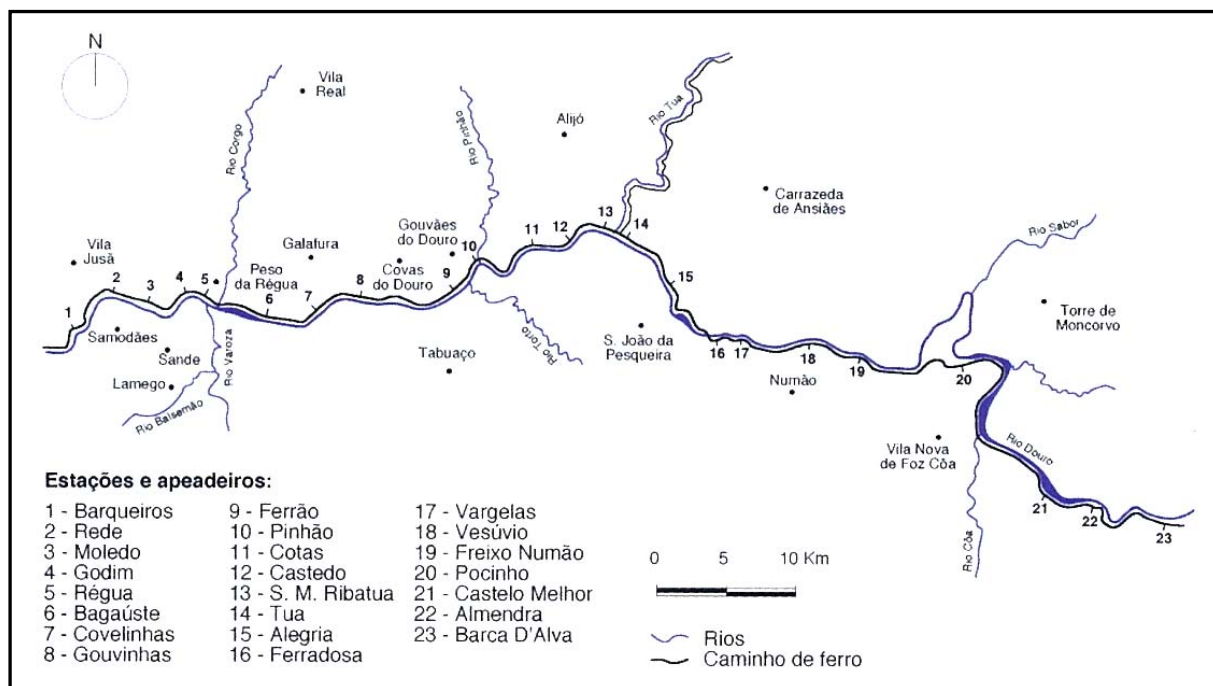


Fig. 42 – Estações e apeadeiros da linha do Douro integrados no espaço duriense no final do séc XIX.

(Ext. de: Helena Pina, 2007, p. 19)

Descreve Orlando Ribeiro as dificuldades existentes no traçado irregular do rio: “Para as embarcações tradicionais foi sempre um rio difícil e traiçoeiro, cortado de cachões, saltos e secos, nada menos de sessenta e quatro, na enumeração de Pereira de Oliveira. Destruído o Cachão da Valeira em 1792, os rabelos puderam chegar a Barca de Alva, navegando com o caudal de Inverno (de Dezembro a Maio), usando-se barquinhas de muito menos calado durante o resto do ano.”²³⁶

Apesar de todos os problemas na navegabilidade, a via fluvial demonstrou ser ao longo dos séculos um eixo fundamental na vida económica da região, o que pode ser confirmado pelo número de “(...) barcas de passagem: 348 barqueiros em Trás-os-Montes, no fim do século XVIII, incluindo sem dúvida alguns que navegavam no Douro, várias centenas neste rio contra 420 almocreves (...).” No mesmo texto refere-se o autor à importância da fundação da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, em 1756, que teve como uma das suas tarefas iniciais recensear e aumentar a frota de

²³⁶ Orlando Ribeiro (1977), p. 100.

transportes para o Porto, estabelecendo ainda o confronto de números: “Em 1822 havia quase três centenas de barcos nos portos fluviais da fronteira (contra, hoje, 4 caminhos-de-ferro, 2 barcos e 9 estradas!). Desapareceram quase todas as barcas de passagem e apenas se mantêm alguns rabões de pesca.” E termina considerando a ideia, defendida por alguns, da navegação do Douro até Salamanca uma perfeita utopia tendo em conta o número de barragens construídas e a falta de elevadores hidráulicos nas mesmas ²³⁷.

Considera Orlando Ribeiro que o Douro, apesar de constituir um obstáculo natural sempre uniu as duas margens mais do que separou, como se constata pela existência de “(...) quatro pontes de estrada e barcas de passagem, outrora muito numerosas nos vários portos fluviais (18 acostáveis desde Barca de Alva até à foz, sendo dois no Porto e um em Vila Nova de Gaia). Ao longo do vale, os principais lugares de passagem eram “Porto de Rei, dois lugares nos concelhos de Mesão Frio, Resende, Porto Antigo, Porto Manso, Portelo, Barqueiros, e Barca de Alva, que tanto facilitava a passagem da beira para Trás-os-Montes como para o reino vizinho.” ²³⁸ E diz sobre a importância dos portos: “Estes portos fluviais constituíam importantes locais de passagem da Beira para Trás-os-Montes assim como para Espanha, mas “(...) o comboio matou os rabelos; (...) e por sua vez a camionagem está fazendo concorrência à via-férrea, carregando as pipas junto ao lagar e descarregando-as à porta dos armazéns de Vila Nova de Gaia.” ²³⁹ O rio, não constituiu apenas uma via comercial do principal produto económico da região mas através dele chegaram também as influências do modo de vida urbano: “A fisionomia urbana de duas cidades próximas, Vila Real e Lamego, reflecte as importantes relações que, até ao caminho-de-ferro, elas mantinham com o Porto pelo rio.” ²⁴⁰

Nos estudos de Orlando Ribeiro encontramos ainda várias referências às transformações que ocorreram na região duriense após a construção da linha ferroviária que, atingiu o Peso da Régua em 1879. O traçado da “(...) linha férrea, que segue a margem direita do rio a montante de Ancede (Baião), atravessa para a margem oposta de Vale da Figueira até Barca de Alva, onde se afasta do rio e sobe penosamente para os parâmetros da Meseta (...)” Destaca ainda a assimetria existente no traçado da rede

²³⁷ Orlando Ribeiro (1991), p. 422.

²³⁸ Orlando Ribeiro (1995), p. 313-314.

²³⁹ Sobre o barco rabelo, não deixa de explicar a origem do seu nome: “(...) os rabelos, de fundo chato, vela trapezoidal e torre donde se manejava a comprida espadela que servia de leme (donde veio o nome ao barco - «com rabo»” Orlando Ribeiro (1991), p. 56. Ver também Orlando Ribeiro (1995), p. 314.

²⁴⁰ Orlando Ribeiro (1991), p. 422.

ferroviária que liga mais o Douro a Trás-os-Montes do que à Beira, através de três ramais de via reduzida, nunca se tendo concretizado a ligação entre a Régua e Lamego. Estas linhas de penetração para Trás-os-Montes seguiram o entalhe dos afluentes da margem direita do Douro e constituíram as mais importantes vias de ligação “(...) até à construção tardia das estradas, que em parte as duplicou (...)”²⁴¹, entre a região e o Porto.

Em relação à rede ferroviária, refira-se que já Hermann Lautensach, no capítulo XI da sua Geografia de Portugal, de 1932, “*Povoamento, nomes de lugar e circulação*”, a propósito da densidade da rede ferroviária então existente em Trás-os-Montes refere: “A abertura às linhas férreas desta região, tão fundamente recortada pelos afluentes encaixados do Douro, é menor que a de qualquer outra parte do país.”²⁴² De facto, no segundo quartel do século XX, o transporte ferroviário começa aos poucos a ser substituído pelo rodoviário (automóvel e camionetas), que passa a oferecer maior flexibilidade de itinerários e de horários, levando directamente o Vinho do Porto às caves de Vila Nova de Gaia²⁴³. Na visita que efectuou à quinta da Rueda, em 1966, Orlando Ribeiro regista no Caderno de Campo (58, p. 71b), a evolução sofrida pela região, no que respeita aos seus meios de transporte, o que testemunha a importância que o geógrafo atribuía às alterações económicas e espaciais provocadas pelos mesmos.

²⁴¹ Orlando Ribeiro (1995), p. 315 e 316.

²⁴² Hermann Lautensach in Orlando Ribeiro *et al.*, III, 1989, p. 854.

²⁴³ A este respeito leia-se o estudo de Maria Helena Pina “*Algumas reflexões sobre as acessibilidades do Alto Douro*” que cita Orlando Ribeiro, a respeito da evolução das vias rodoviárias até ao início da I Guerra Mundial. Maria Helena Mesquita Pina (1996), p. 20.

IV PARTE – REFERÊNCIAS E INFLUÊNCIAS NO ESTUDO DO ALTO DOURO

Ao longo de todo o estudo sobre o Alto Douro de Orlando Ribeiro, constatámos a influência preponderante no seu discurso geográfico, de autores e de obras, assim como a existência de discípulos que recebendo a herança do Mestre, estudaram também o Douro, e que por isso, de alguma forma, perpetuam a sua metodologia de trabalho e a sua percepção da paisagem regional. Daí que os dois últimos pontos do nosso trabalho, sem serem exaustivos, pretendem constituir uma resenha que facilite essa percepção para o leitor.

1. Autores e Obras no Alto Douro de Orlando Ribeiro

São vários os autores que mais contribuíram para a formação do quadro geográfico do Alto Douro, na obra orlandiana. As referências e citações encontradas no conjunto bibliográfico seleccionado do autor, comprovam que o quadro geográfico da paisagem e a caracterização da região provêm de uma busca constante de elementos humanos e naturais, que Orlando Ribeiro sabiamente conseguiu recolher, não se cingindo apenas à bibliografia específica existente, mas a todo um conjunto de informação que recolheu num campo mais vasto das Ciências Humanas (etnografia, história, sociologia) e Naturais (geologia, botânica, agronomia).

A primeira das fontes é José Leite de Vasconcellos (1858-1941). Licenciado em Medicina pela escola Médico-Cirúrgica do Porto, a sua tese final sobre a *Evolução da linguagem* (1886), demonstrava já o seu grande interesse pelas letras, que viriam a ocupar toda a sua longa vida. O culto das ciências exactas deixaram-lhe o estilo de investigação rigoroso e exaustivo, seja na Filologia, seja na Arqueologia ou na Etnografia, disciplinas em que mais tarde se tornaria uma referência. Fundou a *Revista Lusitana* em 1889, *O Arqueólogo Português*, em 1895 e o Museu Etnológico, em 1893. Doutorou-se na Universidade de Paris, com *Esquisse d'une dialectologie portugaise* (1901), foi também pioneiro no estudo da onomástica portuguesa com a obra *Antroponímia Portuguesa* (1928).

A influência de Leite de Vasconcellos em Orlando Ribeiro, foi determinante, como várias vezes este referiu, particularmente “(...) a posse de uma disciplina de trabalho e de um ideal de servir a ciência.”²⁴⁴ Orlando Ribeiro cita com frequência os estudos etnográficos de Leite de Vasconcellos a propósito do Alto Douro, nomeadamente a sua principal obra, *Etnografia Portuguesa*, em que este apresenta uma proposta de divisão de Portugal com base na observação de aspectos etnográficos e dialectológicos e, nos seus *Apontamentos sobre Trás-os-Montes*, dedicou-lhe mesmo um capítulo que intitulou “Leitura Geográfica de Leite de Vasconcellos.”²⁴⁵

No discurso orlandiano, muito do que diz respeito às questões de origem toponímica e utilização de informação etnográfica e histórica relativamente ao Alto Douro, tem origem nos textos do etnólogo, nomeadamente a pesquisa que efectua sobre as origens da utilização oficial da expressão Alto Douro: “A expressão Alto Douro, com aplicação às duas margens do rio, tornou-se oficial depois da criação da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, confirmada por Alvará de 10 de Setembro de 1756, mas parece que já se usava antes.”²⁴⁶

A influência do etnólogo no percurso científico e académico de Orlando Ribeiro foi indiscutível, sendo inúmeras as referências àquele que considerava ter sido para si, um Mestre: “O presente provém do passado, esta ideia era grata ao meu mestre Leite de Vasconcellos, o maior etnólogo português”²⁴⁷.

Como já foi referido, também a influência do geógrafo alemão Hermann Lautensach na Geografia de Orlando Ribeiro em geral, e na leitura geográfica sobre o Douro, em particular, é inquestionável. Por diferentes formas e em diferentes momentos, reconhece Orlando Ribeiro essa forte ligação: “Ao recordar a sua memória é-me grato confessar, mais uma vez, quanto devo aos seus trabalhos e à sua personalidade. Sem este ponto de partida não me seria possível o tratamento sintético que, desde *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, procurei dar a certos temas da Geografia portuguesa.”²⁴⁸

²⁴⁴ Suzanne Daveau (2008-a), p. 24. Ver M. Viegas Guerreiro (1984).

²⁴⁵ Orlando Ribeiro (1995), p. 303.

²⁴⁶ José Leite de Vasconcellos, *apud*. José Eduardo Pascoal (2000), p. 66.

²⁴⁷ Orlando Ribeiro (2001), p. 35.

²⁴⁸ Orlando Ribeiro (1989), p. 260.

Hermann Lautensach (1886-1971), vem a Portugal em 1927 desenvolver um estudo sobre geomorfologia litoral - *Esboço Morfológico da Costa Portuguesa. Uma divisão Geográfica* - que lhe permite a entrada como docente na Universidade de Giessen. A sua *Geografia de Portugal* publicada em dois volumes (1932 e 1937), constitui obra de referência para o conhecimento geográfico do país ²⁴⁹. Orlando Ribeiro considera que Lautensach exprime a “*dupla personalidade da Geografia alemã*” pois à semelhança de Humboldt, Richthofen ou Troll foi um incansável viajante e um observador atento, e, ao mesmo tempo, herdou o espírito sistemático que Ritter havia defendido na sua metodologia geográfica ²⁵⁰. Lautensach desenvolve na prática da sua Geografia Regional uma teoria metodológica que ele denomina *sequência das formas dominantes*, o que o levou sempre a um permanente confronto de análise a diferentes escalas ²⁵¹. Nos seus estudos regionais, seguindo um conceito integrador da paisagem, tratou sempre de forma equilibrada os aspectos da Geografia física e da Geografia humana.

Orlando Ribeiro e Lautensach viajaram a pé, no Verão e Outono de 1943, por várias regiões de Portugal, conforme relembra o primeiro: “Assim percorremos juntos *horst* e *graben* de Trás-os-Montes, de Bragança até ao Douro, e toda a Cordilheira Central Portuguesa, da encosta noroeste da Serra da Estrela até às aplanagens do Zêzere em Pedrógão e Figueiró dos Vinhos.” ²⁵² Como referimos, desta relação irá nascer o projecto comum da edição portuguesa da obra de Lautensach, aprofundada com novos estudos e investigações, e que devido a diferentes circunstâncias e acontecimentos pessoais e profissionais foi sendo sucessivamente adiada ²⁵³.

Em muitos dos subcapítulos do nosso trabalho, em que se descrevem os elementos físicos e humanos da paisagem do Alto Douro vamos encontrar referências de Orlando

²⁴⁹ Dela dizia Orlando Ribeiro (...) alguns dos seus estudos preliminares sobre as origens do relevo, o ambiente climático da idade glaciária, a repartição da toponímia, constituem modelos de monografias ao mesmo tempo restritas e aprofundadas, elaboradas com muito ampla informação geral e dentro das mais rigorosas exigências metodológicas. Uns quantos capítulos do seu *Portugal*, publicado há quarenta anos não foram ainda superados.” *Ibid.*

²⁵⁰ *Ibid.*

²⁵¹ *Ibid.*, p. 271.

²⁵² Orlando Ribeiro (1989), p. 260. Correspondendo o extracto analisado do Caderno de Campo 27, itinerário de Macedo de Cavaleiros – Pocinho um dos percursos efectuado pelos dois.

²⁵³ Aquando a publicação da *Geografia de Portugal* de Orlando Ribeiro e Hermann Lautensach que resulta da tradução e justaposição dos textos dos dois autores explica a Professora Suzanne Daveau, organizadora e co-autora da obra: “Com efeito, já não podia tratar-se de simples actualização; com o passar do tempo os quadros de um Portugal «tradicional» tinham adquirido valor novo de documentos históricos e as obras de Hermann Lautensach e O. Ribeiro tinham-se transformado em marcos importantes da evolução das ideias e da história das ciências. Decidiu-se por isso publicá-las integralmente, mas acompanhadas dos indispensáveis esclarecimentos e actualizações.” Suzanne Daveau in Orlando Ribeiro *et al.*, I, 1987, p. XX.

Ribeiro a Lautensach pois dos ensinamentos e da sua Geografia se serviu para escrever o que de essencial recolheu sobre a região.

Vergílio Tabora (1906-1936) licenciou-se em Geografia na Faculdade de Letras de Coimbra, tendo sido assistente de Amorim Girão. Apesar de ter falecido muito novo, deixou uma notável monografia regional intitulada *Alto Trás-os-Montes – Estudo Geográfico*.

Considerado por Orlando Ribeiro “(...) um dos mais vigorosos espíritos da Geografia Portuguesa. A tese de doutoramento conta-se ainda entre as melhores (...)”²⁵⁴. A dissertação assenta num trabalho de investigação histórica e observação através de um criterioso trabalho de campo, conseguindo facilmente o leitor transpôr-se para um espaço que ao longo da obra vai sendo progressivamente descoberto.

Tece Orlando Ribeiro as seguintes considerações acerca da obra: “(...) os limites da região são estabelecidos com rigor tendo em conta as alterações locais da morfologia, clima e cobertura vegetal; o estudo do troço de fronteira é único não existindo outro semelhante; demonstra uma intuição acutilante no estabelecimento das formas de relevo, carecendo no entanto de explicações ao nível da sua génese; as referências climáticas são reduzidas no âmbito do estudo regional pretendido²⁵⁵; as observações e utilização de provérbios no subcapítulo «As estações e os trabalhos agrícolas» que cruzam com o revestimento vegetal revelam notável qualidade e os capítulos de Geografia Humana são tratados com vigorosa originalidade.”²⁵⁶ Uma tese “Verdadeiramente clássica na composição e no estilo.”²⁵⁷ Orlando Ribeiro frequentemente recomendava a leitura do trabalho de Vergílio Tabora aos seus alunos e, como referimos, à sua memória dedicou o estudo *Localização e Destino dos Centros urbanos de Trás-os-Montes*²⁵⁸.

A obra de Vergílio Tabora é surpreendente pela forma como consegue dar a conhecer o espaço físico e o modo de vida dos transmontanos, num quadro geográfico de

²⁵⁴ Orlando Ribeiro (1989), p. 171.

²⁵⁵ Vergílio Tabora Regista em nota de rodapé a dificuldade em estabelecer um estudo regional climático, dada a “ (...) insuficiência de estações meteorológicas, a sua má localização, a carência de séries de observações uniformes e paralelas, a pouca confiança que merecem certos dados.” Vergílio Tabora (1932), p. 63.

²⁵⁶ Orlando Ribeiro (1989), p. 168.

²⁵⁷ *Ibid.*, p. 165. Considera Orlando Ribeiro que na arrumação dos capítulos da tese, Tabora segue a de um discípulo de Vidal de La Blache, J. Levainville que estudou *Morvan* (1909), região também de média altitude, atrasada e pobre, mas o conteúdo e a escrita é estritamente de índole pessoal.

²⁵⁸ Orlando Ribeiro (1994), p. 46-70.

síntese que vai “ Desde as culturas às relações económicas, das propriedades às habitações, das paisagens à população, das estações do ano aos trabalhos agrícolas (...) do artesanato mais decadente à indústria que já não há, do povo que vai saindo às gentes que vão ficando, do linho que dá lugar ao algodão e da diligência que dá boleia ao caminho-de-ferro, tudo ganha desculpa ou razão (...) Da sua Geografia, acabam por ficar na memória verdadeiros retratos com alma.”²⁵⁹

Orlando Ribeiro poucas vezes cita Amorim Girão na obra que produziu acerca do Alto Douro. No entanto, num texto escrito em 1933, a propósito da obra *Esboço duma Carta Regional de Portugal*, enaltece o seu trabalho da seguinte forma: “ Recentemente, Amorim Girão, baseado em orientações mais modernas da ciência Geográfica, esboçou uma carta regional «em que todos os elementos e factores que se inscrevem sobre a superfície do solo foram tomados em consideração». (...) Girão estabeleceu regiões, como o Alto Douro ou o Ribatejo, que declaradamente tiram a sua razão de ser do próprio rio para que convergem e que lhes dá unidade. Apesar do progresso notável que, a alguns respeito, revela o trabalho de Amorim Girão, Barros Gomes foi «o primeiro que esboçou com inteligência notável uma divisão regional do país português» (...)”²⁶⁰.

Os percursos académicos de ambos cruzaram-se em Coimbra durante os dois anos em que Orlando Ribeiro esteve como professor na Faculdade de Letras, e o diálogo não foi fácil. No curso de Geografia, o trabalho de campo não era muito habitual por parte de Amorim Girão. Mas nas visitas que efectuou na companhia do mesmo refere Orlando Ribeiro que “(...) em vivos e comunicativos comentários de paisagem, misturava finas observações com os mais irresponsáveis dislates (...)”²⁶¹.

Nos textos de Orlando Ribeiro encontramos por diversas vezes referências como esta, o que nos leva a pensar que a ausência de citações científicas e o silêncio que confere a Amorim Girão na sua obra é também de natureza pessoal e político-institucional. Compreende-se igualmente que as relações profissionais entre ambos reflectem divergência em diferentes circunstâncias.

²⁵⁹ Carlos Patrício (1994), p. 139.

²⁶⁰ Orlando Ribeiro (1989), p. 104.

²⁶¹ E acrescenta: “(...) encavacando-me às vezes, quando se virava para mim e me perguntava com toda a seriedade: - Não é verdade, Sr. Fulano? Um professor não catedrático, geralmente ainda alcunhado de «assistente», só tinha duas saídas: ou fazer de parvo perante os alunos, ou explicar ao venerado mestre toda a extensão da sua ignorância.” Orlando Ribeiro (2002), p. 114.

Sobre os temas de Geomorfologia destaca-se o trabalho que desenvolveu com o engenheiro e geógrafo Mariano Feio e o geólogo Carlos Teixeira na preparação das excursões e dos respectivos guias aquando do Congresso Internacional de Geografia, em Lisboa, em 1949, cujo itinerário VI contemplava o Alto Douro.

De forma alguma se esgota nas obras destes autores, a selecção de elementos que Orlando Ribeiro recolheu para traçar o quadro de paisagem da região do Alto Douro. O que pretendemos foi destacar os que nos parecem ter sido determinantes, para o tema que desenvolvemos, pois constituiria tarefa quase impossível enumerar todas as fontes e obras de autores nacionais e estrangeiros, geográficas e de outros ramos do saber, em que se documenta Orlando Ribeiro nas suas pesquisas.

No entanto não podemos deixar aqui de evocar, três nomes da literatura portuguesa que geógrafo refere como obrigatórias no conhecimento e modo de vida do duriense: Miguel Torga (*Vindima*), Graça Pina de Morais (*A Origem*) e Alves Redol (*Porto Manso*)²⁶². Encontramos frequentemente nos seus estudos citações literárias destes autores, que pretendem, acima de tudo, transmitir o lado de trabalho e sacrifício das gentes que construíram a paisagem e a economia do Douro, o que se traduz num elemento de grande enriquecimento da sua obra. A amizade e admiração que cultivou por Miguel Torga levam-no mesmo a escolher o poema «A Mensagem» para a sua obra emblemática *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, o que não deixa de ser relevante por evocar o mundo mediterrâneo do Douro para caracterizar, como epígrafe, o conjunto do território nacional.

²⁶² Orlando Ribeiro (1987), p. 6.

2. A Herança Entre Os Discípulos

Para além da determinante influência no estabelecimento das bases científicas da Geografia em Portugal, foi muito importante o estímulo pessoal que Orlando Ribeiro transmitiu aos seus alunos e discípulos, bem como a ajuda prestada nos trabalhos por eles elaborados, particularmente, nas dissertações de licenciatura e de doutoramento ²⁶³.

Na investigação que desenvolvemos, registamos duas discípulas que se destacaram com trabalhos sobre o Alto Douro: Maria João Queiroz Roseira, com a sua tese de licenciatura intitulada *Lamego – um passado presente* (1970), e Paula Bordalo Lema que apresentou a sua tese complementar de doutoramento sob o título *O Alto Douro* (1980).

Maria João Queiroz Roseira apresenta no seu estudo de Geografia Urbana sobre Lamego, uma estrutura em seis capítulos, dedicando os dois primeiros a uma contextualização da cidade no espaço e no tempo, abordando nos capítulos subsequentes a evolução da população, as actividades económicas e as funções associadas, a morfologia urbana e, no capítulo final, a função e influência regional de Lamego.

Logo na introdução do trabalho, agradece a autora as sugestões e estímulos recebidos por parte de Orlando Ribeiro destacando-o das demais ajudas obtidas. Mas, a influência de Orlando Ribeiro reflecte-se na bibliografia geral, não só pelas obras referenciadas mas também pelos restantes autores citados: nacionais, como Leite de Vasconcellos, e, da escola francesa: Vidal de la Blanche, Max Sorre, e J. Brunhes, entre outros geógrafos que tiveram grande influência na construção do “pensamento” orlandiano. Também na análise do discurso produzido podemos destacar a capacidade de síntese e correlação entre elementos físicos (clima, relevo, solo e vegetação) e elementos humanos (sociais, históricos e culturais), presentes na paisagem. Quando a autora caracteriza as “zonas” agrárias, é interessante verificar, em relação ao vale do Douro, que, integra a *Terra Quente* e, desenvolve uma síntese em tudo semelhante à de Orlando Ribeiro, apresentando as características físicas e considerando a paisagem um “Produto

²⁶³ Cfr. Carlos Alberto Medeiros (1998), p. 23-24.

exclusivo da acção humana (...).”²⁶⁴ Não deixa ainda de referir o domínio da monocultura da vinha e a sua dependência de mão-de-obra das regiões contíguas.

Em relação à obra *O Alto Douro* de Paula Bordalo Lema, podemos considerar que constitui uma profunda investigação da área estudada, confirmada pela extensa bibliografia recolhida, e aí apresentada: obras específicas sobre o Alto Douro e as actividades dominantes na região, obras relativas a outras áreas com problemas afins ou com incidência nos mesmos problemas metodológicos e, também, obras de carácter mais geral com interesse para o enquadramento da área e do tema.

Refere a autora, logo nas páginas iniciais, que a questão da individualidade do Douro despertou sempre nos geógrafos particular interesse destacando Amorim Girão, Vergílio Taborda e Orlando Ribeiro, salientando as obras consultadas. Caracteriza os elementos físicos e cita Virgílio Taborda para acentuar que a individualização da região do Alto Douro depende, acima de tudo, dos factores humanos que determinaram a cultura da vinha e a autonomia económica da região. Defende ainda que a demarcação precisa da Região Duriense e a sua individualidade não passa pelas características físicas do clima e do relevo, uma vez que estas características se propagam nos afluentes que penetram no planalto trasmontano, ficando assim a demarcação dependente das características humanas. E, cita Virgílio Taborda “(...) somente a diferenciação das fácies agrícola e económica permite separar uma da outra – e, ainda assim, grosseiramente. É a realidade e a importância da cultura da vinha que imprime um cunho especial à região duriense, foi essa forma particular de ocupação do solo, com os factos geográficos e económicos que daí resultaram, que criou e justifica a sua autonomia geográfica.”²⁶⁵

Mas se existem características intrínsecas, certo é também que elas não são uniformes, como acentua a autora: percorrendo a região, regista-se uma variação interna oeste – este ditada pela variação climática e norte- sul devido à exposição das vertentes. E acrescenta, relativamente à diferenciação entre os três sectores que constituem o Alto Douro - Baixo Corgo, Cima Corgo e Douro Superior: - “(...) noutros aspectos que se relacionam com as actividades económicas: a densidade de população, decrescente de

²⁶⁴ Caracteriza-a a autora: “(...) é a região das estiagens ardentes, dos invernos moderados, das culturas mediterrâneas e da fraca densidade de população. (...) Constituído, na sua maioria por terras xistentas e acentuadamente declivosas (as encostas), que dão origem a solos muito cascalhentos. São estes magros solos que, depois de surribados e armados em socalcos, são destinados à cultura da vinha (e, secundariamente, da oliveira e de outras fruteiras).” Maria João Queiroz Roseira (1981), p. 79.

²⁶⁵ Vergílio Taborda (1932), p. 14.

ocidente para oriente; o tipo de povoamento; as estruturas agrárias; a estratificação social e tantos outros.”²⁶⁶ Paula Bordalo Lema tece também nas suas considerações finais, algumas das preocupações comuns a Orlando Ribeiro relativamente à Geografia e, concretamente, ao Alto Douro, como a questão do “(...) conceito de região, quer quanto aos critérios de identidade, quer quanto aos limites espaciais; (...)”²⁶⁷.

Uma influência determinante de Orlando Ribeiro sobre o modo de “fazer Geografia” por parte da geógrafa, é a importância conferida ao trabalho de campo. Reconhece a autora, que no estudo desenvolvido “o trabalho de campo revelou-se indispensável não só por permitir avaliar aquelas deficiências mas, principalmente, como base para uma opção metodológica.”²⁶⁸ A ligação e preocupação de Orlando Ribeiro com o trabalho de investigação de Paula Bordalo Lema, pode ser comprovado nas notas do Caderno 58 (1968, p. 115 b), onde a propósito das suas observações na Terra de Miranda o professor escrevia: “Inf. Paula”, ou “Aldeia de Tendeiros (+ de 200, inq. Paula), 90 automóveis ou fourgonettes sem estrada” (1968,p.118 a).

Escrito por volta de 1970, o texto inédito “Apontamentos sobre Trás-os-Montes” publicado no vol. II de *Opúsculos Geográficos*, representa uma súpula geográfica de enorme interesse para este estudo²⁶⁹. Terá sido redigido no intuito de participar no estudo que Paula Bordalo Lema, então iniciava, para a sua dissertação de doutoramento sobre Trás-os-Montes (conforme podemos ler em nota de rodapé), o que comprova a preocupação pessoal e a importância que Orlando Ribeiro dedicava às suas funções pedagógicas e científicas pedagógicas. Desta dialéctica entre o Mestre e os seus discípulos constituiu-se um processo de aprendizagem recíproco de manifesto valor, que se traduz no enriquecimento do conhecimento da paisagem.

Podemos assim inferir que da análise que fizemos aos trabalhos de Maria João Roseira e Paula Lema, está bem evidente o princípio da unidade da Geografia a partir da observação da paisagem onde o estudo integrado dos fenómenos físicos e humanos, na sua distribuição e relações recíprocas, permitem interpretar e compreender o espaço, método privilegiado na Geografia de Orlando Ribeiro. E, neste sentido, o Alto Douro constitui um

²⁶⁶ Paula Bordalo Lema (1980), p. 5

²⁶⁷ *Ibid.*, in considerações finais.

²⁶⁸ *Ibid.*

²⁶⁹ Orlando Ribeiro (1995), p. 303-318.

espaço onde é visível a acção criadora do homem face à natureza, imprimindo na paisagem humanizada marcas culturais diferenciadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação sendo um simples ensaio metodológico, pretende apenas contribuir para um maior conhecimento da Geografia praticada por Orlando Ribeiro, tendo por base a procura dos elementos fundamentais da leitura de paisagem que o mesmo desenvolveu em relação ao Alto Douro.

Na análise evolutiva da divisão geográfica nacional, Orlando Ribeiro separou claramente as circunscrições administrativas das regiões geográficas, pois se as primeiras assentam em motivações político-administrativas, as segundas devem ter sempre como base razões de natureza científica. Por esta razão, no caso concreto da região do Alto Douro, não a concebe como uma divisão administrativa, opondo-se à proposta de divisão provincial defendida por Amorim Girão. O Alto Douro e depressões anexas, constituem na sua perspectiva, uma unidade de paisagem que se insere no Norte Transmontano, individualizada pelas particularidades da natureza e pelas marcas da presença humana.

Quase todas as reflexões presentes 1ª edição de *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* (1945), e na *Geografia de España y Portugal* (1955) se mantêm como base de posteriores estudos que, no caso do Alto Douro, nunca foi objecto de investigação aprofundada. É em trabalhos tematicamente específicos como “O Significado Ecológico, Expansão e Declínio da Oliveira em Portugal”, ou em artigos como “Apontamentos sobre Trás-os-Montes”, publicado pelo autor na revista *Finisterra*, que se encontra o maior número de referências ao Alto Douro.

Da análise comparativa de três edições do *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* (1ª, 2ª e 7ª, ver tabela – Anexo I) as mais “revistas” pelo autor, não se verificam alterações significativas de conteúdo relativamente ao Alto Douro. Da 1ª para a 2ª edição apenas são actualizados alguns dados estatísticos, justificando Orlando Ribeiro no prefácio da 2ª edição a importância de manter esta obra na mesma proporção e com a mesma estrutura, deixando prevalecer o que é permanente, e justifica “(...) a paisagem é quase sempre um produto do passado (...)”. As alterações são mais evidentes entre a 2ª e 7ª edições²⁷⁰ pois,

²⁷⁰ A 7ª edição é similar à 4ª edição (1980), alvo da última revisão por parte do autor.

mantendo a estrutura da obra, apenas se procedeu a actualizações recorrendo não só a obras de geógrafos mas de outras áreas do saber, conforme expressou no prefácio da 4ª edição. No caso da 7ª edição, as referências ao Alto Douro são mais extensas e ricas em pormenor, abrangendo para além dos elementos físicos e humanos, as transformações recentes na paisagem, o que não deixa de ser significativo sob o ponto de vista da sua Geografia. A análise da tabela síntese (ver anexo 2) permite também concluir que o Alto Douro pertence claramente ao Portugal mediterrâneo, o que é visível no número e importância das citações aí referenciadas, destacando-se claramente nos temas dos elementos naturais e da economia e vida agrária (expressão do autor no índice).

Percorre Orlando Ribeiro várias vezes a região do Alto Douro com invulgar espírito de observação, regista elementos físicos e humanos, fotografa e faz esboços, entrevista os habitantes e vai cruzando todos estes elementos, para depois com a sua singular capacidade de síntese, elaborar textos geográficos únicos. O pormenor com que regista todos os dados de cariz histórico e etnográfico, relacionados com a produção do Vinho do Porto, comprovam a influência metodológica determinante de José Leite de Vasconcellos, visível também na elaboração dos cadernos de campo. Nestes, as notas relativas ao Douro, sugerem ao leitor rupturas no horizonte visual. No limite do planalto de Trás-os-Montes ou da Beira, a descida para o vale permite o registo de uma alteração significativa dos elementos físicos e humanos da paisagem. A ausência de um percurso exclusivamente ao longo do vale explica a pouca importância que Orlando Ribeiro conferiu às divisões sub-regionais, nomeadamente as relacionadas com a demarcação das áreas com diferente aptidão vinícola – Baixo Corgo, Cima Corgo e Douro Superior – as quais nem mesmo referencia. Na perspectiva do geógrafo a unidade de paisagem mantêm-se, significativamente, em toda a sua extensão.

Nas fotografias apresentadas conseguimos perceber a importância que confere à amplitude da paisagem, ao enquadramento e à luz. Não fotografa pormenores, antes capta as grandes superfícies, as unidades morfológicas, os campos, a cidade e as vilas e aldeias, as particularidades regista-as nas notas dos cadernos de campo.

Particularmente sensível ao estudo da paisagem, Orlando Ribeiro opera numa Geografia de excepção uma metodologia consistente de observação – descrição – interpretação. Quando estuda e interpreta a paisagem singular do Alto Douro, demonstra

ter consciência que o faz com base nos seus próprios conceitos, que são inevitavelmente diferentes de outros geógrafos. Essa consciência de investigador mas com plena humildade científica permite-lhe ter uma abertura de espírito capaz de procurar também na leitura de paisagem dos outros o complemento necessário das suas leituras iniciais. Partiu, sempre de fontes seguras, o que lhe permitiu estabelecer uma dialéctica científica permanente. Voltando sistematicamente às fontes, testou e validou as suas interpretações, colocando novas questões e evoluindo no seu próprio círculo hermenêutico.

Orlando Ribeiro concebia a paisagem como um espaço observável, repleto de elementos visíveis e invisíveis, de diferentes categorias, que necessariamente se entrecruzavam criando quadros únicos. No Alto Douro efectuou a pé e de carro, diferentes percursos e desenvolveu um valioso trabalho de campo anotando os elementos físicos e humanos que valorizou de igual forma, embora em momentos diferentes; traçou um quadro geográfico interpretativo e analisou o modo de vida, muito no seguimento da escola vidaliana. Mas a escola alemã também está presente, com os estudos de Hermann Lautensach, como ponto de partida para as suas observações e reflexões, sendo esta influência e proximidade científica referida por ele próprio diversas vezes, ou notada por Suzanne Daveau nos comentários que estabelece aos textos dos dois geógrafos, na *Geografia de Portugal* (1987-1991).

Na paisagem, Orlando Ribeiro assinala os elementos do relevo, esqueleto da paisagem que marca sem no entanto a determinar: o Alto Douro, dominado pelo xisto onde se encaixa o Douro – um rio caudaloso, entre margens abruptas e apertadas –, circunscreve-se aos vales do grande colector e dos seus afluentes. Destaca ainda as principais formas estruturais, levanta questões, formula hipóteses e abre novos caminhos aos futuros trabalhos em geomorfologia.

Consciente da importância da análise a diferentes escalas, estabeleceu os devidos enquadramentos e paralelismos à escala peninsular, nacional, regional e subregional. O clima das “baixas” é muito diferente do do planalto. O Alto Douro é para Orlando Ribeiro a *Terra Quente* em que o abrigo das montanhas e da influência marítima, lhe confere um Verão escaldante com noites abafadas, Invernos moderados e reduzida precipitação, correspondendo na classificação climática que estabelece, ao clima transmontano. A estas condições se associa a vegetação, que no quadro geográfico estabelecido tem lugar de

destaque, reflectindo para além das condicionantes naturais, o conjunto de sucessivas opções de ocupação da terra pelo homem. A meridionalidade torna-se mais visível: sobreiros, olivais, amendoeiras, figueiras, laranjeiras e outras árvores de fruto enchem o Douro do aroma mediterrâneo, como tantas vezes Orlando Ribeiro descreveu.

Especial destaque confere a duas culturas - a oliveira e a vinha - em estreita associação no Douro uma vez que a destruição da segunda, provocada pela filoxera, contribuiu largamente para a difusão da primeira. A oliveira, cultura de *Terra Quente* encontra nos vales do Douro e do Tua, em especial na Bacia de Mirandela e nas áreas a jusante do Cachão da Valeira, nos vales do Côa e do Águeda e no vale da Vilariça, o ambiente propício ao seu desenvolvimento. Os factores naturais vão impôr a sua distribuição espacial. Adapta-se a todo o tipo de solo mas o seu limite em altitude não ultrapassa os 700 metros devido à descida de temperatura e ao aumento de precipitação verificado na *Terra Fria*. Mas vai mais longe o autor. Nos estudos relativos à oliveira referencia a evolução histórica e económica e a sua difusão em Trás-os-Montes, a oscilação das colheitas, os lagares de azeite, entre outros aspectos, enriquecendo as suas pesquisas de elementos históricos e etnográficos que se revelam hoje preciosos para o estudo do presente.

Mas a originalidade da região está na cultura da vinha. Cultura exigente sob o ponto de vista das tarefas anuais que impõem ao homem e que Orlando Ribeiro regista de forma exhaustiva nas notas de caderno de campo, culminando com a festa da vindima. Festa que, no entanto, não esconde a “duríssima faina” a que sujeita as gentes dos planaltos e das serranias, que nesta época descem até ao Douro. Pelas íngremes vertentes, debaixo de um calor tórrido, os homens transportam enormes cestos de uvas até ao lagar, onde se produz o mosto que dará origem ao Vinho do Porto.

Produto de excepção sujeito a diferentes crises, como a da filoxera, que os mortórios não deixam esquecer, o Vinho do Porto é uma cultura dominada pelas grandes Companhias nacionais e estrangeiras, produzido nas quintas de proprietários absentistas que desde a cidade do Porto as comandam à distância. E neste sentido Orlando Ribeiro considera: “O Douro ou Alto Douro, espécie de anexo vinhateiro do Porto – Roger Dion disse, com toda a razão, que as cidades tanto engendravam arrabaldes como vinhas – é um

mundo diferente (...)”²⁷¹ ou utilizando uma sua outra expressão “é como um subúrbio disjunto do Porto.”²⁷²

A influência da burguesia portuense espelha-se na singularidade das quintas do Douro “(...) forma de povoamento, tipo de propriedade, modo de exploração, que não se compreende unicamente no seu quadro rural e nunca se teriam desenvolvido sem uma relação íntima com a vida urbana (...)”²⁷³ Nas quintas durienses percebe-se Orlando Ribeiro uma diferenciação social entre os senhores e os trabalhadores rurais que não deixa de criticar, destacando as diferenças de tratamento e as injustiças evidentes. Na visita que efectua à região, em 1966, podemos perceber que as suas notas não constituem meros registos de dados, deixando transparecer outras preocupações que vão além do desenho do quadro geográfico, evidenciando na sua personalidade um profundo sentimento de justiça e humanidade.

Mas o Douro foi também uma importante via de navegação, o eixo de desenvolvimento económico da região, que a existência de numerosos portos e barcas de passagem até ao início do séc. XX testemunham. Estes portos fluviais constituíam importantes locais de passagem. Por isso, no entender de Orlando Ribeiro a via navegável do Douro apesar de constituir um obstáculo natural sempre uniu mais do que separou as duas margens.

Rio de grande irregularidade, repleto de cachões e de rápidos, traiçoeiro e por isso de difícil navegação, foi palco de tragédias que ficaram na história. O rabelo, barco emblemático do Douro, havia no entanto de ser substituído pela via-férrea, que chegou ao Peso da Régua em 1879, e posteriormente pelo transporte rodoviário, que veio alterar profundamente a configuração territorial e a própria demografia da região.

É justamente, a cidade da Régua que Orlando Ribeiro destaca como centro da actividade económica duriense, pela sua situação e posição, e por toda a história vitivinícola que a foi dotando de mais e melhores vias de comunicação, proporcionando-lhe uma acessibilidade acrescida relativamente às demais cidades, especialmente a Lamego.

²⁷¹ Orlando Ribeiro (1989), p. 170.

²⁷² Orlando Ribeiro (1987), p. 6.

²⁷³ Orlando Ribeiro in Orlando Ribeiro et al., III, 1989, p. 867.

Estas foram as principais conclusões que retiramos da leitura da paisagem do Alto Douro na obra de Orlando Ribeiro, que não tendo desenvolvido nenhum estudo geográfico profundo sobre a região presta-lhe a maior homenagem ao escolher, como já referimos, o poema de Miguel Torga a “Mensagem”, para o início de *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, num convite claro de descoberta de Portugal e desta “(...) paisagem original e sem paralelo (...)”²⁷⁴ que é o Alto Douro, a ilha mediterrânica no Portugal Atlântico: “Vinde à Terra do vinho, deuses novos! / Vinde, porque é de mosto / o sorriso dos deuses e dos povos / quando a verdade lhes deslumbra o rosto.”

Hoje, o Alto Douro, entendido como a região vitivinícola portuguesa por excelência, individualizado pelas suas características pedológicas, geológicas e climáticas, e profundamente humanizada, mercê do trabalho humano, traduz uma nova visão sobre a cultura e o património necessária ao desenvolvimento económico e social das comunidades humanas envolvidas. A consciência desse legado cultural e patrimonial como factor de afirmação da sua identidade constitui um dos factores estratégicos do futuro da região, tendo-se multiplicado na última década novas perspectivas e dinâmicas territoriais.

A navegabilidade do rio, o Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) reconhecido como Património Mundial pela Unesco, em 1998, a classificação do Alto Douro Vinhateiro como Património Mundial, em 2001, a abertura do Museu do Douro, em 2008, e do Museu do Côa, em 2010, a oferta alargada de roteiros turísticos e culturais em torno das “Quintas” e das “Aldeias Vinhateiras”, e a crescente internacionalização da região levam à multiplicação de novos equipamentos, projectos, parcerias e investimentos públicos e privados que exigem uma apurada intervenção das entidades competentes, na salvaguarda dos interesses da preservação do território.

As grandes alterações produzidas devem constituir oportunidades sustentadas, e de forma alguma podem colocar em risco a herança mais rica do Douro que é a sua paisagem. Foi essa a paisagem que estudamos e que pretendemos também preservar, compreendendo-a na obra de Orlando Ribeiro, herdada por todos mas desconhecida por muitos. Orlando Ribeiro confere à Geografia do Alto Douro uma visão de síntese, tornando difícil ao

²⁷⁴ Orlando Ribeiro in Orlando Ribeiro *et al.*, I, 1987, p. 306.

investigador separar por conjuntos temáticos as várias abordagens ao longo da sua obra. Mas esta é a marca singular da sua Geografia.

Percorrer a obra de Orlando Ribeiro é ir de encontro a uma fonte inesgotável da cultura do povo português. O nosso estudo é apenas uma pequena amostragem do que pode ser feito, deixando-se aberto o caminho a novos trabalhos e investigações.

Nota da Autora

Nasci no Douro, cresci no Douro. São do Douro os meus antepassados. Portanto o Douro é uma terra que trago no coração. O mesmo acontecia com o avô Leonardo, descrito por Graça Pina de Moraes: “O seu amor à terra não era o do camponês esperto, ganancioso, vigilante das culturas na mira do lucro. Era o amor que se tem pelas obras de arte, aquele em que, para além do que se vê, há uma vibração ou alma de natureza ignorada, um halo de encantamento.”²⁷⁵ Era este encantamento que sentia a minha avó na aldeia (Samodães – em frente ao Peso de Régua) onde nasceu e cresceu.

E das aldeias nos fala Alves Redol, quando diz que “(...) não escolheram sítio para nascer, e empoleiraram-se nas cristas das serranias, acompanhadas de soutos e pinheirais, ou sem sombra que lhes valha; suspendem-se de ravinas sobre o rio, como se viessem suicidar-se, lutando com penhascos agressivos e possantes; despenham-se pelas vertentes dos montes, a modos com pressa de chegarem a um destino que não se realizou; espraíam-se por veigas verdes e risonhas, onde veios de água vêm sussurrar queixas da serra e as árvores ganham alturas gigantes, esbracejando à vontade, bajulam o rio, como se precisassem das águas para viver ou do seu espelho para se mirarem.”²⁷⁶

Quanto ao rio Douro, é ao barqueiro António do Monte que Alves Redol incumbe de viver as vicissitudes de “(...) um rio louco, que abriu caminho em fúria por entre gigantes e, obstinado, quis ir ver o mar; e chegou; cansado, mas chegou.”²⁷⁷ E Redol acrescenta: “Nunca a natureza lutou tanto com a natureza. E é alucinante e maravilhoso para os homens ir nas mãos da morte – e vencer a morte. É um rio sinistro de cor e trágico de loucura.”²⁷⁸

Todavia, não estava ainda plenamente resolvido o problema da terra, para a conquistar era preciso que ela existisse – e ali só havia xistos e granitos. E com a fraga da serrania os homens “(...) construíram os muros de geios, para que a chuva lhes não roubasse o pó da terra.”²⁷⁹ No Douro “Contra o granito só homens de granito.”²⁸⁰

²⁷⁵ Graça Pina de Moraes (1991), p. 12.

²⁷⁶ Alves Redol (1999), p. 25.

²⁷⁷ *Ibid.*, p. 55.

²⁷⁸ *Ibid.*

²⁷⁹ *Ibid.*, p. 163.

²⁸⁰ *Ibid.*, p. 123 e 141.

Andaram por lá com a videira ao colo. “E depois que a vinha se afez ao xisto, buscando com as raízes a terra que lhe foge, lá no fundo, cresceram mais os cuidados tantos e diversos, que o homem dali respira com a videira, deita-se, levando-a no pensamento, e levanta-se para a ir admirar, achegando-lhe afagos nos olhos e esperanças no coração.”²⁸¹

Angústias redobradas no tempo da filoxera e bem reflectidas nos “*cemitérios*” que por todo o Douro ela deixou. Com efeito – e como lembra Redol – “(...) ficaram ali, junto com outros socalcos, como lição viva para os homens que vêm a chegar à história – a de que as tarefas que surgem nunca se dominam com a descrença da própria força.”²⁸²

Numa visão talvez menos romântica e mais política do drama do homem duriense, o escritor Miguel Torga resume-o desta forma: “ A recordação do seu martírio será uma lição para senhores e servos. Os primeiros lerão no espelho o que não devem voltar a ser; os segundos, o do que não devem voltar a consentir. Já sem falar da mutação pretérita e actual. Se certas hierarquias teimam em persistir, os próprios protagonistas fazem o possível para o disfarçar. Tão fortemente sopram os ventos da história.”²⁸³

Também destas influências literárias, se socorre a geografia ímpar da paisagem duriense descrita por Orlando Ribeiro. Resta-nos concluir que o Douro é uma odisseia. Não é feito só de paisagem geográfica, mas e sobretudo, de homens capazes de transformar aquela terra rude num enorme jardim aprazível. Quando entreabro a janela da alma e penso naquele pedaço do meu país, apraz-me lembrar esta rima de uma poesia de Florbela Espanca:

“...Um trecho de paisagem campesina / Uma tela suave, pequenina, / Um pedaço de terra sem igual! ...”²⁸⁴

²⁸¹ *Ibid.*, p. 193.

²⁸² *Ibid.*, p. 276.

²⁸³ Miguel Torga (1994), p. 6.

²⁸⁴ Florbela Espanca (1994).

BIBLIOGRAFIA

Fontes Manuscritas:

Biblioteca Nacional de Portugal – Área de Espólios

Caderno de Campo 27 - Portugal, Novembro, 1943 - Serras de xisto, Trás-os-Montes, Alentejo, Algarve e litoral do Minho (páginas 14 a 18);

Caderno de Campo 55 - Portugal (E), 1962/65 – Várias regiões (páginas 60a a 69);

Caderno de Campo 58 - Portugal (F), 1966 e 1969 – Várias regiões (páginas 69 a 75b relativas a 1966 e páginas 111 a 119 referentes a 1968).

Fotografias

Centro de Estudos Geográficos – Fototeca

Fotografias de Orlando Ribeiro:

1954 – Douro. Orlando Ribeiro, CEG, Fototeca, nº 5622;

1954 – Douro. Orlando Ribeiro, CEG, Fototeca, nº 5623;

1954 – Douro. Orlando Ribeiro, CEG, Fototeca, nº 5622

1955 – Douro. Orlando Ribeiro, CEG, Fototeca, nº 5640

1955 – Douro, Freixo de Espada à Cinta. Orlando Ribeiro, CEG, Fototeca, nº 5641;

1955 – Douro, Freixo de Espada à Cinta. Orlando Ribeiro, CEG, Fototeca, nº 5642;

1955 – Barragem de Picote. Orlando Ribeiro, CEG, Fototeca, nº 5643;

1955 – Amendoeiras. Orlando Ribeiro, CEG, Fototeca, nº 5647

1959 – Douro, Miranda do Douro. Orlando Ribeiro, CEG, Fototeca, nº 5635

Fotografias e diapositivos de vários geógrafos:

1957 – Vale do Douro, uma quinta. Raquel Soeiro de Brito, CEG, Fototeca, nº 1678;

1957 – Vale do Douro, aspecto parcial da Quinta da Rueda. Raquel Soeiro de Brito, CEG, Fototeca, nº 1679;

1957 – Vale do Douro, vindimas. Raquel Soeiro de Brito, CEG, Fototeca, nº 1681;

1957 – Vale do Douro, transporte de uva para o lagar. Raquel Soeiro de Brito, CEG, Fototeca, nº 1682;

1957 – Vale do Douro, transporte de uva para o lagar. Raquel Soeiro de Brito, CEG, Fototeca, nº 1683;

1957 – Vale do Douro, rogadores transportam as uvas para o lagar. Raquel Soeiro de Brito, CEG, Fototeca, nº 1685;

1959 – Douro, Lamego. Raquel Soeiro de Brito, CEG, Fototeca, nº 2279;

1957 – Douro, Lamego. Raquel Soeiro de Brito, CEG, Fototeca, nº 2279;

1970 – Douro, contraste entre vertentes no vale do Corgo. Suzanne Daveau, CEG, Fototeca, nº 9105;

1971 – Vale do Balsemão, Suzanne Daveau, CEG, Fototeca, nº 9863;

1973 – Vista da Régua, tirada da pousada da margem esquerda do Douro a jusante de Lamego (vinha), Paula Bordalo Lema, CEG, Fototeca, nº 9105;

Obras de Referência e Estudos:

AMARAL, Ana; AMARAL, Ilídio (1984), *Bibliografia Científica de Orlando Ribeiro*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos.

AMARAL, Ilídio (2008), “Orlando Ribeiro Humanista”, *Finisterra Revista Portuguesa de Geografia*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, vol. XLIII, nº 85, p. 45-56.

AMARAL, Ilídio; DAVEAU, Suzanne (1982), *Bibliografia Geográfica de Portugal*, vol. II, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos.

BATAILLON, Claude (2009), *Géographes. Génération 1930. À propôs de Roger Brunet, Paul Claval, Olivier Dollfus, François Durand-Dastès, Armand Frémont et Fernand Verger*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes.

BAUDELLE, Guy; OZOUF-MARIGNIER, Marie-Vic; ROBIC, Marie-Claire (2001), *Géographes en pratiques (1870-1945) Le terrain, le livre, la cité*, Rennes, Presses Universitaires de Rennes.

BIROT, Pierre (1949) – “Les surfaces d'érosion du Portugal central et septentrional”, Rapport Comm. Cart.Surf. Aplan., UGI, XVI Congrès Int. Géog., Lisboa, p. 9-16.

BOSQUE MAUREL, Joaquín (1992), “Orlando Ribeiro, Geógrafo Ibérico”, in *Geografía Y Geógrafos en la España Contemporánea*, Granada, Universidad de Granada, p.189-213.

BOSQUE MAUREL, Joaquín (1992), *Geografía y geógrafos en la España contemporánea*, Granada, Universidad de Granada.

BUTTNER, Anne (1980), *Sociedad y Medio, en la Tradición Geográfica Francesa*, Barcelona, Oikos-Tau, s. a. – ediciones.

CABO ALONSO, Angel (1998), “Orlando Ribeiro, maestro de geógrafos”, *Estudios Geográficos*, Madrid, vol. 59, nº 232, p. 375-388.

CARLOS, Ana Fani Alessandri, /org. (2001), *Ensaio de Geografia Contemporânea Milton Santos: Obra Revisitada*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Hucitec: Imprensa Oficial do Estado.

CLAVAL, Paul (1997), “L'Évolution de quelques concepts de Base de la Géographie, Espace, Milieu, Région, Paysage (1800-1990)”, in *Les Discours du Géographe*, Paris, Editions L'Harmattan, p.89-118.

CLAVAL, Paul (1998), *Histoire de la Géographie Française de 1870 à nos jours*, Paris, Nathan.

Correspondência entre J. Leite de Vasconcellos e Orlando Ribeiro (1931-1941), coordenação Suzanne Daveau, Maria Fernanda Alegria e João Carlos Garcia, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia (no prelo).

DAVEAU, Suzanne (1996), “Bibliografia de Orlando Ribeiro (2ª parte, 1981-1995)”, *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, vol. XXXI, nº 61, p. 87-97.

DAVEAU, Suzanne (2008-a), “Os anos de formação de Orlando Ribeiro”, *Finisterra Revista Portuguesa de Geografia*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, vol. XLIII, nº 85, p. 19-34.

DAVEAU, Suzanne (2008-b), “O Investigador, o Professor Universitário e o Director do Centro de Estudos Geográficos”, *Finisterra Revista Portuguesa de Geografia*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, vol. XLIII, nº 85, p. 85-93.

DAVEAU, Suzanne (2008-c), “O Espólio Científico do Professor Orlando Ribeiro”, *Finisterra Revista Portuguesa de Geografia*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, vol. XLIII, nº 85, p. 123-138.

DENEUX, Jean François (2006), *Histoire de la Pensée Géographique*, Paris, Belin.

DIAS, Jorge (1949), *Minho, Trás-os-Montes, Haut-Douro*, Congrès International de Géographie, Lisboa, Instituto para a Alta Cultura.

ESPANCA, Florbela (1994), *Trocando Olhares*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

FEIO, Mariano (1984), “La rénovation par Orlando Ribeiro de la Géographie au Portugal et les débuts du Centre d'Études Géographiques de Lisbonne”, in *Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro*, vol. I, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, p. 29-35.

FLORIDI, Vincenzo (1969), “La Regione del Vino di Porto”, *Memorie della Società Geografica Italiana*, Roma, vol. XXVIII, p. 121-219.

FREEMAN, T.W. (1980), *A history of modern British geography*, New York, Longman.

FRÉMONT, Armand (1980), *A região, espaço vivido*, Coimbra, Livraria Almedina.

GARCIA, João Carlos (1986), “Os Têxteis no Portugal dos séculos XV e XVI”, *Finisterra Revista Portuguesa de Geografia*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, vol. XXI, nº 42, p. 327-344.

GARCIA, João Carlos (1998), “Orlando Ribeiro (1911-1997): O Mundo à sua procura”, *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, I série, vol. XIV, p. 107-116.

GEORGE, Pierre (1990), *Le Métier de Géographe*, Paris, Armand Colin.

GIL OLCINA, António, GOMÉZ MENDOZA, Josefina (2007), *Geografía de España*, Barcelona, Ariel.

GIRÃO, Aristides de Amorim (1930), *Esbôço duma Carta Regional de Portugal*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra Editora, Lda.

GIRÃO, Aristides de Amorim (1949), *Geografia de Portugal*, 2ª ed., Porto, Portucalense Editora.

GOMES Bernardino Barros (1990), *Cartas Elementares de Portugal para uso das escolas* (Material Cartográfico), introdução Nicole Devy-Vareta, José Resina Rodrigues, João Carlos Garcia, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

GOMÉZ MENDOZA, Josefina; MUÑOZ JIMÉNEZ, Júlio; ORTEGA CANTERO, Nicolás (1988), *El Pensamiento Geográfico*, Madrid, Alianza Editorial.

GOULD, Peter; BAILLY, Antoine (2000), *Mémoires de Géographes*, Paris, Ed. ECONOMICA.

GUERREIRO, Manuel Viegas (1984), “Etnografia e Geografia: Leite de Vasconcellos e Orlando Ribeiro”, in *Livro de homenagem a Orlando Ribeiro*, vol. I, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, p. 63-75.

Guia de Portugal. Trás-os-Montes e Alto Douro (1988), 2ª ed, vol. V, t. II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (1ª edição 1970).

HIGUERAS ARNAL, António M. (2003), *Teoría y Método de la Geografía Introducción al análisis geográfico regional*, Zaragoza, Prensas Universitarias de Zaragoza.

LAUTENSACH, Hermann (1948), *Bibliografía Geográfica de Portugal*, Lisboa, Instituto Para a Alta Cultura, Centro de Estudos Geográficos.

LEMA, Paula Bordalo (1980), *O Alto Douro*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos.

LEMOS, Amália Inês Geraiges de; GALVANI, Emerson org. (2009), *Geografia, tradições e perspectivas: A presença de Pierre Monbeig*, São Paulo, CLACSO, Expressão Popular.

MARTÍNEZ DE PISÓN, Eduardo e ORTEGA CANTERO, Nicolás, org. (2007), *Manuel de Terán, geógrafo (1904-1984)*, Madrid, Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales.

MEDEIROS, Carlos Alberto (1998), *A Geografia no sentir de Orlando Ribeiro*, Lisboa, Ministério da Educação.

MORAIS, Graça Pina de (1991), *A Origem*, 2ª edição, Lisboa, Antígona.

Orlando Ribeiro e as Terras de Idanha (1997), Idanha-a-Nova, Edição Centro Cultural Raiano.

PASCOAL, José Eduardo (2000), *O Douro Internacional: a permeabilidade de uma fronteira natural (1900-1986)*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Dissertação de Mestrado em Geografia – Dinâmicas Espaciais e Ordenamento do Território).

PATRÍCIO, Carlos (1994), “Vergílio Taborda um geógrafo exemplar – Notas biográficas”, *Revista Inforgeo*, Lisboa, nº 7/8, p.137-140.

PIMENTA, José Ramiro (2010), “Portuguese Colonial Geographical Tradition (1926-1974)”, *Africana Studia*, Porto, nº 14, p. 313-322.

PINA, Maria Helena Mesquita (1996), “Algumas reflexões sobre as acessibilidades do Alto Douro”, *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. vol. XII/XIII, p. 73-124.

PINA, Maria Helena Mesquita (2007), “*O Alto Douro: Um Espaço Contrastante em Mutação*”, 4 vols., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

REBELO, Fernando (2008), *A Geografia Física em Portugal na vida e obra de quatro professores universitários. Amorim Girão. Orlando Ribeiro. Fernandes Martins. Pereira de Oliveira*, Coimbra, Minerva Coimbra.

REDOL, Alves (1999), *Porto Manso*, 4ª edição, Lisboa, Caminho;

RIBEIRO, Orlando (1941), “Deslocamentos da População em Portugal. Programa de um estudo”, *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, Universidade de Lisboa, vol. VII, p. 318-325.

RIBEIRO, Orlando (1945), *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Estudo Geográfico*, 1ª ed., Coimbra, Coimbra Editora.

RIBEIRO, Orlando (1946), “Território e População” in *Portugal, Breviário da Pátria para os Portugueses Ausentes*, Lisboa, Edições do SNI (Secretariado Nacional da Informação), p. 1-27.

RIBEIRO, Orlando (1955), “Portugal”, in t. V, *Geografia de España Y Portugal*, Barcelona, Montaner y Simon.

RIBEIRO, Orlando (1957), “A Geografia e a Divisão Regional do País”, in *Ensaio de Geografia Humana e Regional*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, p. 313-324.

RIBEIRO, Orlando (1957-a), “A Geografia e a Divisão Regional do País”, *Problemas de Administração Local*, Lisboa, Centro de Estudos Político-Sociais, p. 239-251.

RIBEIRO, Orlando (1963), *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Esboço de Relações Geográficas*, 2ª ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa.

RIBEIRO, Orlando (1963-a), “Agricultura”, *Dicionário de História de Portugal*, Lisboa, Iniciativas Editoriais, vol. I, p. 60-67.

RIBEIRO, Orlando (1967), “Publicações recentes acerca da Geografia da Península Ibérica. (Primeira Notícia)”, *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, vol. II, nº 3, p. 141-149.

RIBEIRO, Orlando (1967-a), “Materiais para um Atlas Nacional de Portugal”, *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, vol. II, nº 4, p. 276-289.

RIBEIRO, Orlando (1968), *Mediterrâneo. Ambiente e Tradição*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

RIBEIRO, Orlando (1970), *Ensaios de Geografia Humana e Regional*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.

RIBEIRO, Orlando (1972), “Localização e destino dos centros urbanos de Trás-os-Montes”, *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, vol. VII, 13, p. 46-70.

RIBEIRO, Orlando (1977), *Introduções Geográficas à História de Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

RIBEIRO, Orlando (1979), “Significado Ecológico, Expansão e Declínio da Oliveira em Portugal”, *Separata do Boletim do IAPO*, vol. VII, nº 2, p. 3-72.

RIBEIRO, Orlando (1986), *Iniciação em Geografia Humana*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.

RIBEIRO, Orlando (1987), “Entre-Douro-e-Minho”, *Revista da Faculdade de Letras - Geografia*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. III, p. 5-11.

RIBEIRO, Orlando (1989), *Opúsculos Geográficos, II - Pensamento Geográfico*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

RIBEIRO, Orlando (1989-a), *Opúsculos Geográficos, I - Síntese e Método*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

RIBEIRO, Orlando (1990), *Opúsculos Geográficos, III - Aspectos da Natureza*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

RIBEIRO, Orlando (1991), *Opúsculos Geográficos, IV – O Mundo Rural*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

RIBEIRO, Orlando (1994), *Finisterra, Coimbra*, Encontros de Fotografia.

RIBEIRO, Orlando (1994-a), *Opúsculos Geográficos, V - Temas Urbanos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

RIBEIRO, Orlando (1995), *Opúsculos Geográficos, VI - Estudos Regionais*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

RIBEIRO, Orlando (1995-a), *Introdução ao estudo da Geografia regional*, Lisboa, Editora Sá da Costa.

RIBEIRO, Orlando (1998), *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico. Esboço de Relações Geográficas*, 7ª ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.

RIBEIRO, Orlando (2001), "Paisagens, Regiões e Organização do Espaço", *Finisterra Revista Portuguesa de Geografia*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, vol. XXXVI, nº 72, p. 27-35.

RIBEIRO, Orlando (2002), "Os percursos de Orlando Ribeiro e Mariano Feio até aos começos do Centro de Estudos Geográficos", *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, vol. XXXVII, nº 73, p.109-117.

RIBEIRO, Orlando (2003); *Memórias de um Geógrafo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.

RIBEIRO, Orlando (2008), "Propósitos e Projectos da Minha Carreira de Geógrafo", *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, vol. XLIII, nº 85, p. 101-107.

RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Hermann; DAVEAU, Suzanne (comentários e actualizações), (1987-1991), *Geografia de Portugal*, 4 vols., Lisboa, Edições João Sá da Costa.

ROBIC, Marie-Claire (2000), *Le Tableau de la Géographie de la France de Paul Vidal de La Blache. Dans les labyrinthe des formes*, Paris, Ed. Du CTHS.

ROSEIRA, Maria João Queiroz (1973), "A Região do Vinho do Porto." *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia*, Lisboa, vol. VIII, nº 15, p.116-129.

ROSEIRA, Maria João Queiroz (1981), *Lamego. Um Passado Presente*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos.

SCHULTEN, Adolf (1959), *Geografia y Etnografía Antiguas de La Peninsula Iberica*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto "Rodrigo Caro" de Arqueologia.

SIMÃO, José Veiga (2008), "Orlando Ribeiro, a Universidade e o espírito científico", *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, vol. XLIII, nº 85, p. 57-65.

STANISLAWSKI, Dan (1970), *Landscapes of Bacchus. The Vine in Portugal*, Austin, University of Texas Press.

TABORDA, Vergílio (1932), *Alto Trás-os-Montes. Estudo Geográfico*, Coimbra, Imprensa da Universidade.

TORGA, Miguel (1994), *Vindima*, 5ª edição, Coimbra, Dom Quixote.

VASCONCELOS, Aurelina Moreira de (2007), *Douro Litoral: criação, apogeu e extinção de uma província portuguesa (1936-1959)*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, (Dissertação de Mestrado Estudos Locais e Regionais).

WILDER, Kelley Elizabeth (2009), *Photography and Science*, London, Reaktion Books Ltd.

Fontes disponíveis em formato electrónico

Site oficial do Professor Orlando Ribeiro

<http://www.orlando-ribeiro.info/home.htm>

ANEXOS

ANEXO I – Tabela Comparativa

Tabela 1. Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Comparação de Conteúdos Relativos ao Alto Douro nas 1ª, 2ª e 7ª Edições

| 7ª Edição | | 2ª Edição | | | 1ª Edição | |
|---|----------------------------|----------------------------|--------------------------------|--------|-----------|----------------|
| Citação | Capítulo | Tema | Sub-tema | Página | Página | Página |
| Muitas vezes a superfície arável é uma verdadeira criação do homem [...]: assim se fez o Douro do vinho do Porto. | I - O Mundo Mediterrâneo | Os Modos de Vida | A Agricultura | 10-11 | 14 | Sem referência |
| O calor de Verão que, naturalmente, aumenta do Norte para o Sul ao longo da costa, domina no interior, tornando-se ardente no Vale do Douro e dos seus afluentes. | II - Portugal Mediterrâneo | Elementos naturais | Calor e Secura | 45-46 | 51 | 69 |
| O chamado carvalho português ou cerquinho [...] distribui-se nos vales orientais do Douro. | II - Portugal Mediterrâneo | Elementos naturais | O Manto Vegetal | 48 | 55 | 74-75 |
| É a Terra Quente dos afluentes orientais do Douro, com sobreiros, oliveiras, laranjeiras, figueiras e amendoeiras. | II - Portugal Mediterrâneo | Elementos naturais | O Manto Vegetal | 51 | 59 | 80 |
| Opõem-se no Inverno e na Primavera cheias que podem alcançar 20.m no Douro. | II - Portugal Mediterrâneo | Elementos naturais | Calamidades Naturais | 52 | 60 | 82 |
| O Douro oriental e seus afluentes conheceram o sezonismo no estado de endemia latente. | II - Portugal Mediterrâneo | Elementos naturais | Calamidades Naturais | 54 | 61 | 84 |
| O Norte e certos territórios do Centro [...] foram mais lentos do que o Sul em receberem o jugo e influxo romanos. [...] Não se conhecem, ao Norte do Douro, nenhuns vestígios materiais da presença dos mouros. [...] Os mouros cedo abandonaram a Galiza e os confins do Douro. | II - Portugal Mediterrâneo | Influências de Civilização | Influências de Civilização | 56-57 | 64-65 | 89-90 |
| A cultura levou a árvore a toda a parte e acomodou-a a todos os solos e dimas; mas é visível a preferência dela pelos [...] vales do Douro e do Tua. | II - Portugal Mediterrâneo | Economia e Vida Agrária | Culturas Arbustivas e Arbóreas | 70 | 76 | 106 |

NOTA: As citações destacadas na tabela correspondem a diferenças encontradas nas várias edições analisadas.

Tabela 1. Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Comparação de Conteúdos Relativos ao Alto Douro nas 1ª, 2ª e 7ª Edições (cont.)

| 7ª Edição | | | | | 2ª Edição | | 1ª Edição | |
|--|----------------------------|-------------------------|--------------------------------|--------|-----------|--------|-----------|--|
| Citação | Capítulo | Tema | Sub-tema | Página | Página | Página | Página | |
| No Douro, em encostas que até aí só davam mato bravo, começou, no século XVII, a levantar-se a escadaria de geios ou socalcos. [...] No Alto Douro, acodem à vindim a grandes rogas de gente das pobres serranias que o rodeiam. | II – Portugal Mediterrâneo | Economia e Vida Agrária | Culturas Arbustivas e Arbóreas | 72 | 78 | 109 | | |
| O bardo, vulgar no Douro, consiste em fios de apoio que permitem apenas a expansão lateral dos ramos. [...] Na comarca de Riba Douro, em 1372, já o mais do vinho que se colhia era das videiras enlaçadas nos ulmeiros. [...] Duas áreas se distinguem na viticultura portuguesa: uma abrange os lugares ao sul do Vouga, e a Terra Quente do Douro e dos seus afluentes menos occidentais – a dos vinhos maduros e generosos; outra, cobre o Noroeste atlântico, com o Douro inferior e os vales do Tâmega e do Paiva, e ilhas na Terra Fria transmontana (Miranda por exemplo) e nas serranias do Zêzere. | II – Portugal Mediterrâneo | Economia e Vida Agrária | Culturas Arbustivas e Arbóreas | 73 | 79 | 110 | | |
| Apenas o tracto mais oriental do Alto Douro se pode comparar ao Algarve. | II – Portugal Mediterrâneo | Economia e Vida Agrária | Culturas Arbustivas e Arbóreas | 74 | 80-81 | 111 | | |
| Os socalcos, depois de aplicados a culturas de sequeiro que se expandiram em data mais recente: as vinhas do Douro. | II – Portugal Mediterrâneo | Economia e Vida Agrária | Regas e Culturas de Regadio | 77 | 84 | 117 | | |
| As serras ao norte do Douro, onde se criam muitas reses bovinas. | II – Portugal Mediterrâneo | Os Gados e o Pastoreio | Os Gados e o Pastoreio | 90 | 97 | 136 | | |
| A <i>invernada</i> dura até ao fim de Março e faz-se nos <i>coiços</i> de vinha do Douro. | II – Portugal Mediterrâneo | Os Gados e o Pastoreio | Os Gados e o Pastoreio | 91 | 98 | 138 | | |
| A vertente transmontana é notavelmente mais seca e, para oriente, ao longo dos vales do Douro e dos seus afluentes, as influências oceânicas são batidas pela secura interior. | III – Portugal Atlântico | Natureza e Tradição | O Oceano, Regulador do Clima | 102 | 112 | 154 | | |

Tabela 1. Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Comparação de Conteúdos Relativos ao Alto Douro nas 1.ª, 2.ª e 7.ª Edições (cont.)

| 7.ª Edição | | | 2.ª Edição | | | 1.ª Edição | |
|--|--------------------------------------|------------------------|--|--------|--------|----------------|--|
| Citação | Capítulo | Tema | Sub-tema | Página | Página | Página | |
| No isolamento das suas serranias e vales profundos, os lusitanos, que principalmente demoravam entre o Douro e o Tejo, pouco devem ao convívio mediterrâneo e quase nada ao mar a que voltaram costas. | III – Portugal Atlântico | Natureza e Tradição | «Onde a Terra se Acaba e o Mar Começa» | 106 | 116 | Sem referência | |
| Nos entalhes do Douro e dos seus afluentes de leste reaparecem elementos da vegetação algarvia cultivada. O que se disse da vida rural mostra muitas analogias entre o sertão de além-Douro e a planura alentejana. | IV – Variedade e Unidade de Portugal | Factores de Unificação | Disposições Naturais | 133 | 150 | 205 | |
| Ao norte do Tejo ficava a terra dos lusitanos e ao norte do Douro a dos galaicos, aparentados com eles na rudeza e na bravura com que resistiram às armas romanas. | IV – Variedade e Unidade de Portugal | Factores de Unificação | Raízes Antigas | 134 | 151 | 208 | |
| As mais antigas crónicas são dadas: Afonso I das Astúrias, ao levar até ao Douro as armas cristãs vitoriosas, <i>ermou</i> as terras que conquistara, mandando passar à espada os mouros e trazendo consigo os cristãos. | IV – Variedade e Unidade de Portugal | Factores de Unificação | A Reconquista e a Formação do Estado | 135 | 152 | 209 | |
| É, com efeito, à roda de uma pequena cidade do Noroeste, Portucale, junto à foz do Douro e na sua margem direita, que vai aglutinar-se o corpo político donde sairá o Estado português. | IV – Variedade e Unidade de Portugal | Factores de Unificação | A Reconquista e a Formação do Estado | 136 | 152 | 211 | |
| As vindimas do Douro requerem, durante algumas semanas, uma concentração de trabalho que a população local não basta a assegurar: a quem então <i>rogas</i> das terras altas das margem do rio. | IV – Variedade e Unidade de Portugal | Factores de Unificação | Deslocamentos da População | 139 | 157 | 216 | |

Tabela 1. Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Comparação de Conteúdos Relativos ao Alto Douro nas 1ª, 2ª e 7ª Edições (cont.)

| 7ª Edição | | | | 2ª Edição | | 1ª Edição | |
|--|--------------------------------------|---|---------------------------------|-----------|--------|----------------|--|
| Citação | Capítulo | Tema | Sub-tema | Página | Página | Página | |
| Nem sempre regiões tradicionais ou circunscrições administrativas coincidem com divisões geográficas. [...] A maioria dos limites geográficos há-de passar, portanto, ora no contorno das massas de relevo, onde elas se degradam ou fundem na terra baixa, ora no interior das bacias fluviais, onde se apaga a influência dos « rios que unem ». | IV - Variedade e Unidade de Portugal | Fundamentos da Divisão Regional | Fundamentos da Divisão Regional | 140-141 | 159 | Sem referência | |
| Vila Nova de Gaia (50 000 habitantes) [...] possui todos os armazéns onde se prepara, com misturas sábias das melhores colheitas, juntandolhe aguardente do Douro, o vinho do Porto. | IV - Variedade e Unidade de Portugal | Divisões Fundamentais da Terra portuguesa | Fundamentos da Divisão Regional | 146 | 160 | Sem referência | |
| Os planaltos e montanhas de um e de outro lado do Douro são em tudo semelhantes. Separa-os o vigoroso entalhe aberto pelo rio e prolongado nos seus afluentes por bacias de abatimento. Diferença de altitude, diferença de clima, que as expressões <i>Terra Fria</i> e <i>Terra Quente</i> tão bem evidenciam. [...] Mas foi o homem, transformando, a partir do século XVII, os matagais que cobriam as vertentes do Douro nos vinhedos onde se cria o <i>porto</i> , e difundindo, depois da filoxera, a oliveira e a amendoeira em todas as baixas, que trouxe o maior reforço à meridionalidade da região. [...] Uma única aglomeração importante - a Régua (5000 habitantes) - serve de centro à região. As <i>quintas</i> , com instalações para os donos e visitantes que ocorrem à vindima, adegas e armazéns, a <i>cardenha</i> dos trabalhadores temporários, alguns lugares cerrados, nas rechãs que acompanham o Douro e os afluentes, salpicam irregularmente as mandias de vinhedo e dão ao povoamento um carácter original. Ao longo do rio, nas residências das quintas e nas casas das vilas, é manifesta a influência do estilo urbano do Porto, com as casas escuras, azuladas ou pintadas de cores vivas e em parte revestidas de lousa. | IV - Variedade e Unidade de Portugal | Divisões Fundamentais da Terra portuguesa | O Norte Transmontano | 150-151 | 164 | 226-227 | |

ANEXOS II – Cadernos de Campo

Caderno 27, 1943, p. 14

Macedo – rodeado de olivais

Sª de Bornes – como a de Nogueira mas ao longo do vale de Burga chegam influências meridionais – sobreiros na encosta até 1100m lado SO, um pinheiro manso a 800 m. Culturas de campos de centeio até ao cimo ou quase.

Ao longo do vale de Burga se

*Macedo - rodeado de olivais
Sª de Bornes - como a de Nogueira
mas ao longo do vale de Burga
chegam infl. meridionais - sobreiros
na encosta até 1100m
lado SO, um pinheiro manso
a 800 m. Culturas de campos
de centeio até ao cimo
ou quase.
Ao longo do vale de Burga se*

1943

Caderno 27, 1943, p. 15

vai à Vilarça – Trindade ainda serra – S. Comba – laranjas e oliveiras, horta, vinha.

Vilarça – 1) Terras fundas ("onde não há uma pedra que se atire a um cão") muito férteis dão 3 renovos no ano (trigo de verão, milho, feijão – são alagadas todos os anos pela cheia do Douro. 2) Terraços de aluvião ou rocha e pedaços do fundo não aluvial – economia ainda Transmontana – com muito olival, cereal e pasto em afolhamento, vinha (vinho fino, bardos) e raras culturas

*vai à Vilarça - Trindade ainda
serra - S. Comba - laranjas
& oliveiras, horta, vinha.
Vilarça - 1) Terras fundas ("onde
não há uma pedra que se atire
a um cão") muito férteis dão 3
renovos no ano (trigo de verão,
milho, feijão - são alagadas
todos os anos pela cheia do Douro
2) Terraços de aluvião ou rocha
& pedaços do fundo não aluvial -
economia ainda Transmontana -
com muito olival, cereal e pasto
em afolhamento, vinha (vinho
fino, bardos) e raras culturas*

Caderno 27, 1943, p. 16

mimosas.

As povoações compactas dispõem-se aos lados do vale, nas encostas e no fundo, em terraços, apenas algumas quintas.

Douro - Quintas destinadas à grande produção, Quinta Antónia Ferreira plantou uma vinha em 1887, geios e escavas, armazéns e adegas, boas casas tipo fidalgo, com capela, etc.

No esporão pp do meandro a juz. do Pocinho há vestígios de geios, hoje abandonados a mato.

Vegetação do vale do Douro:

nas minúsculas.
As pov. compactas dispõem-se
aos lados do vale, nas encostas
e no fundo, em terraços, ape-
nas algumas quintas.
Douro - Quintas destinadas à
gr. produção, Q. Ant. Ferreira
plantou uma vinha em 1887
em geios e escavas, armazéns
e adegas, boas casas tipo
fidalgo, com capela, etc.
No esporão pp do meandro a
juz. do Pocinho há vestígios de
geios, hoje abandonados a mato
Vegetação do vale do Douro:

Caderno 27, 1943, p. 17

giesta, parece faltar a esteva, abrótea (asphodelus lusitânica), não vimos medronheiros.

Sítios de terraço como no Zêzere p. as povoações.

Grandes plantações de olival e parece também amendoeira.

Campos Transmontanos - não ou raramente complantados de carvalho e castanheiro na Terra fria, oliveiras na Terra quente. A cultura excepto nos vales Vilarça e Douro é feita como na Beira Baixa à roda das povoações. Varejo e não apanha à mão.

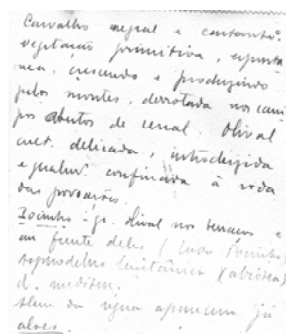
giesta, parece faltar a esteva,
abrótea (asphodelus lusitânica)
não vimos medronheiros.
Cebos de terraço como no Zêz.
Sítios de terraço como no Zêz.
Grandes plantações de olival e
parece tb. amendoeira.
Campos TM - não ou raramente
complantados de carv. e cast.
na Terra fria, oliveiras na
T. quente. A cult. excepto no
vale Vilarça e Douro é feita
como na Beira Baixa à roda das
povoações. Varejo de terraço e
não apanha à mão.

Caderno 27, 1943, p. 18

Carvalho negral e castanheiro. Vegetação primitiva, espontânea, crescendo e produzindo pelos montes, derrotada nos campos abertos de cereal. Olival, cultura delicada, introduzida e geralmente confinada à roda das povoações.

Pocinho – grande olival nos terraços e em frente deles (lado Pocinho). *Asphodelus lusitânica* (abrétea), cl. mediterr.

Além da régua aparecem já aloes.



Carvalho negral e castanheiro: vegetação primitiva, espontânea, crescendo e produzindo pelos montes, derrotada nos campos abertos de cereal. Olival, cultura delicada, introduzida e geralmente confinada à roda das povoações. Pocinho - gr. olival nos terraços e em frente deles (lado Pocinho) *Asphodelus lusitânica* (abrétea) cl. mediterr. Além da régua aparecem já aloes.

Caderno 55, 1963, p. 60 a

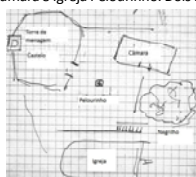
Excursão 26-VII-63

Portas de Ródão (2) – 8

Descida em degrau do planalto de Sabugal para Cova da Beira, S. Cornélio.

Sortelha – +/- 40 fogos na vila, mais de 100 no Arrabalde.

Rua Direita – da ponta do cemitério, ao longo da Câmara e Igreja Pelourinho. Dois negrilhos, um



Caderno 55, 1963, p. 60 b

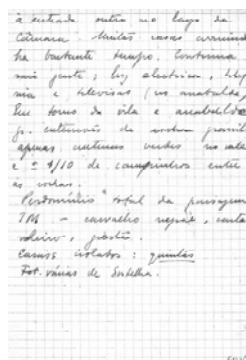
à entrada, outro no largo da Câmara. Muitas casas arruinadas há bastante tempo. Continua a sair gente; luz eléctrica, telefonia e televisão (no arrabalde).

Em torno da vila e arrabalde grandes extensões de granito, apenas culturas verdes no vale e mais ou menos 1/10 de campinhos entre as rochas.

Predomínio total da paisagem transmontana – carvalho negral, castanheiro, giesta.

Casais isolados: quintas

Fot. várias de Sortelha.



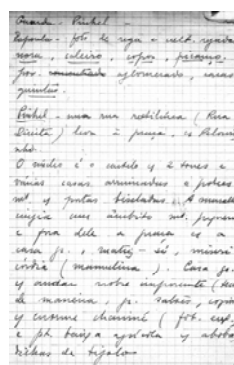
Caderno 55, 1963, p. 61 a

Guarda – Pinhel

Rapoula – fotos de rega e culturas regadas, nora, caleiro, copos, picanço. Povoamento aglomerado, raras quintas.

Pinhel – uma rua rectilínea (Rua Direita) leva à praça, com Pelourinho.

O núcleo é o castelo com duas torres e várias casas arruinadas e pobres, muitas com portas biseladas. A muralha cingia um âmbito muito pequeno e fora dele a praça com a casa grande, Matriz-Sé, Misericórdia (manuelina). Casa grande com andar nobre imponente (tectos de maneira, grandes salões, cozinha com enorme chaminé (fot.) e parte baixa agrícola com abobadinhas de tijolo.



Caderno 55, 1963, p. 61 b

Na Praça, pelourinho de gaiola e várias casas brasonadas. Beiras salientes com caleiros (= algerozes) salientes.

Alguns negrilhos, tilias e outras árvores frondosas no centro urbano. Vila mista, pequeno comércio.

Freixeda do Torrão

Quatro malhadeiras na terra, muitos trabalham para fora (4%).

Lavram com burros e muares, raras vacas. A malhadeira deixa boa a palha de centeio e trilha a de trigo.

Arado radial, horta (e nabal), linhar é desconhecido.

Duas folhas: barbeito, pão

a) decruar, b) vimar, c) engomar, segar (conhecem ceifar).



Caderno 55, 1963, p. 62 a

Uma terra à roda do povo, uma sorte na serra.

Povo, quinta isolada

Não há rebanho nem pastos comuns

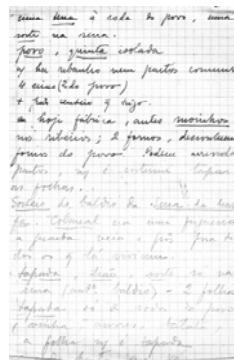
Quatro eiras (duas do povo)

Mais pão de centeio do que trigo

Hoje fábrica, antes moinhos nos ribeiros; dois fornos, desconhecem fornos do povo. Podem arrendar pastos, não é costume tapar as folhas.

Sorteio do baldio da Serra da Marofa. Colmeal era uma freguesia. A guarda veio e pôs fora todos os que lá viviam.

Tapada, dião, sorte só na serra (antigo baldio) – duas folhas tapadas só à roda do povo (vinha, árvores, batata, a folha não é tapada e o gado pasta em várias).



Caderno 55, 1963, p. 62 b

terras há muita folha, mas arrenda os bocados ao lado.

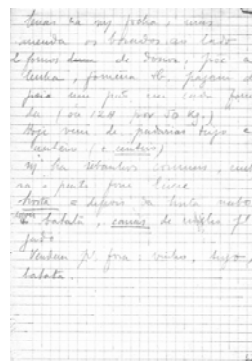
Dois fornos de donos, põe a lenha, fomeira também pagam de jóia um pão em cada fornada (ou 12\$ por 50 Kg).

Hoje vem de padarias trigo e centeio (mais centeio).

Não há rebanhos comuns, embora o pasto fosse livre.

Horta = depois da tinta, nabo, depois batata, canas de milho para gado.

Vendem para fora: vinho, trigo, batata.



Caderno 55, 1963, p. 63 a

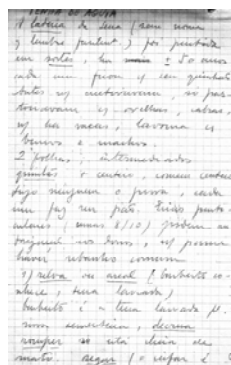
PENHA DE ÁGUA

A ladeira da Serra (sem nome que lembre facilmente) foi partida em sortes, há mais ou menos 50 anos cada um ficou com o seu quinhão. Antes não cultivavam, só pastoreavam com ovelhas, cabras, não há vacas, lavoura com os burros e machos.

Duas folhas, intermediadas quintas, mais centeio, comem centeio, trigo ninguém o prova, cada um faz o seu pão. Eiras particulares (umas 8/10) pedem autorização aos donos, não parece haver rebanho comum.

- 1) Relva ou areal (barbeito conhece, terra lavrada)

barbeito é a terra lavrada para nova sementeira, decrua, romper se está cheia de mato. Segar (=ceifar é



Caderno 55, 1963, p. 63 b

foice (conhecem mas não usam seitoria).

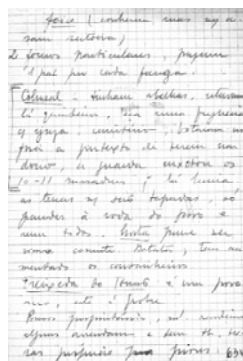
Dois fornos particulares, pagam um pão por cada funga.

Colmeal - tinham abelhas, estavam lá quinteiros, era uma freguesia com igreja, cemitério; botaram-nos fora a pretexto de terem um dono; a guarda enxotou os 10-11 moradores que lá havia.

As terras não são tapadas, só paredes à roda do povo e nem todos. Horta parece ser nome corrente. Batata; tem aumentado os castanheiros.

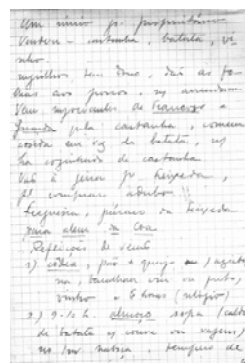
Freixeda do Torrão é um povo rico, este é pobre.

Poucos proprietários, muitos rendeiros, alguns arrendam e têm também terras próprias pobres.



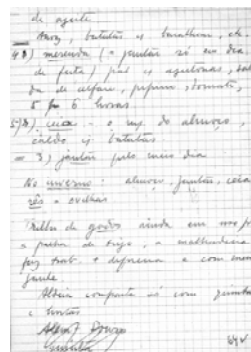
Caderno 55, 1963, p. 64 a

Um único grande proprietário.
 Vendem – castanha, batata, vinho.
 Negrilhos têm dono, dão as folhas aos porcos.
 Não arrendam. Vêm negociantes de Trancoso e Guarda pela castanha, comem cozida em vez da batata, não há cozinhado de castanha.
 Vão à geira p/ Freixeda, para comprar adubo.
 Freguesia, pároco da Freixeda para além da Coa.
 Refeições de verão:
 1) côdea, pão e queijo, uma azeitona, bacalhau cru ou frito, vinho – 6 horas (relógio)
 2) 9-10h. almoco sopa (caldo de batata com couve ou vagens) não tem nabiça, tempero de



Caderno 55, 1963, p. 64 b

de azeite
 Arroz, batatas com bacalhau, etc.
 4) merenda (= jantar só em dia de festa) pão com azeitonas, salada de alface, pepino, tomate, 5/6 horas
 5) ceia – o mesmo do almoço, caldo com batatas.
 3) jantar pelo meio-dia.
 No inverno: almoço, jantar, ceia.
 rês = ovelhas
 Trilho de gados ainda em uso para a palha de trigo; a malhadeira faz trabalho mais depressa e com menos gente.
 Aldeia compacta só com quintais e hortas.



Caderno 55, 1963, p. 65 a

Castelo Rodrigo – folha de relva e barbeito (de lavoura), as folhas têm vários nomes de lugares, divididas em vários prédios. Semeiam sempre no mesmo lado da folha, não é bom semear desafolhado (comem-no a caça e os pastores).

Quase todos têm terras, de renda ou deles.

Lavoura daqui é centeio.

Eiras do povo uma única.

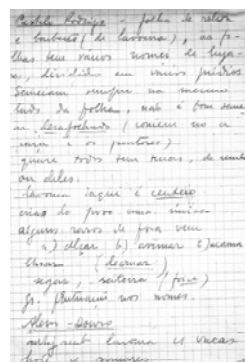
Alguns raros de fora vêm:

a) alçar; b) avimar; c) acamalhoar (decruar), segar, seitoria (foice).

Grandes flutuações nos nomes.

Além-Douro

Antigamente lavoura com vacas, hoje com muare



Caderno 55, 1963, p. 65 b

Arado radial e a de caniba (de garganta).

Arado de aricar, ou sem aivecas ou tiram-lha.

1) decruar (rachar a goma), Fev./Mar.

2) atracar, Abr./Maio

3) cortas

4) acamalhoa (Ag./Set.)

5) agradeia-se

6) depois racha-se o rego

7) aricar, 1-2 meses

Trigo – Out. – Junho fim (S. João)

Centeio – pega-se pelo centeio e segue-se o trigo; segar primeiro o centeio.

O trigo é mais forte.

Restolho.



Caderno 55, 1963, p. 66 a

Abarbeitar, barbeito é o que está lavrado para semear em Outubro.

Devesa pública, para pasto dos gados de cada povo. Dividida há mais de 80 anos em sortes dum e doutro lado do caminho público, dois para cada vizinho, ainda hoje com o aspecto de campos alongados.

Terra (na folha) só com malhão

Tapada

Sorte só quando foi dividido cada sorte leva 12 alqueires (três fanegas) de sementeira.

Fanega = quatro alqueires medida da terra (alqueire = 16 litros = 12,5 Kg)

Eiras do povo: 29 Set. (S. Miguel) até S. João – arrendam as hervagens para as ovelhas, só pastam mas não cortam.

Abbarbeitar, barbeito é o que está lavrado para semear em Outubro.
Devesa pública, para pasto dos gados de cada povo. Dividida há mais de 80 anos em sortes dum e doutro lado do caminho público, dois para cada vizinho, ainda hoje com o aspecto de campos alongados.
Terra (na folha) só com malhão
Tapada
Sorte só quando foi dividido cada sorte leva 12 alqueires (três fanegas) de sementeira.
Fanega = 4 alq. medida da terra (alqueire = 16 litros = 12,5 Kg)
Eiras do povo: 29 Set. (S. Miguel) até S. João – arrendam as hervagens para as ovelhas, só pastam mas não cortam.

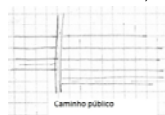
Caderno 55, 1963, p. 66 b

Outra devesa de Vilar Torpim também dividida em sortes.

As hervagens arrendadas a quem mais dá, só lá mete o seu gado (1,2 – 1500 arrematação).

Devesa da Vila (de Castelo Rodrigo) dividida em sortes de três fanegas, mais ou menos 40 regos, quando dividem pelos filhos em sempre em tiras paralelas; hoje a maior parte dos donos são da Figueira.

Antes tinha mais horta, hoje trigo.



Outra devesa de Vilar Torpim também dividida em sortes.
As hervagens arrendadas a quem mais dá, só lá mete o seu gado (1,2 – 1500 arrematação).
Devesa da Vila (de Castelo Rodrigo) dividida em sortes de 3 fanegas e 40 regos, quando dividem pelos filhos em sempre em tiras paralelas; hoje a maior parte dos donos são da Figueira.
Antes tinha mais horta, hoje trigo.

Caderno 55, 1963, p. 67 a

Almeida

Feira exterior. Campo dos Bois onde também fazem eira; Enxido, eiras e onde depois podem apascentar gado. Mercado no interior, Rua Direita.

Arrabalde: Sto. António (de Cima), S. Francisco (de Baixo) (do Enxido).

Rua Direita vai ter à muralha mas não tem saída, mas dá para o caminho da ronda.

[Casa com corredor que dá para os palheiros (pátio)]

A R. Direita leva ao largo da Câmara (largo da Principal) – Travessa da Principal. (Traçado encurvado da R. Dta.)

Torre do relógio isolada e no ponto mais alto.

O gado (muales, burros, cavalos) vem para as casas no interior da vila; só os rebanhos não entram.



Caderno 55, 1963, p. 67 b

A Rua do Comércio é mais estreita e vagamente paralela. Igreja sem nenhum largo importante. A muralha não alterou a estrutura da vila mas cingiu-a (como Elvas, Campo Maior, etc.).

Escarigo – Tinha duas devesas, a primeira foi partida há mais de 90 anos, a segunda em 1895, deixaram um vale para fazer a eira (Rebolar).

Invernadouro – ovelhas

Primavera – muar, boi

Junto ao vale onde se tira o pão há os quadros (dois alqueires)

As sortes (duas fanegas)

O povo resolveu partir, os ricos tinham muita criação, não queriam partir. O gado vacum faz mais despesa por isso tem mudado para muar.

Segar, copos, burros



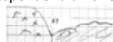
Caderno 55, 1963, p. 68 a

- 1) alçar, 2) cortar, 3) camalhoar (decruar) (por de goma)
 a) barbeito, b) restolho
 Folha de negrilho juntam à vianda do porco, mas também é árvore de sombra.

Escalhão – povoação grande, quase vila (iluminação pública, grande igreja, casas boas, ainda no planalto mas com muita vinha e olival; a última grande aldeia antes das quintas do Douro).



Estrada Figueira de Castelo Rodrigo – Pinhel. O contacto g (grés) xisto parece desnivelado demais para ser apenas de erosão; poderia corresponder a uma rejeição de bloco grés.



Caderno 55, 1963, p. 68 b

Souto Pires

Grande aldeia vinhateira; o maior produtor – armazenista. 2500 litros (1000 dele).

- 1) batata – plant. 2º/Abril, 1º/Maio, regada 5/6 dias de intervalo, arrancam fim Ag./Set. rotação com
- 2) trigo – Nov./Julho 1º, ceifar (também segar), mais centeio que trigo e pão dele, trigo só na batata
- 3) No restolho do trigo milho para forragem (só) ou nabal
- 4) batata.

Batata de Montalegre e 5ª de Leomil (a outra estrangeira certificada porque aquela não é boa). Lameiros na Primavera naturais (só com chuva não se faz cultura, só um



Caderno 55, 1963, p. 69

Corte (Maio/Junho), depois retomo onde o gado pasta directamente. Guardam-se a 10 de Março para não entrar o gado e dar feno.

Burro, picanco, nora com burros ou muares, canecos (copos) pedreiros da terra.

Corco para transporte da pedra (zorra).

Souto Pires - um pouco antes, limite muito brusco de paisagem.

Lameiros naturais, árvores esparsas ou em bosquezinhos de carvalho negral, manchas de castanheiro, muito verde do batatal e milho para gado, giesta negral (não bojo), povoamento ainda muito aglomerado. Arquitectura de granito, tratado em grandes blocos de bela esquadria. Poços com nora e picota (haste de pedra).



... (Maio/Junho), depois do-
... onde o gado pasta directa-
... Guardam-se a 10 de Março
... para não entrar o gado e dar
... feno.
... Burro, picanco, nora e muares,
... canecos (copos) pedreiros da terra.
... Corco para transporte da pedra (zorra).
... Souto Pires - um pouco antes, limite
... muito brusco de paisagem.
... Lameiros naturais, árvores esparsas
... ou em bosquezinhos de carvalho
... negral, manchas de castanheiro,
... muito verde do batatal e milho
... para gado, giesta negral (não bojo),
... povoamento ainda muito aglomerado.
... Arquitectura de granito, tratado em
... grandes blocos de bela esquadria.
... Poços com nora e picota (haste de
... pedra).

Caderno 58, 1966, p. 69

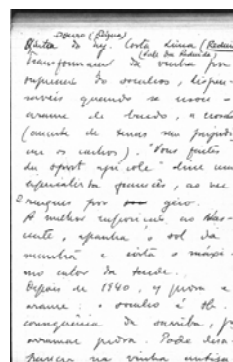
Douro (Régua)

Quinta do Eng. Costa Lima (Reduída, Vale da Reduída)

Transformação da vinha por supressão dos socalcos, dispensáveis quando se usou – arame de bardo, a erosão (amante de terras sem prejudicar os cachos. "Vous faites du suport agricole" disse um especialista francês, ao ver dois renques por geio.

A melhor exposição ao Nascente, apanha o sol da manhã e evita o máximo calor da tarde.

Depois de 1940, com pedra e arame: o socalco é também consequência da arriba, para arrumar pedra. Pode desaparecer na vinha antiga.



Caderno 58, 1966, p. 70 a

Vinha armada em bardo antes de madeira, hoje de arame.

Oliveiras que segundo ele se dão mal, plantadas pelo avô há 80 anos.

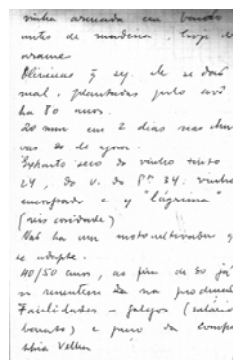
20 mm em dois dias nas chuvas de agora.

Extracto seco do vinho tinto dois copos, do vinho do Porto três copos: vinho encorpado e com "lágrima" (mais consistente).

Não há um motocultivador que se adapte.

40/50 anos, ao fim de 30 já se ressentem na produção.

Facilidades – galegos (salário barato) e preço da Companhia Velha.



Caderno 58, 1966, p. 70 b

Pulverização do sulfato cinco ou seis vezes.
 Uma fábrica de bagaço de azeitona.
 60 000 videiras, 60 pipas.
 550 litros, 1,20 / 1,30 distância das videiras.
 Grande mais de 100 pipas.
 80% das propriedades tem menos de dez pipas.
 O pé do homem evita a dissolução da matéria corante mas a emulsão de aguardente dissolve a matéria corante.
 Autovinificador com 1/10 da mão-de-obra do lugar (dois homens em vez de 20).
 Lagar – acima de 50-100

*Autovinificação de sulfato 5/6
 vezes.
 Uma fábrica de bagaço de azei-
 tonas.
 60.000 videiras, 60 pipas
 550 litros, 1,20/1,30 distância
 das videiras
 Grande + de 100 pipas
 80% das propriedades tem menos
 de 10 pipas
 O pé do homem evita a dissolu-
 ção da matéria corante mas a
 emulsão de aguardente dissolve
 a matéria corante.
 Autovinificador com 1/10 da
 mão de obra do lugar (20
 em vez de 20)
 Lagar - acima de 50-100*

Caderno 58, 1966, p. 71 a

pipas vale a pena.
 Hoje é essencial a estrada: carrinha que leva 12 cestos, 3x12 faz a vindima.
 [Muito importante: a vinha inicial só poderia ser em socalcos.]
 Do lagar ia o vinho encanado em tubos de granito (com um furo (feito pelo avô há 120 anos).



1 palmo + 1 mão trav.

tonel¹, cuba², pipa
 1/2 – a mesma função.
 Tonel de 23 pipas, 24, 25.
 De Fev. / Abril vai para V. N. Gaia.
 Carvalho melhor que castanho mas muitos têm-nos de mogno.
 Vinho fino diz ele ainda

*pipas vale a pena
 Hoje é essencial a estrada: carrinha que leva 12 cestos, 3x12 faz a vindima
 [Muito importante: a vinha inicial só poderia ser em socalcos.]
 Do lagar ia o vinho encanado em tubos de granito (com um furo (feito pelo avô há 120 anos).
 tonel¹, cuba², pipa
 1/2 – a mesma função.
 Tonel de 23 pipas, 24, 25
 De Fev. / Abril vai para V. N. Gaia.
 Carvalho melhor que castanho mas muitos têm-nos de mogno
 Vinho fino diz ele ainda*

Caderno 58, 1966, p. 71 b

O vinho envelhecido em garrafa (à francesa), por redução; em casco é oxigenado pela porosidade da madeira, fendas, etc. considerados melhores.

Vintage, engarrafamento apreciado pelos Ingleses (100 garrafas cada ano, há 22 anos que está juntando o que considera melhor).

Quinta Rueda

Lágrimas (suco doce), mosto (fermentado).

Cubas de cimento (argelinas) para fermentação, já fizeram 2/3/4 vindimas. Uma válvula autovinificadora faz a emulsão semelhante ao pé do homem.

O vinho envelhecido em garrafa (à francesa), por redução; em casco é oxigenado pela porosidade da madeira, fendas, etc. considerados melhores.

Vintage, engarrafamento apreciado pelos Ingleses (100 garrafas cada ano, há 22 anos que está juntando o que considera melhor).

Quinta Rueda

Lágrimas (suco doce), mosto (fermentado)

Cubas de cimento (argelinas) para fermentação, já fizeram 2/3/4 vindimas. Uma válvula autovinificadora faz a emulsão semelhante ao pé do homem.

(*) autovinificadora.

Caderno 58, 1966, p. 72 a

Economia de mão-de-obra 60%

1500 pipas, 2 turnos 12-0 / 0-12

6 pessoas, 4 limpeza, 1 encarregado. Produzem 200 pipas, compra uva de 1200 (a vários produtores).

A Qª Barmec para o autovinificador. O mosto desce para a cuba argelina, onde decanta (deixa o pé) e para os tonéis onde se lhe junta aguardente.

O pé do engajo foi comprado só um ano por uma fábrica de aglomerados de madeira, não compraram mais, enterram com estreme (mau).

200 000 pipas no Douro, mais ou menos.

1966 – autorizaram a beneficiar 60 000.

Casa do Douro, aguardente para 4 vindimas.

Economia de mão-de-obra 60%

1500 pipas, 2 turnos 12-0 / 0-12

6 pessoas, 4 limpeza, 1 encarregado. Produzem 200 pipas, compra uva de 1.200 (a vários produtores).

A Qª Barmec para o autovinificador. O mosto desce para a cuba argelina, onde decanta (deixa o pé) e para os tonéis onde se lhe junta aguardente.

O pé do engajo foi comprado só um ano por uma fábrica de aglomerados de madeira, não compraram mais, enterram com estreme (mau).

200.000 pipas no Douro e 1966 - autorizaram a beneficiar 60.000

Casa do Douro, aguardente para 4 vindimas

Caderno 58, 1966, p. 72 b

Os geios são destruídos para preparar a mecanização, embora não haja ainda máquina que dê satisfação.

(O IVP só deixa beneficiar o que entenda poder vender: 1966 – 60 mil, 1965 – 40 mil)

Croft (1775 para Sirgo), só ingleses (Rueda)

Casuleira – casa do casulo para o bicho da seda, desapareceu por completo.

90% vinho

9% azeite

1% policultura de prejuízo

O problema será a colocação dos bons vinhos de pasto. Vendem na Régua 2\$ (11^o), atacadista, que o vende a 4\$, o taberneiro a... o copo!

Os geios q' destruídos p' preparar a mecanização, embora não haja ainda máquina q' dê satisfação.
 (O IVP só deixa beneficiar o q' entenda poder vender: 1966 - 60 mil, 1965, 40 mil!)
Croft, só ingleses (Rueda)
 1775 p' Sirgo
Casuleira - casa do casulo p' o bicho da seda, desapareceu por completo.
 90% vinho
 9% azeite
 1% policultura de prejuízo
 O problema será a colocação dos bons vinhos de pasto. Vendem na Régua 2\$ (11^o), atacadista, q' o vende a 4\$, o taberneiro a... o copo! 220

Caderno 58, 1966, p. 73 a

Cubas de balões



Para armazenamento
 cuba mais segura
 tonel mais arrumação

Na Rueda de macacauba tonéis de castanho

Esta cuba leva 124 pipas (x 550 l.)

Transporte:

- 1) Porque há rabelos
- 2) Caminho-de-ferro, que tinha o exclusivo do transporte, desordem
- 3) Camioneta
- 4) Camiões-cisternas (20 pipas)

a mão-de-obra da cascaria é muito cara; o exportador debita tão barata no mercado que não a devolvem mais... (ida e volta 280 Km a V. N. Gaia); a camioneta um pouco mais barata que o caminho-de-ferro \$17 / litro.

Para armazenamento
 cuba mais segura
 tonel mais arrumação
 Na Rueda de macacauba tonéis de castanho
 Esta cuba leva 124 pipas (x 550 l.)
 Transporte:
 1) Porque há rabelos
 2) Caminho-de-ferro, que tinha o exclusivo do transporte, desordem
 3) Camioneta
 4) Camiões-cisternas (20 pipas)
 a mão-de-obra da cascaria é muito cara; o exportador debita tão barata no mercado que não a devolvem mais... (ida e volta 280 Km a V. N. Gaia); a camioneta um pouco mais barata que o caminho-de-ferro \$17 / litro. 93

Caderno 58, 1966, p. 73 b

Capacidade total +/- 2000 pipas
 A cuba de madeira envelhece melhor, a de cimento é mais fácil de limpar.
 - de madeira 800 (2 cubas, 12 tonéis)
 - de cimento 1200 (20)
 Motocabrestante só com bandas verticais (apenas um tem).
 Lavra, sulfatação
 Podar não se vê como motocultivadores não dão por causa da muita pedra lavra com machos.
 Homem 22\$ comer mulheres 11\$
 Croft, uma quinta só, compram a 40 o vinho e a mais de 200 as uvas.
 Trabalhadores permanentes poucos (uns seis), 20 no decurso do

capacidade total 2000 pipas
 a cuba de madeira envelhece
 melhor, a de cimento é
 + fácil de limpar
 - de madeira 800 (2 cubas, 12 tonéis)
 - de cimento 1200 (20)
 motocabrestante só y banda
 vertical (apenas um tem).
 lavra, sulfatação
 podar y se vê como
 motocultivadores y due por
 causa da muita pedra
 lavra y machos
 homem 22\$ comer 11\$
 croft, uma quinta só,
 compram a 40 o vinho e
 a mais de 200 as uvas.
 trabalhadores permanentes poucos
 (uns seis), 20 no decurso do

Caderno 58, 1966, p. 74 a

ano (rurais) que se vão revezando, na vindima
 80 (35 mulheres e rapazes).
 Lavar com arado é melhor que cavado (2/2 de
 cada lado no arado), há cerca de 12 anos, com
 boi (1).
 Na vindima 40\$ homens 20 mulheres (durante
 o dia, mais 4\$ noite quando necessário; as
 demais são pagas extraordinariamente).
Alimentação no ano
 [Propriedade pertencente ao administrador:
 36 000 pés, 29 pipas (2700\$ a pipa), na
 vindima junta dez contos]
 9H - tigela de sopa (almoço)
 12H - tigela de sopa mais arroz, massa, grão
 (jantar)

ano (rurais) que se vão revezando
 de, na vindima 80 (35
 e rapazes)
 lavar y arado é melhor y
 cavado (2/2 de cada lado no
 arado), há cerca de 12 anos,
 com boi (1).
 Na vindima 40\$ 20\$
 (durante o dia, y 4\$ noite
 quando necessário; as demais
 são pagas extraordinariamente)
alimentação no ano
 [pertencente ao administrador
 (Propriedade 36.000 pés, 29 pi-
 pas (2.700\$ a pipa), na
 vindima junta 10 contos).
 9H - tigela de sopa (almoço)
 12 - " " + arroz, massa,
 grão (jantar)

Caderno 58, 1966, p. 74 b

+ 100 gramas de bacalhau nos trabalhos mais pesados
 À noite – outra tigela água-pé (muito fraca) para acompanhar
 Sopa: arroz, feijão, massa, couve
 Aqui comem tripas, chouriço
 [na Régua: almoço, uma sardinha.]
 O ajudante de feitor é filho de um que esteve 43 anos de administrador: Comissário.

Serviços na vinha
 Planta-se o americano no ano seguinte é enxertado um pouco abaixo do solo (fenda)
 1) escava (até à fenda para cortar todas as raízes acima)

+ 100 gramas de bacalhau nos trabalhos mais pesados
 À noite - outra tigela água-pé (muito fraca) para acompanhar
 Sopa: arroz, feijão, massa, couve
 Aqui comem tripas, chouriço
 [na Régua: almoço, uma sardinha.]
 O ajudante de feitor é filho de um que esteve 43 anos de administrador: Comissário.

Serviços na vinha
 Planta-se o americano no ano seguinte é enxertado um pouco abaixo do solo (fenda)
 1) escava (até à fenda para cortar todas as raízes acima)

74b

Caderno 58, 1966, p. 75 a

empurra a água e adubação (Dez./Jan.)
 2) roda, só fica um braço (vara) de cada lado (Jan.)
 3) erguida, prender a vara ao arame do bando (logo a seguir)
 4) adubação (3/3 anos) – Fev./Mar.
 5) cava ou lavragem e tapar o buraco da escava (Março)
 6) sulfatar, logo que rebenta com um palmo (3, 4, 5 vezes, 10/15 dias de intervalo)
enxofra (2x) – Maio/Agosto
 7) emparação: prender o pânpano ao arame, nos intervalos
 8) redra (Maio/Junho), arranque da erva que se não enterra.

empurra a água e adubação (Dez./Jan.)
 2) roda, só fica um braço (vara) de cada lado (Jan.)
 3) erguida, prender a vara ao arame do bando (logo a seguir)
 4) adubação (3/3 anos) – Fev./Mar.
 5) cava ou lavragem e tapar o buraco da escava (Março)
 6) sulfatar, logo que rebenta com um palmo (3, 4, 5 vezes, 10/15 dias de intervalo)
enxofra (2x) Maio/Agosto
 7) emparação: prender o pânpano ao arame, nos intervalos
 8) redra (Maio/Junho), arranque da erva que se não enterra.

75

Caderno 58, 1966, p. 75 b

9) vindima

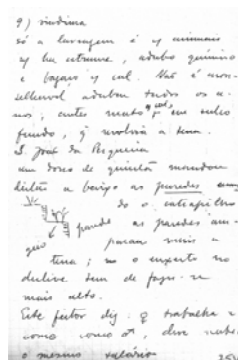
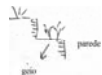
Só a lavragem é com animais, não tem estrume, adubo químico e bagaço com cal. Não é aconselhável adubar todos os anos; antes mato com cal em sulco fundo, que revolva a terra.

S. João da Pesqueira

Um dono de quinta mandou deitar abaixo as paredes usando o catrapilho; as paredes amparam mais a terra; O enxerto no declive tem

de fazer-se mais alto.

Este feitor diz: a mulher trabalha e come como o homem, deve receber o mesmo salário.



Caderno 58, 1968, p. 111

21.VI.68

iter Penamacor → Sabugal

Adiante de Sto. Estevão muda a paisagem: castanheiro nos campos, carvalho negral tratado em mato alto ou baixo (e não sobreiro), giesta (não esteva).

Aldeias aglomeradas talvez a partir de Meimoa (não concentradas)

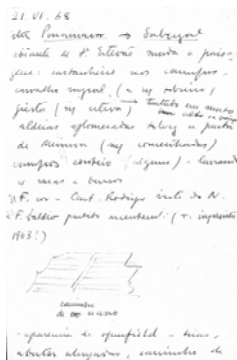
Campos de centeio (alguns) – lavrando com vacas e burros.

31 F. cor – Castelo Rodrigo visto do Norte

32 F. baldio partido recentemente (v. inquérito 1963?)



- aparência de openfield – trias, abertos alongados, caminho de



Caderno 58, 1968, p. 112 a

acesso no meio.

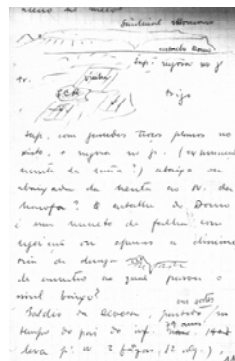


Sup. com grandes troços planos no xisto, mais rugosa no granito (exumação recente da rufia?) abaixo ou abaixada da Meseta ao Norte da Marofa? O entalhe do Douro é um resalto de falha com rejeição ou apenas a dissimetria de dureza



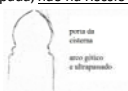
de encontro ao que parou o nível abaixo?

Baldio da Devesa, partido em sortes no tempo do pai do inf. 79 anos leva para W 3 fangas (12 alq.),



Caderno 58, 1968, p. 112 b

Do outro lado do caminho 6 alq. antes havia boieiros para guardar a boiada na devesa ainda há 60 (?) fogos dentro das muralhas, de memória de homem
95
R. da Cadeia, R. do Quebra Luz, R. do Saco, R. Tapada, não há Rossio nem R. Direita



Figueira de C. R.
Largos das feiras (um de gado, outro de gente) nas 5ª feiras que seguem o 1º Domingo, outra 15 dias depois. O Largo maior é o largo dos Putos por causa do



Caderno 58, 1968, p. 113 a

chafariz onde estão umas casas de metal escuro que não são pretas.

Escalhão – gr. igreja s. XVII com rica obra de talha, aldeia muito grande e fortemente aglomerada.

No entalhe do Douro vegetação mediterrânea.

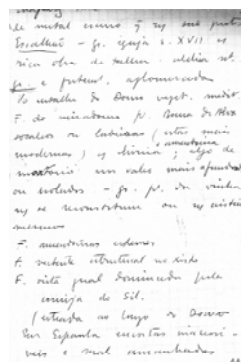
F. do miradouro para Barca de Alva socalcos ou ladeiras (estas mais modernas) com oliveira e amendoeira; algo de mortório nos vales mais afundados ou isolados – grande parte da vinha não se reconstituiu ou não existiu mesmo.

F. amendoeiras estremes

F. vertente estrutural no xisto

F. vista geral dominada pela cornija do Sil.
(estrada ao longo do Douro)

Em Espanha encostas inacessíveis e mal amanhadas



Caderno 58, 1968, p. 113 b

com oliveira e amendoeira (pouco) e largos trechos sem cultura.

Os olivais aparecem no cimo das lombas e nas rechãs. Juníferas *oxiurds* na vertente espanhola.

Freixo de Espada Cinta

N.º. Sr.ª. dos Montes Escuros (oregão)

Desenvolvida em dois eixos paralelos entre a igreja manuelina e torre octogonal isolada e o convento arrimado. Rua Direita.

Vários pequenos largos.

Aspecto muito rústico e lojas apenas tradicionais.

7 oliveiras e amendoeira (pouco)
e largos trechos sem cultura.
Os olivais aparecem no cimo das
lombas e nas rechãs. Juníferas
oxiurds na vertente espanhola.
Freixo de Espada Cinta
N.º. Sr.ª. dos Montes Escuros (oregão)
Desenvolvida em dois eixos
paralelos entre a igreja
manuelina e torre octogonal
isolada e o convento arrimado
da Rua Direita.
Vários pequenos largos.
Aspecto muito rústico e lojas apenas
tradicionais.

Caderno 58, 1968, p. 114 a

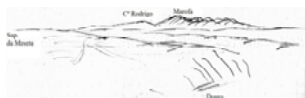


O elemento morfológico principal é a Meseta (v. alt. abaixo da qual fica o entalhe simples do Douro NNE/SSO, sem rechãs e o conjunto de formas estruturais desentranhadas da tectónica hercínica. O rio afluente do Douro (Ribeira do Mosteiro) que tanto recebe as redes adaptadas à estrutura do fundo do barco como da boteeira só se explica formado ao nível da aplanção dos cumos (aliás 680-720m); a 500 aplanção local do Freixo; a 600



Caderno 58, 1968, p. 114 b

aplanção local de Poiães.



Do Penedo Durão para Sul
 a) sup. plana horizontal rígida da Meseta
 b) níveis inclinados (glacis) para o Douro
 c) entalhe brutal do Douro
 Rechãs no Douro até altura do nível do Freixo (500 m) que parece ser dele; o nível de Poiães

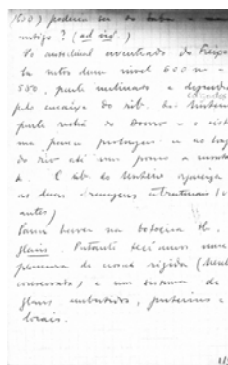


Caderno 58, 1966, 1968, p. 115 a

(600) poderia ser do Sabor e mais antigo? (ad vid)

No anticlinal esventrado do Freixo há restos dum nível 600 m – 550, parte inclinado e degradado pelo encaixe da ribeira do Mosteiro (Cágados) parte rechã do Douro – o sistema parece prolongar-se ao longo do rio até um pouco a montante. A ribeira do Mosteiro organiza as duas drenagens estruturais (v. antes).

Parece haver na botoeira também glacis. Portanto teríamos uma planura de erosão rígida (Meseta conservada) e um sistema de glacis embutidos, posteriores e locais.



Caderno 58, 1968, p. 115 b

Poiareis

defesa, da igreja, indivisa, arrematada para um qualquer semear \$ em proveito da igreja – Duas folhas 1) folha 2) restolho



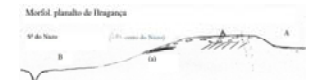
F. lameiros com vacas e burros
vale comum Fonte de Aldeia – começam a aparecer lameiros murados.
vale = lameiro comum
cerrado = lameiro individual
Terra de Miranda (inf. Paula)
 mão do pão // mão das aradas



Caderno 58, 1968, p. 116 a

F. preto 1) arados e grades (rastros)
Constantim

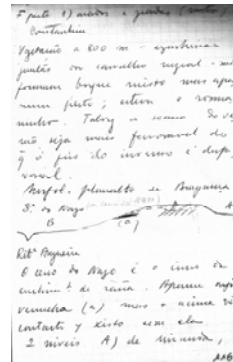
Vegetação a 800 m – azinheiras juntas ou carvalho negral não formam bosque misto mas aparecem perto; esteva e rosmaninho. Talvez a secura do verão seja mais favorável do que o frio do inverno é desfavorável.



Ribeiro da Angueira

O cerro de Nazo é o cimo do enchimento de raña. Aparece argila vermelha (a) mas mais acima vê-se contacto com xisto sem ela.

2 níveis A) de Miranda,



Caderno 58, 1968, p. 116 b

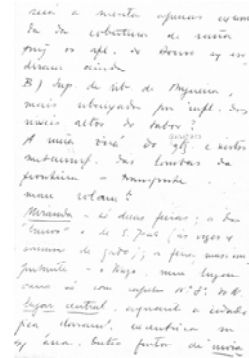
será a menta apenas exumada da cobertura de raña porque os afluentes do Douro não erodiram ainda.

B) Superfície da ribeira de Angueira, mais rebaixada por influência dos níveis altos do Sabor?

A raña virá do quartzo e xistos metamórficos das lombas da fronteira – transporte – mau rolamento.

Miranda – só duas feiras; a dos “burros” e de S. João (às vezes com consumo de gado); a feira mais importante – o Nazo, num lugar ermo só com capela Nª Sra. do Nazo.

Lugar central, enquanto a cidade fica claramente excêntrica na sua área. Outro factor de inviabilidade.

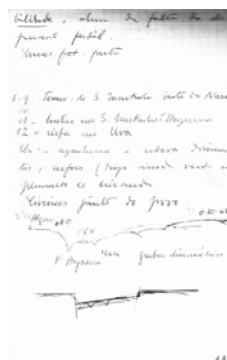


Caderno 58, 1968, p. 117 a

além da falta de depressão fértil.
Várias fot. Preto

- 8-9 – Termo de S. Martinho visto do Nazo
 - 10
 - 11 – Hutar em S. Martinho de Angueira
 - 12 – ceifa em Uva
- Obs. – azinheira e esteva dominantes, ceifas (trigo ainda verde no planalto de Miranda).

Oliveiras junto do povo



Caderno 58, 1968, p. 117 b

Foto p. cor – Castelo de Algozo
Algozo

Várias vistas de campo de víboras

Morfol. – o conjunto dos interplúvios Sabor, Maçãs, Angueira parece antes um bloco esbatido limitado por exemplares de xisto pouco nítidos, mas com grandes extensões planas e não rechãs ao longo dos cursos de água. Começaria aqui o regime das depressões abrangidas N/S que fragmentam a Meseta: esta só tem unidade no planalto de Miranda. As próprias vistas de quartize de Mogadouro aparecem abaixadas tectonicamente (cart. de Algozo).

Várias fot. p. Campo de Víboras

